

Universidade de Brasília - UnB

Rogério Rezende

Centro de Brasília: projeto e reconfiguração:
O caso do Setor de Diversões Sul – Conic

Brasília
Setembro de 2014

Universidade de Brasília - UnB

Rogério Rezende

Centro de Brasília: projeto e reconfiguração:
O caso do Setor de Diversões Sul – Conic

Defesa de dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, no Departamento de Teoria e História em Arquitetura (FAU/THA), para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Sabóia Fonseca Cruz

Brasília
Setembro de 2014

Rogério Rezende

Centro de Brasília: projeto e reconfiguração:

O caso do Setor de Diversões Sul – Conic

Esta dissertação tem como objetivo a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo e está inserida na área de Teoria e História em Arquitetura (THA) do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de Brasília (UnB).

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Luciana Sabóia Fonseca Cruz
Orientadora – FAU | UnB

Prof. Dr. Jaime Gonçalves de Almeida
Examinador Interno – FAU | UnB

Prof. Dr. Vinícius M. Netto
Examinador externo – FAU | UFF

AGRADECIMENTOS

À minha família, à minha mãe Marlene Soares e principalmente aos meus tios, Ana Maria e José Higino, pelo suporte dado durante todo este tempo.

À minha orientadora Luciana Sabóia pela paciência e pelo conhecimento compartilhado.

Aos amigos de mestrado: Ana Carolina Milhomens, Airton Costa, Celma Souza, Giselle Moll, Liz Sandoval e Eduardo Soares, pelas experiências e bons momentos compartilhados.

Às pessoas que contribuíram para a construção desta pesquisa, Professora Dra. Gabriela Tenório, Paula Dutra Calainho, Flávia Portela.

À Sara Santos Moraes pela amizade, apoio e imensa contribuição para a construção desta pesquisa.

Aos meus amigos pelo apoio e compreensão durante esta jornada.

RESUMO

Brasília, a capital planejada por Lúcio Costa em 1957, é considerada uma das maiores concretizações da Carta de Atenas, por incorporar na sua concepção a setorização baseada nas funções: morar, trabalhar, circular e recrear. Localizado no principal cruzamento da cidade, o Setor de Diversões Sul foi projetado em 1961, como parte de um centro urbano que se pretendia agregador e cosmopolita,. Sua arquitetura, uma “mistura em termos adequados de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées”, concentraria equipamentos de lazer urbano como teatros, cinemas, bares, restaurantes e cafés. Embora tenha sido idealizado um requintado conjunto de edifícios voltados ao entretenimento urbano, ao longo dos anos, sucessivas transformações físicas e sociais, conformaram uma outra realidade, que a princípio se choca com sua proposta original.

Desde a sua inauguração, o setor vem sendo apropriado por uma diversidade de grupos sociais, cada qual utilizando os espaços do setor a sua maneira. Durante dia e noite, skatistas, artesãos, boêmios, grafiteiros, evangélicos, prostitutas e sindicalistas vem transformando cinemas em templos religiosos; calçadas em pista de manobra; fachadas em painéis grafitados, praças em feiras; escadas em palanques, porões em discotecas. Assim, a pesquisa busca compreender como o processo de configuração do setor ao longo dos anos contribuiu para a construção desse espaço (físico e social) de hoje; e como o projeto, construção e apropriação social dialogam com suas propostas originais.

Parte-se da hipótese de que o espaço projetado e construído, resulta em possibilidades que podem ou não ser exploradas, e que as apropriações sociais implicam em novas formas de apreensão ou até mesmo em transformações da sua espacialidade. A pesquisa abordará o processo de configuração do Setor de Diversões Sul, concentrando em três aspectos principais: projeto, construção e as apropriações sociais; e que serão desenvolvidas à partir da pesquisa documental a fontes primárias - projetos, jornais, levantamentos fotográficos e entrevistas.

Palavras-chave: Brasília, centralidade, Setor de Diversões Sul, Conic, configuração, apropriação.

ABSTRACT

Brasília, the capital that was planned by Lúcio Costa in 1957, is considered one of the greatest achievements of the Athens Charter for incorporating to its conception the sectorization based on the four functions of the city: dwelling, work, transport and recreation. Located at the main intersection of the city, the Setor de Diversões Sul (SDS)¹ was designed in 1961 as part of an urban center that was intended to aggregate people and to be cosmopolitan. Its architecture, a 'mixture, in good proportions, of Piccadilly Circus, Times Square and Champs Elysées', would concentrate equipments for urban leisure such as theaters, cinemas, bars, restaurants and cafes. And even though it was designed as an exquisite collection of buildings meant for urban entertainment, another reality took place over the years with successive physical and social transformations, which, at first, clashes with its original objective.

Since its inauguration, a variety of social groups has taken ownership over the area. Each group has used the spaces of the sector in their own way. Night and day skaters, artisans, bohemians, graffiti artists, christians, prostitutes and union workers are transforming cinemas into religious temples, sidewalks into skate lanes, façades into graffiti panels, plazas into fairs, stairs into lecterns and basements into nightclubs. Thus, this research seeks comprehension of the process of configuration of the sector over the years for the construction of this space (both physical and social) and how this project, the construction and social appropriation, dialogues with its original objectives.

Assuming the hypothesis that the designed and built space results in possibilities that may or not be utilised, and that social appropriations imply in new forms of apprehension or even in changes in its spatiality, this research will address the configuration process of the Setor de Diversões Sul, focusing on three main aspects: project, construction and social appropriations. Documentary research on primary sources, such as projects, newspapers, photos and interviews, was used to consolidate the knowledge of this research.

Keywords: Brasilia, centrality, Setor de Diversões Sul, CONIC, configuration, appropriation, ownership.

¹ South Entertainment Sector

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo 1 – Modernidade, centralidade e espaço público	13
1.1 – Modernidade e espaço público	14
1.2 – O Movimento Moderno e o centro urbano	25
Capítulo 2 – O centro de Brasília	31
2.1 – O Plano Piloto de Lucio Costa e a questão da centralidade	32
2.2 – O centro de Brasília e o Setor de Diversões Sul	40
Capítulo 3 – O Setor de Diversões Sul	52
3.1 - O centro cosmopolita em configuração	53
3.2 - Conic degradação e diversidade social	57
3.3 – O Conic resignificado	68
Capítulo 4 – Centralidade e convivências : práticas contemporâneas no Conic	81
4.1 –O calçadão do Conic	85
4.2 –A praça do Chapéu	90
4.3 –O largo do Teatro Dulcina	99
4.4 –O largo da boemia	108
Considerações finais	115
Lista de Ilustrações	122
Referências Bibliográficas	127

Rogério Rezende

Centro de Brasília: projeto e reconfiguração

O caso do Setor de Diversões Sul – Conic



INTRODUÇÃO

Esta dissertação discute diversos aspectos do processo de formação e ocupação do Setor de Diversões Sul, localizado na cidade de Brasília, Distrito Federal. Dentre eles, podem ser citados: 1) Aspectos conceptuais de modernidade e centralidade urbana 2) Aspectos projetuais e do processo de construção do setor; e 3) Relação entre o espaço construído e as apropriações ao longo do tempo. Embora não seja original quanto ao tema, o trabalho apresenta-se como uma novidade ao direcionar a atenção ao processo de construção do Conic enquanto espaço físico e social. Devido à interdisciplinaridade que o tema exige, torna-se difícil seu esgotamento. Assim, por meio de um recorte temático, que abrange questões conceituais envolvidas no processo projetual e aspectos específicos no transcurso da construção, assim como as relações que estes dois aspectos se relacionam com a apropriação social do setor.



Fig. 1 Vista aérea da Plataforma Rodoviária, 2013. Foto: Eduardo Soares.

Brasília, a capital planejada por Lúcio Costa em 1957, é considerada uma das maiores concretizações da Carta de Atenas (1933), por incorporar na sua concepção a setorização baseada nas funções: morar, trabalhar, circular e recrear. Segundo o Movimento Moderno, “a cidade deveria assegurar nos planos espacial e arterial a liberdade individual e o benefício da ação coletiva” (CORBUSIER, 1993). Considerava-se necessária a retomada do solo como um bem público e a inserção de amplas áreas não edificadas, como espaços de convivência e integração social. O ideário modernista partia da noção de um homem universal; nesse sentido, os espaços públicos apresentar-se-iam como espaços de manifestação dessa coletividade.

Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país. (COSTA L. , Relatório do Plano Piloto de Brasília, 1957)

O partido de Brasília surgiu do cruzamento de dois eixos que conformariam posteriormente a base do sistema viário, organizando ao longo destes as áreas de habitação, lazer e trabalho. Sobre o cruzamento dos eixos monumental e rodoviário, elevou-se a plataforma rodoviária, na forma de uma praça que estabeleceria a conexão com os setores comercial, cultural e bancário por intermédio do Setor de Diversões; compondo, assim, o core da cidade, através de características agregadoras.

O Setor de Diversões Sul – SD-S – foi idealizado em 1957 e projetado por Costa, em 1962, como parte integrante de um centro urbano que pretendia se agregador e cosmopolita. O setor estabeleceria a transição entre a plataforma rodoviária e os setores adjacentes, além de abrigar equipamentos voltados ao entretenimento e ao comércio: teatros, cinemas, casas de espetáculos, bares, restaurantes, etc. Sua arquitetura, uma “mistura em termos adequados de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées” (COSTA L. , 1957), pretendia, por meio da fusão entre a modernidade e a tradição, recriar a atmosfera de boemia do centro do Rio de Janeiro , como a Rua do Ouvidor e, ao mesmo tempo, estimular o caráter cosmopolita típico de capitais como Nova Iorque, Paris e Londres.

No entanto, em 1960, a capital recém inaugurada ainda carecia de uma densidade que conferisse a vitalidade urbana idealizada para o centro de

Brasília. Como parte integrante da plataforma rodoviária, foram elaborados os projetos referentes ao SD-S e medidas de incentivo foram adotadas para a sua construção e ocupação. A escolha do SD-S em detrimento do norte deu-se em função do processo inicial de ocupação da parcela sul da cidade, onde se concentrava a maior parte da população.

O projeto do SD-S consistia em um parcelamento do solo em lotes independentes, conectados por meio de passagens e largos, conformando assim um quarteirão. O perímetro do setor abrigaria edifícios em altura, com ampla oferta de salas comerciais e, no seu interior, construções mais baixas destinadas aos teatros, cinemas e casas de espetáculos.

Antes da conclusão das obras do setor, a carência de espaços para a instalação de escritórios levou parte das representações internacionais e órgãos do governo que transferiam-se para a nova capital a se instalar no setor. Para atender a esse público, implantou-se um comércio requintado, com cinemas de arte, cafés, livrarias, bares e boutiques, concretizando as expectativas iniciais do seu idealizador. Contudo, ao longo dos anos, embora tenha sido planejado um requintado centro de entretenimento urbano, sucessivas transformações físicas e sociais conformaram uma outra realidade.

Passados mais de cinquenta anos de sua inauguração, a cidade projetada para quinhentos mil habitantes extrapolou os limites da cidade planejada, conformando uma realidade de 2,5 milhões de habitantes, distribuídos em 31 Regiões Administrativas que ainda estabelecem um vínculo de dependência com a capital. A centralidade de Brasília, reforçada pela convergência do sistema viário e dos meios de transporte para a rodoviária, assim como pela concentração da oferta de empregos e serviços nos setores centrais, favorece com que, diariamente, um intenso fluxo de pessoas frequente a região central da cidade. A pressão exercida por essa população possibilitou que esse centro,

ao longo dos anos, adquirisse características que assemelham-se aos centros das cidades satélite.

Entretanto, na medida em que o SD-S vem se afirmando como um importante centro comercial e de serviços para grande parcela da população, parte dos moradores do Plano Piloto tendem a evitar a área central. As explicações abarcam o medo da violência, o estigma de lugar decadente, além de apontarem para a conveniência do shopping center como alternativa segura e por concentrar comércio, equipamentos de lazer e serviços num mesmo espaço.

Por outro lado, a crítica especializada¹ atribui a não consolidação das intenções do Relatório do Plano Piloto como falhas de projeto. Para estes, o projeto é visto como um domínio fechado, que exclui o habitante como um agente transformador do espaço, sendo a análise das formas de apropriação social ou de pós-ocupação apenas indícios de sucesso ou fracasso do projeto arquitetônico.

Para o antropólogo James Holston (1993), a concepção da capital, ao adotar o ideário da Cidade Funcionalista, criou uma "jornada de separação" entre Brasília e o restante do país, anulando experiências da vida urbana tradicional das cidades brasileiras.

A idealização de Brasília fez parte do contexto de "modernização" discutido e elaborado em um momento histórico específico, que resultou em algumas reflexões teóricas. Em "A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia" de 1993, Holston atribui a redefinição urbana modernista à desorientação do habitante, à monotonia e à impessoalidade da arquitetura modernista que, ao invés de criarem espaços propícios ao convívio social,

¹ Ver em (XAVIER E KATINSKY, 2012)

² Assim como o ambiente urbano e seus becos e edifícios abandonados tornavam-se território dos punks, os hippies

geravam um esvaziamento da esfera pública, tornando a cidade monótona e sem vida.

Holston aponta ainda o caráter utópico do desejo de “transformação da sociedade brasileira” (1993, p. 28) a partir da concepção e organização de Brasília. Segundo o autor, a sociedade brasileira é historicamente desigual e estratificada, sendo o acesso aos serviços e equipamentos urbanos diferenciado de acordo com as diversas classes sociais: “Brasília é apresentada não apenas como a antítese dessa estratificação, mas também, como seu antídoto, como o “berço” de uma nova sociedade” (HOLSTON, 1993, p. 28). O ideal de igualdade presente em uma “perfeita coexistência social” desconsideraria, segundo Holston, aspectos constitutivos próprios da sociedade brasileira.

Por outro lado, a noção de um homem universal idealizada pelo Movimento Moderno foi bastante criticada a partir de 1960. No contexto de uma Europa que ainda se reerguia após a devastação da guerra, a descrença nas promessas advindas do progresso tecnológico e dos discursos universalizantes do início do século deram lugar a uma percepção fragmentada da realidade. (LYOTARD, 1988, p. 16). Com o declínio das narrativas totalizantes, a ideia de um homem universal cuja sobrevivência estava atrelada a uma vida em coletividade caminhou para a desconstrução.

O pós-moderno, enquanto condição da cultura nesta era, caracteriza-se exatamente pela incredulidade perante o meta discurso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes. (LYOTARD, 1988, p. 8).

O fluxo de informações advindo dos avanços tecnológicos do pós guerra possibilitou o reconhecimento de um pluralismo cultural, antes diluído sob os discursos igualitários. A descrença pela não concretização dos ideais defendidos pelos discursos universalizantes, como a construção de uma sociedade democrática e igualitária, estimulou uma discussão que começou a questionar qualquer forma de controle ou imposição. Nesse contexto, surgiram os primeiros movimentos de contestação, conhecidos como de Contracultura: hippies, punks, Tropicália, etc. Tais movimentos buscavam no compartilhamento de interesses comuns a valorização do indivíduo e a construção de uma identidade através da qual pudessem se reconhecer.

Segundo Harvey (2011, p. 109), os movimentos jovens de Contracultura surgidos no pós-guerra em grandes cidades europeias buscavam, por meio da moda, arte e música, construir uma identidade que lhes fosse própria. Códigos estéticos e de conduta passaram a identificar cada grupo, assim como formas de expressão, fala, escrita, comportamento. Nesse contexto, alguns espaços da cidade passariam a ser preteridos por cada grupo em seus encontros, o que levou certas regiões ou pontos específicos das cidades a se tornarem territórios vinculados a grupos específicos.²

A estes agrupamentos foi atribuído o conceito de tribalismo urbano pelo sociólogo Michel Maffesolli (1997). Segundo o autor, o termo tribo urbana define agrupamentos estruturados ou semiestruturados que se organizam em torno do reconhecimento e de interesses em comum. Assim, tal qual as tribos primitivas, o tribalismo pós-moderno compartilha a ideia de um mito comum. Segundo o autor, é na pós-modernidade que o tribalismo urbano ressurge e ganha força e representatividade no ocidente pós-guerra. Para Maffesolli, a

²Assim como o ambiente urbano e seus becos e edifícios abandonados tornavam-se território dos punks, os hippies preferiam os parques e áreas verdes.

sociedade homogênea idealizada pelo movimento moderno deu lugar a uma sociedade fragmentada e plural que, dividida, buscou se organizar em pequenos grupos, baseados em interesses comuns. A configuração das tribos então “se faz a partir do sentimento de pertença, em função de uma ética específica e no quadro de uma rede de comunicação” (MAFFESOLI, 1997, p. 198) e se manifesta por meio da apropriação de determinados espaços dentro do cenário urbano. Utilizou-se o termo tribo nesta dissertação nesse sentido proposto por Maffesoli.

Torna-se interessante, portanto, a análise de como os espaços igualitários projetados no contexto dos discursos universalizantes do início do século são apropriados contemporaneamente, em que se configura uma nova ordem social, fragmentada e plural. Em 1985, Brasília já apresentava uma conformação urbana e social diferente do idealizado. Costa, o autor do Plano, em uma visita à rodoviária relatou:

Então, eu senti esse movimento, essa vida intensa dos verdadeiros brasilienses, essa massa que vive nos arredores e converge para a Rodoviária. Ali é a casa deles, é o lugar onde se sentem à vontade (...) Isto tudo é muito diferente do que eu tinha imaginado para esse centro urbano, como uma coisa requintada, meio cosmopolita. Mas não é. Quem tomou conta dele foram esses brasileiros verdadeiros que construíram Brasília e estão ali legitimamente. É o Brasil... E eu fiquei orgulhoso disso, fiquei satisfeito. É isto. Eles estão com a razão, eu é que estava errado. Eles tomaram conta daquilo que não foi feito para eles. Então eu vi que Brasília tem raízes brasileiras, reais, não é uma flor de estufa como poderia ser, Brasília está funcionando e vai funcionar cada vez mais. Na verdade, o

sonho foi menor que a realidade. A realidade foi maior, mais bela. Eu fiquei satisfeito, me senti orgulhoso de ter contribuído.
(COSTA L. , 1995)

O reconhecimento da diversidade social e de formas de apropriação da cidade, de forma diferente da planejada revelam que apenas as intenções previstas em projeto não são suficientes para determinar como o espaço será vivenciado. Aliado a isso, há uma tendência em desqualificar espaços que, por não corresponderem às intenções de projeto, são tratados como degradados ou que necessitam de intervenções de requalificação.

A tendência em avaliar os espaços públicos pela sua capacidade de gerar lucros classifica centros comerciais rentáveis como modelos de sucesso e seu oposto como fracasso. Esse discurso vem legitimando ações de intervenção em espaços ditos degradados, como justificativa para processos de revitalização urbana. O modelo pode ser exemplificado pelo próprio Setor de Diversões: enquanto de um lado o Setor de Diversões Norte (Conjunto Nacional) se impõe como o mais rentável shopping do país, do outro o Conic como um centro comercial "popular" é tido como o "primo pobre". Entretanto, com um olhar mais atento ao SD-S, percebe-se a ocorrência de atividades que vão além daquelas comerciais. Skatistas, artesãos, boêmios, grafiteiros, evangélicos, prostitutas e sindicalistas vêm transformando esse espaço, convertendo cinemas em templos religiosos, calçadas em pista de manobra, praças em feiras, escadas em palanques, porões em discotecas. As atividades desempenhadas pelos diversos grupos fornecem um panorama da complexa composição social que se apropria do setor. De certa forma, tanto as apropriações como a morfologia do setor são responsáveis por esse processo de resignificação da sua arquitetura. Nesse sentido, a pesquisa que deu

origem a esta dissertação busca compreender como o processo de configuração do setor ao longo dos anos contribuiu para a construção desse espaço (físico e social) atual; e Como projeto, construção e apropriação social dialogam com suas propostas originais.

Para a construção da pesquisa, foram feitas consultas aos órgãos públicos responsáveis pelo arquivamento de documentos, plantas arquitetônicas e urbanísticas e fotografias referentes ao setor, como: Arquivo Público do Distrito Federal e Administração Regional de Brasília. Foram coletados também junto a Casa de Lucio Costa, por intermédio da arquiteta Maria Elisa Costa, documentos onde o setor era citado ou referenciado. Fontes secundárias foram coletadas junto aos arquivos de jornais locais como: Correio Braziliense, Jornal do Brasil, Jornal de Brasília. Outras fontes, por meio da pesquisa bibliográfica a artigos, dissertações, teses e livros publicados.

Como objetivo, a pesquisa analisará como esse espaço que foi continuamente modificado ao longo dos anos é apropriado hoje. Pretende-se analisar como as configurações de projeto e do espaço edificado do Conic favoreceram as atuais apropriações sociais, e como estas atuam na transformação ou reconfiguração desse espaço. A pesquisa apresenta um estudo sistemático do processo de construção e apropriação do Setor de Diversões Sul.

Alguns estudos sobre o tema foram apresentados nas áreas de sociologia, antropologia e arquitetura. No entanto, não se tem conhecimento de um estudo específico sobre o SD-S, que mescle, ao mesmo tempo, questões sociais e antropológicas e suas relações com a arquitetura. Um importante artigo, publicado pelo sociólogo Brasilmar Ferreira Nunes no Caderno Metrópole em 1999, discute aspectos de composição social e etnográfica do setor. Abordagens direcionadas às disciplinas da arquitetura e do urbanismo foram feitas por alguns profissionais da área, contudo, não elegem o Conic

como objeto específico, mas inserem-no em uma discussão mais ampla que trata sobretudo da questão do centro urbano em sua totalidade.

A estrutura da dissertação está organizada em quatro capítulos, além desta Introdução e da Conclusão:

O capítulo 1, por meio da revisão de literatura, inicia com os desdobramentos dos conceitos de modernidade, centralidade e espaço público inseridos no contexto das transformações urbanas resultantes da industrialização de cidades europeias no século XIX. A partir do desenvolvimento destas ideias, serão discutidas as teorias urbanas que resultaram na Carta de Atenas em 1933.

O capítulo 2 é uma revisão bibliográfica sobre Brasília, abordando as premissas modernistas incorporadas no projeto, assim como as questões de centralidade e espaço público. Também serão abordadas as alterações feitas ao projeto de 1957, assim como as intervenções ocorridas durante a implantação do Relatório de Plano Piloto que interferiram na conformação do centro urbano. Nesse capítulo, o projeto do Setor de Diversões será examinado, considerando-o como elemento de fundamental importância para a consolidação deste centro urbano.

No capítulo 3 se discorrerá sobre o Setor de Diversões Sul, seu projeto e as alterações ocorridas ao longo do processo de implantação. As narrativas foram construídas a partir de depoimentos coletados em jornais antigos, buscando incorporar no texto, os diversos agentes que atuaram no processo de construção do SD-S.

O capítulo 4 traz uma análise dos espaços públicos do SD-S atualmente, com foco nas diversas formas de apropriação que a sua configuração proporciona. De acordo com o conceito de tribalismo urbano, apresentado anteriormente

(MAFFESOLI, 1997), a abordagem terá como foco a conformação dessas tribos e como elas interagem com os espaços, delimitando seus territórios.

E por fim, nas considerações finais, se discorrerá sobre como processo de conformação da centralidade de Brasília e do Setor de Diversões Sul, contribuiu para a conformação físico/social atual, e como estes dialogam com suas propostas originais.

CAPÍTULO 1

MODERNIDADE, CENTRALIDADE E ESPAÇO PÚBLICO

A primeira parte deste capítulo discute a construção dos conceitos de espaço público e centralidade urbana a partir do processo de modernização das cidades industriais europeias. Neste sentido, serão abordados aspectos relacionados ao surgimento de uma sociedade urbana e aos conflitos gerados pela nova conformação das cidades industriais. A segunda parte do capítulo aborda questões relacionadas às propostas de remodelamento urbano que posteriormente foram sintetizadas pelos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna, na forma da Carta de Atenas em 1933.

1.1 MODERNIDADE E ESPAÇO PÚBLICO

A experiência moderna descrita por Marshall Berman em “Tudo que é sólido se desmancha no ar” (1986) traduz a atmosfera de transformações ocorridas nas cidades industriais no século XIX. As promessas de prosperidade vindas com o processo de industrialização anunciaram as profundas mudanças pelas quais passaram a sociedade e a estrutura das cidades na virada do século. Para Berman (1986, p. 15), a abrangência da experiência de modernidade atinge a todos, sem distinção, transformando o universo ao redor, destruindo antigos saberes e produzindo novos paradigmas. A modernidade como um vetor de transformações promoveu um turbilhão de mudanças em estruturas consolidadas – descobertas científicas, desenvolvimento tecnológico, mudanças sociais – no ritmo da vida e no urbanismo das cidades.

A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode se dizer que a modernidade une a espécie humana (BERMAN, 1986, p. 15).

Segundo o sociólogo e historiador Richard Sennett (1988), o aumento populacional e as transformações dele decorrentes nas cidades industriais europeias durante o século XIX foram os responsáveis pelo surgimento de uma sociedade urbana e da configuração dos centros urbanos, tanto pela composição social como pela nova conformação espacial destes centros.

Para a história do urbanismo, considera-se o processo de industrialização da Europa como o propulsor de uma modernização da estrutura urbana sem precedentes (LEFEBVRE, 1991, p. 11). Segundo o arquiteto e historiador Leonardo Benévolo (1987, p. 35 e 36), o aumento da oferta de trabalho nas cidades onde as indústrias prosperavam impulsionou o deslocamento de camponeses em direção aos centros urbanos. Já o desenvolvimento tecnológico possibilitou o aumento da produção industrial e agrícola que, somado à redução dos índices de mortalidade por meio de descobertas na área da saúde, resultou em um aumento populacional nunca antes visto (FRAMPTON.K., 2008, p. 14).³



Fig. 2 – Rua de Londres, séc XIX - Fonte: ilustrações do pintor francês Gustave Doré (1832-1883)



Fig. 3 - Rua de Londres, séc XIX - Fonte: ilustrações do pintor francês Gustave Doré (1832-1883)

A estrutura das cidades industriais não comportava o crescente aumento populacional. Ruas e praças acumulavam funções como circulação, trocas

³ A população de Manchester cresceu oito vezes no curso do século (XIX), passando de 75.000 em 1801 para 600.000 em 1901, enquanto Londres, no mesmo período, crescia de cerca de 1 milhão para 6,5 milhões. Paris expandiu de 500.000 em 1801 para 3 milhões em 1901. (FRAMPTON.K., 2008, p. 14).

comerciais e encontros. Suas reduzidas dimensões foram acentuadas pelo aumento do fluxo de pessoas e pela sobreposição de atividades desenvolvidas nestes espaços.⁴ A necessidade de adaptação da cidade tradicional à nova realidade trazida com a industrialização proporcionou uma transformação da estrutura urbana ao novo contingente populacional de algumas cidades europeias, como Londres e Paris.

Pode-se dizer que o processo de industrialização é indutor e que se pode contar entre os induzidos os problemas relativos ao crescimento e a planificação, as questões referentes à cidade e ao desenvolvimento da realidade urbana, sem omitir a crescente importância dos lazeres e das questões relativas à cultura. (LEFEBVRE, 1991, p. 11)

A emergência de transformações no tecido urbano passaram a ser cruciais para o funcionamento da cidade e para o bem estar social. Nesse contexto, a reforma promovida pelo Barão de Haussmann em Paris, na segunda metade do século XIX, é considerada o marco inicial de um processo de modernização urbana sem precedentes na história das cidades.⁵

Haussmann, então secretário de obras, promoveu entre os anos 1852 e 1870 o alargamento das ruas e a criação de um sistema arterial de circulação composto por bulevares e avenidas que rasgavam o tecido urbano tradicional, conectando bairros distantes ao centro. O tratamento dado aos espaços

⁴ Outras referências clássicas sobre o processo de transformações urbanas decorrentes do processo de industrialização de algumas cidades europeias podem ser encontradas em: BENEVOLO, 1983; BENJAMIN, 1985; BENÉVOLO, 1994; BERMAN, 1986; LEFEBVRE, 1991; MUMFORD L. , 1961; SENNETT, 1988; entre outras.

⁵ Ver em FRAMPTON.K., 2008, p. 17; CHOAY, 2003, p. 4; BENJAMIN, 1985, p. 40;; BENÉVOLO, 1987, p. 9; BERMAN, 1986, p. 142; LEFEBVRE, 1991, p. 11.

públicos, como a criação de largas calçadas, praças e parques transferiu a população, antes associada aos espaços domésticos, aos espaços públicos. Devido à escala com que essas reformas aconteceram, a modernização de Paris se tornou referência, não apenas pela morfologia resultante da reforma, mas pelo novo cenário urbano e pelo modo de viver associado ao surgimento de uma sociedade urbana. Esse modo de viver estava associado às novas experiências trazidas com a modernização da cidade, que resultaram no contato entre diversas culturas que se encontravam nos centros urbanos.

O modo de vida que surge com a industrialização expôs trabalhadores, antes acostumados com atividades agrícolas, regidas pelos ciclos da natureza, a uma jornada de trabalho física e psicologicamente extenuante. (CORBUSIER, 1993, p. 15). A luta e a conquista por direitos, como diminuição da jornada de trabalho, melhoria dos salários, férias e descanso semanal remunerado, antes tidos como privilégios, resultaram em vantagens para a própria indústria. Já o aumento de uma massa consumidora estimulou o surgimento de lojas para o seu comércio.

Segundo Choay (2003), as alterações no tecido urbano de Paris foram posteriormente implementadas em outras cidades. A abertura de grandes avenidas (artérias), conectando áreas distantes ao centro, e a construção de estações foram recorrentes em cidades que passaram pelo mesmo processo de remodelamento urbano. Seguido pela especialização de setores urbanos (quarteirões de negócios do novo centro, próximos à bolsa de valores, Igreja, teatro e bairros residenciais periféricos destinados aos mais privilegiados), outros elementos foram introduzidos na cidade. As proporções dessas mudanças alteraram o aspecto da cidade, como aquelas observadas nos grandes magazines "Belle Jardinière, 1824 e Bon Marché, 1850." (CHOAY, 2003, p. 4).

O desenvolvimento da arquitetura do ferro e do vidro favoreceu o aparecimento das vitrines nas lojas e galerias, levando para fora dos locais de produção os produtos para a exposição. As novidades da indústria e construção tornaram-se um grande atrativo para a população, que passou a praticar o footing – o ato de passear pela cidade para ver e ser visto – um dos símbolos da vida pública moderna.

Por outro lado, a inserção dos dias de folga possibilitou manutenção e reprodução da força de trabalho e, ao mesmo tempo, inseriu um tempo ocioso a ser ocupado com outras atividades. A ideia de lazer surge nesse contexto de industrialização, como o tempo livre a ser ocupado com atividades recreativas, necessárias tanto aos trabalhadores como à indústria.



Fig. 4 - Fotografia de 11825-27, retrata uma das Galerias Comerciais de Paris –
Fonte: GEIST, 1898, P.512.



Fig. 5 - Rua do Ouvidor em 1890.
Fotografia: Mark Ferrez

Segundo Sennett (1988), no contexto da cidade industrial, surge o termo cosmopolita, utilizado para definir aspectos da vida nos espaços públicos das cidades. O termo cosmopolita define, segundo o autor, o homem que habita grandes cidades e que circula em meio a multidão de desconhecidos com

destreza e se sentindo à vontade em situações que não eram comuns em seu ambiente natural (privado/familiar). (SENNETT, 1988, p. 31)

Esta rua é uma das principais artérias da cidade; e estivera todo o dia pejada de pessoas. Porém, à medida que a escuridão caía, a multidão aumentava a cada momento (...) Nunca havia estado em situação semelhante naquele período da tarde e, assim, o mar tumultuoso de cabeças humanas enchia-me de uma nova deliciosa emoção. Com o decorrer do tempo, deixei de prestar atenção ao que se passava no interior do hotel e quedei-me absorto na contemplação da cena exterior. (POE, 1999)

A presença da população nos espaços públicos, proporcionou a visualização do outro, do diferente, e essa alteridade passou a representar a vida nos centros urbanos. "O homem na multidão" de Edgar Allan Poe e o "Flâneur", de Charles Baudelaire, exploram a imagem da cidade industrial do século XIX por meio de personagens anônimos, como o "errante misterioso e solitário" vagando em meio a uma multidão de estranhos pelas ruas. Segundo Benjamin (1985, p. 39), essas imagens e personagens ilustram o modo de vida urbano no período.

A ideia de sociedade moderna passa a ser caracterizada pela forte presença da diversidade social nas ruas, da convivência e dos conflitos gerados pelo estranhamento em relação ao outro. Nesse sentido, a diversidade cultural nas cidades industriais proporcionou uma nova compreensão da ideia de vida

pública urbana.⁶ O ambiente urbano passou a ser caracterizado pela diversidade de sua composição social, em que o indivíduo, ao mesmo tempo que vê com estranhamento o outro, reconhece-se também como estranho e se vê como parte de algo maior, coletivo. Os espaços públicos tornam-se então espaços dessa coletividade, ambientes de socialização, de manifestação e de representação social. (SENNETT, 1988)

Em “A condição humana” (1958), a filósofa Hannah Arendt faz apontamentos importantes para a compreensão da ideia de espaço público. Segundo a autora, para entender o conceito de espaço público, torna-se necessário o entendimento da condição humana, por meio da compreensão da *vita activa* em três dimensões: em labor, trabalho e ação. A dimensão do labor caracteriza as necessidades vitais do ser humano, a busca pela sobrevivência. O trabalho relaciona-se à atividade que busca a produção de elementos artificiais, para que com eles possa sobreviver e permanecer no tempo. Contudo, ambas as dimensões situam-se na esfera privada da existência humana. Já a ação é a dimensão associada à vida coletiva, à atividade política; ou seja, compreende a noção de homem como um ser coletivo, não apenas como um indivíduo isolado.

A ação, portanto, está associada à ideia de participação coletiva em prol de interesses comuns. Nesse sentido, espaço público é analisado como o ambiente onde a manifestação dos interesses coletivos acontece. Contudo, para que o espaço público seja de fato um lugar de manifestação política, a pluralidade, assim como a alteridade, seriam pré-requisitos para a construção desse conceito.

⁶O termo vida pública é utilizado por Richard Sennett para definir a experiência urbana moderna que acontece fora do ambiente privado. (SENNETT, 1988)

A alteridade é, sem dúvidas, aspecto importante da pluralidade; é a razão pela qual todas as nossas definições são distinções e motivo pela qual não podemos dizer o que a coisa é sem distingui-la de outra. Em sua forma mais abstrata, a alteridade está presente somente na mera multiplicação de objetos inorgânicos, ao passo que toda vida orgânica já exhibe variações e diferenças, inclusive entre indivíduos da mesma espécie. Só o homem, porém, é capaz de exprimir essa diferença e distinguir-se. (ARENDT, 1958, p. 189)

Assim, a pré-condição para que a ação aconteça é a existência de uma pluralidade que, por sua vez, não acontece na esfera privada, mas na vida pública. Os encontros que se estabelecem nos espaços coletivos, favorecem o entendimento dos indivíduos como semelhantes, sendo as diferenças compreendidas pela fala e pelo discurso. Nesse sentido, a ação acontece no âmbito do discurso e da troca de experiências que, por consequência, constitui a ideia de um bem comum. A ação encontra na pluralidade as condições necessárias à sua existência, a compreensão do homem pelo homem em dois aspectos: igualdade e diferença. Assim, o espaço público pode ser compreendido como um espaço de discussão, de compartilhamento de ideias e de experiências vividas.

O homem, segundo Arendt, é um ser condicionado, reproduz estruturas pré-existentes; espaços são recriados com base em um repertório coletivo compartilhado por meio das experiências vividas. Ou seja, esse espaço é continuamente reconfigurado na medida em que essas vivências e experiências são discutidas e compartilhadas.

É possível traçar, nesse sentido, um paralelo entre o pensamento da autora e a construção do espaço segundo o filósofo Martin Heidegger. Segundo o autor, em seu artigo "Habitar, construir e pensar", o construir e o habitar apresentam, a princípio, uma relação meio/fim. Contudo, o ato de pensar (projetar) e construir já são, em si, um habitar, pois implicam na reflexão do espaço constituído antes mesmo de sua concretização. Voltando à discussão do espaço público como um espaço habitado (vivenciado) em sua pluralidade, a sua representação é continuamente reconstruída em sua relação espaço-tempo.

Paul Ricoeur em "Arquitetura e narratividade" (1998), discute a configuração arquitetônica, através de um percurso que leva o leitor a refletir sobre os conceitos de tempo, memória e história. Para o autor, da mesma forma em que a narrativa textual se constrói em uma temporalidade, o espaço arquitetônico, se concretiza ao longo do tempo. Ricoeur propôs um "embaralhamento" entre a configuração arquitetônica e a configuração da narrativa temporal, ou seja, cruzar o espaço e tempo com o construir e o narrar - "a arquitetura está para o espaço como a narrativa está para o tempo, a saber, como operação configurante". Assim como o tempo narrado apresenta-se como um misto entre o tempo cronológico e o tempo psíquico, o espaço construído é um misto entre o espaço geométrico e o das memórias vividas.

A narrativa, em Ricoeur, trás a ideia de síntese sobre acontecimentos, uma capacidade ordenar fatos e recontá-los, possibilitando configurar e reconfigurar os acontecimentos ocorridos no passado, no tempo presente. Ricoeur propõe a sua teoria da mimesis, segundo a qual a construção do espaço pode ser analisada através de três estágios ou narrativas: prefiguração, configuração e refiguração.

A pré-figuração, na narrativa textual, constitui-se dos acontecimentos em um dado momento específico que antecedem o ato de escrever. É o momento em que os dados factuais são compreendidos e organizados de forma a construção da narrativa. Segundo a teoria da Mimesis, pode se inferir que a pré-figuração estaria inserida no campo prático da vida cotidiana, da convivência e da troca de experiências. No âmbito da arquitetura, a pré-figuração sugere os condicionantes que antecedem ao ato projetual, como repertório, intenções e concepção, na forma de desejos, anseios e expectativas para o projeto. Neste sentido a pré-figuração encontrar-se-ia no campo da memória, do tempo vivido, das experiências e promessas, da ideia, do projeto.

A segunda mimese, denominada configuração, é o estágio de conformação da narrativa, o eixo central da ação configuradora. Distanciada no tempo dos fatos cotidianos, institui-se pela escrita e pela técnica narrativa, a construção da obra literária. Sendo o autor, quem organiza e dá um sentido lógico e coerente às lembranças do passado. Reconstruindo a história através da junção dos eventos isolados por meio de um fio condutor que oriente e organize de forma coerente, criando uma lógica para os acontecimentos. A configuração versa sobre o ato concreto de intervenção no espaço, construir no tempo presente. “o arquiteto atua como o agente narrador, na construção do espaço-narrativa. É na configuração em que acontece a ação projetual, que por sua vez, resgata os elementos pré-configurante na concepção espacial” (RICCOEUR, 1998).

A terceira etapa, a refiguração, completaria o ato mimético das narrativas configuradoras por inserir a percepção do leitor-habitante sobre a obra constituída. Neste sentido o espaço arquitetônico é então reconfigurado por meio da percepção do leitor-habitante na leitura e interpretação do espaço construído. Essa leitura, por sua vez se relaciona ao repertório de quem

vivencia esse espaço, que o reconfigura de forma a adequá-lo as suas necessidades.

Neste sentido, o espaço arquitetônico se apresentaria sempre inacabado, pois sempre haveria possibilidades de reconfigurações de acordo com os desejos e inquietações daqueles que vivenciam o espaço. O sentido do espaço construído não estaria portanto, apenas na concretude do espaço geométrico, mas também no sentido que é dado pela sua apropriação.

Um dos pontos principais da teoria de Ricoeur é a compreensão do habitante, e não apenas do arquiteto, como agente configurador do espacial, na medida que reconfigura o espaço, por meio da impressão das suas necessidades, inquietações e expectativas na sua forma de interpretar este espaço.

Segundo Saboia (2009) para o autor, a aproximação entre a narrativa e a arquitetura se torna mais estreita, ao ponto que, o tempo narrado e o espaço construído intercambiam seus significados. A compreensão do espaço construído por meio da análise da prefiguração, configuração e refiguração permitem com que infinitos arcos sejam formados em torno de um centro comum. Essa centralidade, por sua parte, a cada vez que se converge para seu núcleo, torna-se mais próximo da compreensão da delimitação do problema.

Desta forma, a pesquisa foi organizada na forma de narrativas de configuração do espaço construído, de acordo com os três estágios analíticos propostos por Ricoeur.

1.2 O MOVIMENTO MODERNO E O CENTRO URBANO

Para a historiadora Françoise Choay (2003, pp. 1-56), a partir da consciência reflexiva e crítica dos problemas urbanos decorrentes do aumento demográfico nas cidades industriais, foram formuladas reflexões teóricas acerca de possíveis soluções para estes problemas. Dentre estas formulações, a autora pontua dois momentos principais que, posteriormente, orientaram grande parte das teorias modernas desenvolvidas a partir do século XX.

A partir do posicionamento crítico aos problemas da cidade industrial, duas correntes de pensamento orientaram soluções urbanas – progressistas e culturalistas. O modelo progressista partia de uma concepção do homem como um ser universal, dotado de necessidades básicas cientificamente dedutíveis e independentes de diferenças culturais, lugar e tempo.⁷ Partindo dessa premissa, o traçado urbano passou a ser organizado através de uma classificação que reproduz as funções humanas essenciais e as instala em locais distintos – o habitat, o trabalho, a cultura e o lazer (CHOAY, 2003, p. 9). Segundo o modelo progressista, como forma de se garantir uma maior salubridade, o tecido urbano deveria ser amplo e aberto, utilizando grandes áreas verdes como respiros, com o objetivo de garantir a ventilação e a insolação entre os edifícios.

Já o modelo culturalista tem como princípio o homem não como um indivíduo isolado, mas como parte integrante de um agrupamento humano, com suas particularidades e idiosincrasias. Os culturalistas propuseram um resgate da experiência urbana inspirada nas cidades medievais, com dimensões modestas

⁷ O termo "modelo" é apresentado por François Choay devido ao 'valor exemplar das construções propostas e seu caráter reprodutível. (...) esses modelos do pré-urbanismo não são estruturas abstratas, mas pelo contrário, imagens monolíticas, indissociáveis da soma de seus detalhes" (CHOAY, 2003, p. 7).

e inseridas em uma paisagem naturalística. O modelo negou as proporções da cidade industrial e sugeriu uma estrutura urbana polinucleada, dispersa em pequenos núcleos urbanos.

Versões revisitadas dos dois segmentos teóricos foram desenvolvidas na virada do século XX. Contudo, houve o fortalecimento do modelo progressista a partir da sua adoção pelos arquitetos racionalistas, que culminaram com a publicação de uma formulação doutrinária conhecida como Carta de Atenas, em 1933, no IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna – (CIAM).

Os CIAMs tiveram um papel fundamental na difusão do urbanismo funcionalista durante o século XX. Em 1928, durante o IV CIAM, discutiram-se propostas que buscavam solucionar o crescimento desordenado das cidades industriais. Após esse congresso, foi produzida a Carta de Atenas, considerada um dos mais importantes documentos criados pelo Movimento Moderno⁸. Para o Movimento, a cidade deveria *assegurar, nos planos espiritual e arterial, a liberdade individual e o benefício da ação coletiva*. Partia-se da ideia do homem como um ser social, cuja existência estaria atrelada a uma convivência em coletivo⁹. A ideia de um homem tipo, com necessidades básicas universais, independente do tempo, espaço e de questões culturais, orientou o urbanismo modernista. De acordo com a Carta, as cidades deveriam se organizar na forma de setores que refletissem as atividades humanas fundamentais do habitante cidadão: habitar, trabalhar, circular e recrear.

⁸ “A primeira publicação oficial com este teor, que se chamou “Carta de Atenas”, coube aos Anais Técnicos, órgão oficial da Câmara Técnica de Atenas, que publicou em grego e francês [...] na edição de novembro de 1933. Por outro lado, as conclusões dos trabalhos foram organizadas e anonimamente publicadas por Le Corbusier em 1941, sob o título de “A Carta de Atenas”, quando acrescentou-lhe tópicos e ênfases que refletiam a sua maneira de encarar as questões” (A Carta de Atenas, 1993, apresentação).

⁹ “Isolado, o homem sente-se desarmado; por isso liga-se espontaneamente a um grupo. Entregue somente a suas forças, ele nada construiria além de sua choça e levaria, na insegurança, uma vida submetida a perigos e a fadigas agravadas pelas angústias da solidão. Incorporado ao grupo, ele sente pesar sobre si o constrangimento de disciplinas inevitáveis, mas, em troca, fica protegido em certa medida contra a violência, a doença, a fome: pode aspirar a melhorar sua moradia e satisfazer também sua profunda necessidade de vida social. Transformado em elemento constitutivo de uma sociedade que o mantém, ele colabora direta ou indiretamente nas mil atividades que asseguram a sua vida física e desenvolvem sua vida espiritual.” (CORBUSIER, 1993, p. 1)

O urbanismo modernista apresentava-se como uma estrutura descentralizada e dispersa. O tecido urbano foi organizado na forma de setores, sendo atribuído a cada "função e a cada indivíduo seu justo lugar" (CORBUSIER, 1993, p. 8). Devido à necessidade de separação entre áreas de moradia e trabalho, excluiu-se a ideia de centro urbano tradicional, isto é, a parcela urbana originalmente densa, diversificada quanto aos usos e heterogênea quanto à forma.

Considerava-se a configuração resultante da industrialização como um formato a ser evitado. As construções que se elevaram junto ao limite das vias, sem os afastamentos adequados, geraram condições insalubres, como a falta de ventilação e insolação. Essa conformação espacial impossibilitou a existência de espaços públicos proporcionais ao novo contingente populacional, o que tornou o remodelamento do ambiente urbano de forma adequada às suas novas proporções, uma questão emergencial. A retomada do solo como um bem público, uma das premissas do Movimento, indicava a liberação do térreo das edificações como estratégia para a inserção de áreas livres dentro do tecido urbano.

A criação de áreas voltadas ao uso coletivo foram favorecidas pela liberação do térreo das construções. O adensamento dos edifícios de habitação coletiva em altura, elevados sobre pilotis, eliminaram o domínio privado do solo em benefício do uso público do espaço urbano, possibilitando a inserção de áreas livres de convivência. A Carta de Atenas defendia a criação dos espaços vazios voltados à ação coletiva que, além garantir condições climáticas e salutareas desejáveis, possibilitariam a livre apropriação e integração social. A partir da Carta de Atenas, o conceito de lazer passou a ter uma maior importância na configuração das cidades.

Para os modernos, a identidade coletiva seria representada por seus espaços públicos como palco de expressão da coletividade. Pretendia-se que o vazio fosse o instrumento de abertura para configurar uma nova sociedade. (SABOIA, 2010, p. 2).

O conceito de recreação segundo o documento estava associado às atividades esportivas e ao ócio, em parques urbanos ou praias, dependendo da disponibilidade de recursos naturais da região. Esses espaços seriam utilizados em dias de folga ou finais de semana; em conformidade com a frequência de uso, estariam mais próximos ou distantes do perímetro urbano.¹⁰ Embora tenham sido muito difundidos, os princípios propostos pela Carta de Atenas não foram hegemônicos até mesmo dentro do Movimento. Arquitetos ligados ao MM questionavam que a dissolução dos centros urbanos antigos para implantação de estruturas urbanas modernas poderiam anular a experiência urbana tradicional, desconsiderando a importância dos centros urbanos tradicionais e promovendo uma supervalorização do urbanismo proposto pela Carta de Atenas. A partir de 1928, os CIAMs seguintes adotaram uma postura crítica em relação ao urbanismo funcionalista.

Em 1951, durante o VIII CIAM na cidade de Hoddesdon, discutiam-se alternativas ao urbanismo proposto pela Carta de Atenas. (MENEGUELLO, 2005) No contexto de uma Europa então devastada pela II Guerra Mundial, discutia-se a reconstrução das cidades históricas. A destruição dos tecidos urbanos (originalmente densos), levaram à reflexão sobre qual modelo seria mais adequado para a reconstrução dessas cidades.

¹⁰ “ Quando as cidades modernas possuem algumas superfícies livres e de uma extensão suficiente, tais áreas estão situadas ou na periferia ou no coração de uma zona residencial particularmente luxuosa. No primeiro caso, distantes dos locais de habitação popular, elas só servirão aos cidadãos no domingo e não terão influência alguma sobre a vida cotidiana... ”

No congresso foram discutidos diversos temas, como o urbanismo descentralizado feito nas emergentes cidades americanas, a criação dos subúrbios e a valorização do automóvel. Outra vertente apontava para valorização do pedestre, por meio do fechamento de ruas à circulação de automóveis, como havia sido feito em cidades inglesas, suecas e holandesas. A partir deste congresso houve uma valorização dos centros urbanos que passaram a ser considerados um elemento necessário à vitalidade das cidades. (MENEGUELLO, 2005)

O centro urbano passava a ser o elemento caracterizador de uma comunidade, voltado aos seus habitantes, (...) o repositório da memória da coletividade (...), e o local que possibilitava entender o aspecto comunitário da vida humana. (MENEGUELLO, 2005, p. 2)

A discussão promovida pelo congresso apontou para questões relacionadas à centralidade urbana, assim como para um resgate dos valores históricos e culturais típicos dos centros urbanos tradicionais. As cidades deveriam buscar integrar aos seus projetos, a inserção de elementos consolidados culturalmente pelas práticas coletivas, como a arquitetura comercial ordinária, e manifestações culturais e artísticas tradicionais – feiras, festividades locais, eventos de cunho religioso, etc. Assim, o centro urbano passou a ser identificado não apenas por sua espacialidade geográfica, mas também como repositório das experiências coletivas.

Os lazeres que os modernistas de 1933 relacionavam apenas às atividades de ócio e recreação passaram a incluir atividades ordinárias ao meio urbano, como

passar olhando vitrines, ir ao cinema ou teatro, frequentar cafés e bares e feiras, como uma atividade recreativa complementar. Embora o congresso de 1958 tenha antecipado a discussão sobre a cidade como lugar de diversidade, o tema ganhou força quase dez anos depois, como o lançamento do livro "Morte e vida nas grandes cidades americanas" (1961), da jornalista e socióloga Jane Jacobs. A autora denunciava o urbanismo modernista como o gerador de cidades monótonas e sem vida, além de apontar para a reconfiguração do espaço urbano que preconizasse pela diversidade de usos e usuários como estratégias de garantir a vitalidade nas cidades. Nos anos seguintes, outros teóricos, como Reyner Banhan, Sigfried Giedion, José Luis Sert e Fernand Léger, também teceram críticas sobre os resultados alcançados com as cidades planejadas baseadas nos princípios da Carta de Atenas. (FRAMPTON.K., 2008, p. 329).

Questionava-se a necessidade de se resgatar elementos que trouxessem significado à arquitetura, não apenas estéticos, mas também quanto a tipologia e aos usos. O arquiteto Robert Venturi, em 1977, apontou para a necessidade de se aprender com as paisagens urbanas tradicionais. A inclusão de atividades comuns ao cotidiano da cidade no planejamento urbano favoreceram a construção de uma paisagem tipicamente urbana (VENTURI, BROWN, & IZENOUR, 2003) O desenvolvimento das formulações teóricas acerca dos problemas urbanos, decorrentes do adensamento das cidades industriais, proporcionou uma consciência reflexiva sobre a própria experiência ambiental da modernidade. O sentimento de rejeição ao caos representado por estas cidades, ao longo dos anos, vieram a se tornar um referencial desejável de centralidade e modernidade.

CAPÍTULO 2

O CENTRO DE BRASÍLIA

O presente capítulo discute a questão da centralidade urbana planejada no projeto de Lucio Costa para Brasília, abordando os elementos caracterizadores deste espaço, assim como as intenções do arquiteto para consolidação deste centro. Procurou-se abordar tanto as questões projetuais quanto as do processo de implantação do plano urbanístico, como forma de compreender a conformação física deste espaço na sua configuração atual.

2.1 O PLANO PILOTO DE LUCIO COSTA E A QUESTÃO DA CENTRALIDADE

Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país. (COSTA, 1957)

O Plano Piloto de Brasília surgiu “do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz” (COSTA, 1957). O projeto foi apresentado na forma de uma planta urbanística e um memorial descritivo conhecido como Relatório do Plano Piloto. No documento constavam justificativas e diretrizes do partido adotado, assim como a setorização funcional, circulação, tipologia e morfologia dos edifícios que compunham a cidade.

O partido foi criado pelo cruzamento de dois eixos, na forma de uma cruz arqueada que, além da “adaptação à topografia local (e) ao escoamento natural das águas”, também organizaria o sistema viário. (COSTA, 1957). Nas duas extremidades do eixo curvo, de forma dispersa, foram localizados os setores de habitação e, no eixo vertical, os edifícios administrativos e os monumentos. Na transposição destes, o centro urbano.

A setorização funcional defendida pela Carta de Atenas previa um modelo descentralizado, com a definição de áreas com atividades específicas como trabalho e moradia. Contudo, Costa inseriu no seu Plano a centralidade urbana, geográfica e conceitual. Ou seja, um lugar com concentração de atividades comerciais e culturais, criando um espaço propício aos encontros e trocas, e de

manifestação da coletividade. A complementariedade do conceito de diversões presente no plano urbanístico de Costa revela a consonância do seu pensamento com o que havia de mais atual nas discussões dos CIAMs acerca da configuração das cidades. A revalorização dos elementos de centralidade urbana presente no RPP, assim como o resgate de propostas urbanas a exemplo da “cidade linear” e da “cidade jardim”¹¹, apresentaram conformidade com as discussões apresentadas no VIII CIAM (1951), realizado na cidade de Hoddesdon.

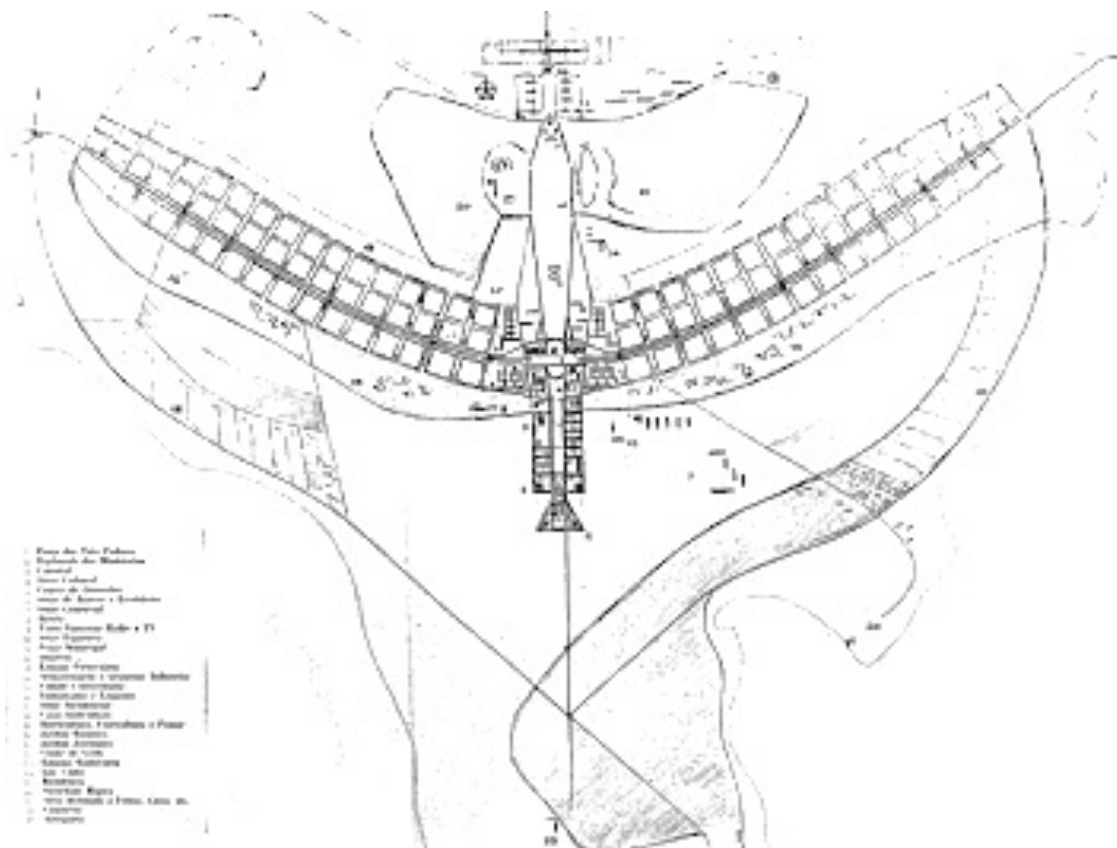


Fig. 6 - Projeto de Lucio Costa para o Concurso do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil.
Fonte: Costa (1991)

A superquadra, unidade urbanística que compunha o setor habitacional, era composta por uma ampla área verde, onde se dispunham os blocos residenciais

¹¹(CARPINTERO, 1998)

em altura, com quatro ou seis pavimentos. Junto a cada superquadra, separados por uma densa faixa arborizada, estariam o comércio com características locais e equipamentos urbanos comunitários (escola, igreja, cinema, etc.). Os espaços voltados à recreação, tal como o modelo apresentado na Carta de Atenas, foram introduzidos, em grande parte, na forma de amplas áreas verdes livres, que foram organizadas de forma diluída ao longo da cidade. Cada setor apresentava, portanto, uma parcela de área verde.

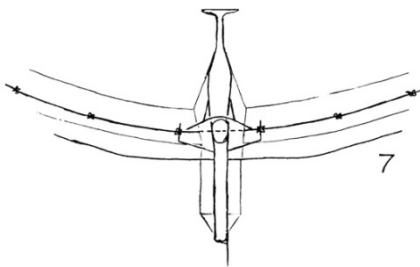


Fig. 7 - Croquis de Lúcio Costa. O primeiro a apresenta Plano geral de Brasília.

Fonte: (COSTA L. , 1957)

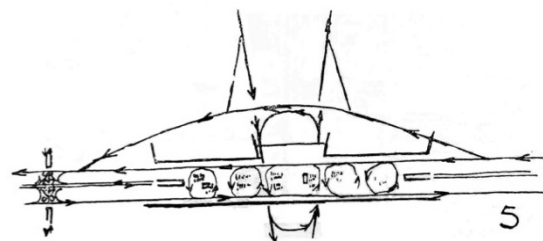


Fig. 8 - Setor Cultural e de Diversões.

Fonte: (COSTA L. , 1957)

No cruzamento dos eixos, a sobreposição em nível das vias possibilitou a transposição direta dos eixos Rodoviário e Monumental. Organizada em níveis, a estrutura que conforma a Rodoviária estabeleceria a ligação entre as escalas, sendo a transição entre o setor monumental e o gregário. A estrutura, composta por planos que se sobreporiam em níveis, abrigaria os elementos constitutivos da sua destinação funcional, assim como por equipamentos complementares, como lojas, restaurantes, cafés, etc. Na parte mais elevada desta construção, onde aconteceria a transposição dos eixos residenciais, criou-se uma ampla plataforma, não edificada, com exceção ao acesso de passageiros. Conformando uma praça pública com piso contínuo, seriam

dispostos os setores culturais (Casa de Chá e Ópera - a leste) e de Diversões (oeste). O Setor Cultural, acessado a partir da plataforma rodoviária, na sua parcela mais elevada, estabeleceria a conexão física e visual com as construções-símbolo da cidade – Esplanada dos Ministérios e Congresso Nacional. O Setor de Diversões também seria acessado pela plataforma superior da rodoviária, além de proporcionar conexão visual com outro importante símbolo da capital, a Torre de Tevê. Além de abrigar equipamentos voltados ao entretenimento, o setor estabeleceria a transição entre a baixa densidade do espaço construído (plataforma rodoviária) e as áreas mais adensadas que conformariam o centro urbano.

Neste centro, localizado junto ao principal cruzamento da cidade, as construções mais adensadas configurariam os setores cultural, comercial, hoteleiro, bancário e de diversões que, por sua vez, concentrariam as atividades comerciais e de serviços, com caráter regional (em contraponto ao comércio local das superquadras) e de entretenimento.

A implantação do Relatório do Plano Piloto ocorreu simultaneamente ao desenvolvimento do projeto urbanístico, que foi feito pela Divisão de Urbanismo da Novacap.¹² Durante o desenvolvimento das ideias apresentadas no plano urbanístico, alterações significativas foram feitas ao traçado original da cidade¹³. Em função do recorte temático, as alterações feitas no Plano ficaram restritas às que impactaram direta ou indiretamente na configuração da área central da cidade.

¹² Já no memorial, Costa destacou sua impossibilidade de desenvolvimento das ideias apresentadas no RPP. Entretanto, colocou-se à disposição para participação como consultor. O escritório de urbanismo da Novacap, que funcionou nos anos de 1957 a 1960 no Rio de Janeiro, transferiu-se para Brasília em 1964. Costa participou até 1966 como consultor regular, e em diante passou a colaborar apenas quando solicitado, ou em situações excepcionais. (COSTA & LIMA, 2009, p. 49)

¹³ Ver CARPINTERO, 1998 e LEITÃO., 2003.

Embora algumas modificações tenham se mostrado vantajosas, outras, no entanto, trouxeram complicações para a consolidação de alguns dos princípios idealizados. Uma das alterações mais significativas diz respeito ao deslocamento da implantação da cidade em direção ao lago Paranoá, buscando atender à sugestão feita pela comissão julgadora do concurso. O deslocamento buscava diminuir a extensão da área verde livre, assim como tornar a cidade mais próxima do lago.

Durante o desenvolvimento do projeto, a dimensão do eixo rodoviário foi encurtada, assim como a curvatura do arco, que ficou mais aguda. A criação das quadras 400 (a leste) e 700 (a oeste) aumentou a extensão da área urbanizada; conseqüentemente, houve o estrangulamento das quadras próximas ao centro urbano original, o que proporcionou seu aumento. Com a nova conformação espacial, o centro urbano original foi expandido e foram então criados os setores bancário, de autarquias, de rádio e tevê e hospitalar.

A nova situação topográfica implicou em uma readaptação da plataforma rodoviária que, antes enterrada, passou a ser semienterrada, devido ao caimento do terreno.¹⁴ Para resolver o desnível surgido com a elevação da plataforma, foram feitos aterros na parte norte e sul da plataforma, no trecho que conectaria a rodoviária ao Setor de Diversões e Hoteleiro. Tal alteração, por sua vez, proporcionou a continuidade entre os setores e, como resultado, criou-se um elevado talude entre o Setor Hoteleiro e Comercial, assim como no canteiro central do eixo monumental, entre os Setores de Diversão.

¹⁴ Ver LEITÃO, 2003 e CARPINTERO, 1998.

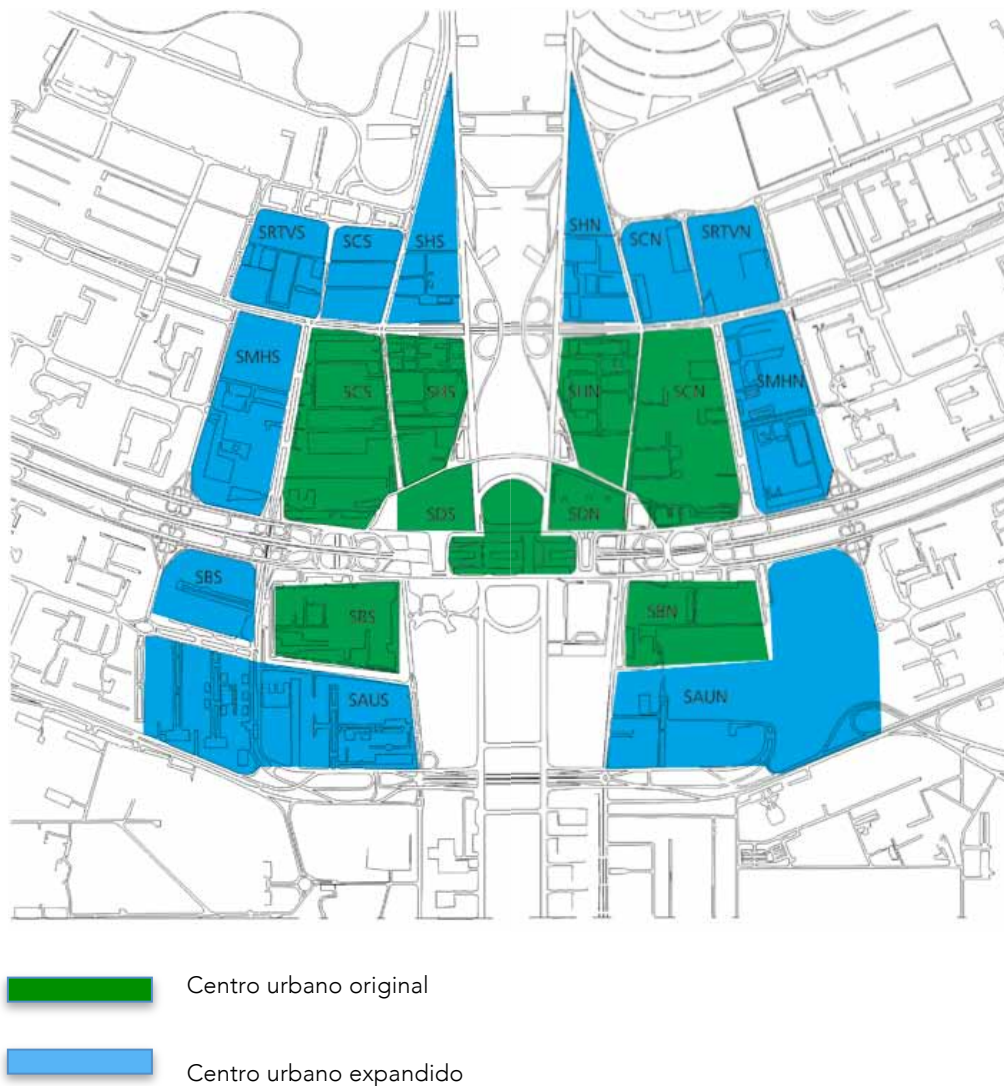


Fig. 9 – O centro urbano de Brasília Fonte: (LEITÃO, F. , 2009)

A plataforma rodoviária, que inicialmente cobriria integralmente o cruzamento dos eixos Monumental e Residencial, e que conformaria a grande praça pública, teve sua dimensão diminuída devido às dificuldades estruturais e financeiras para a sua execução. A solução adotada, em forma de 'H", abriu rasgos na plataforma que, como resultado, além da redução do custo da obra, proporcionou a conformação de um espaço mais leve e arejado.

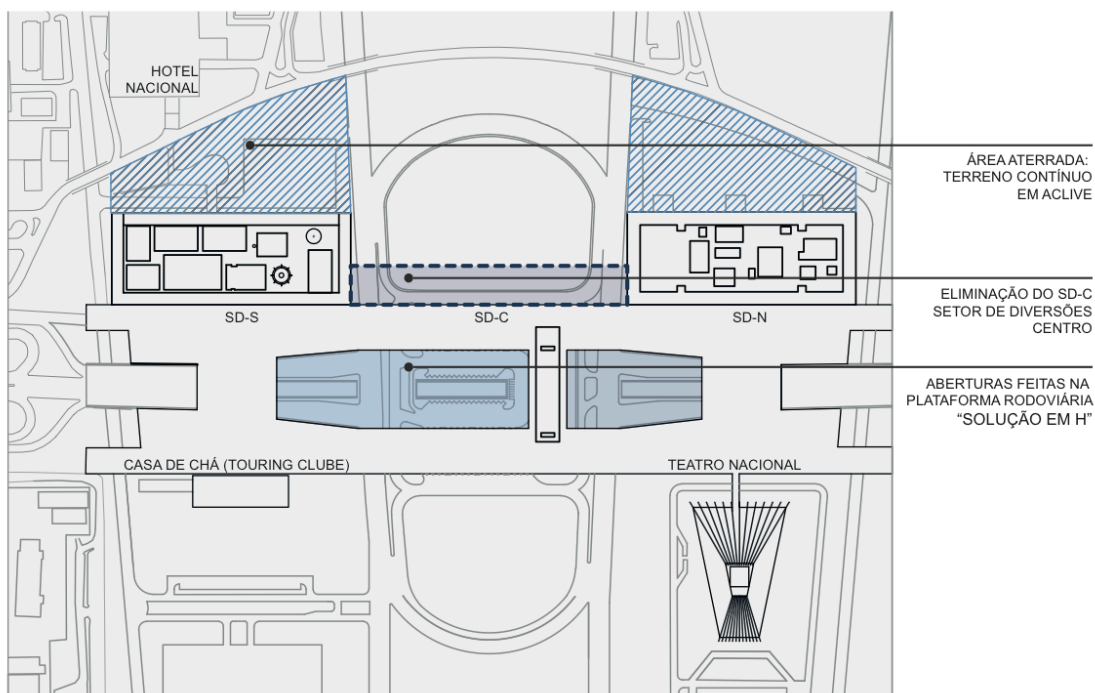


Fig. 10 – Gráfico com as alterações feitas na área central de Brasília. Fonte: Rogério Rezende

O Setor de Diversões seria composto pelos quarteirões (sul e norte) e interligado por meio de um elemento central que, além da função de conectar o setor sul ao norte, estabeleceria uma continuidade visual entre os dois blocos. Contudo, a execução deste elemento central, com "térreo vazado em toda a sua extensão"¹⁶, foi eliminado já no desenvolvimento do projeto, devido também a complicações estruturais¹⁷ e orçamentárias.

¹⁶ COSTA, 1957.

¹⁷ Ver em LEITÃO, 2003 e CARPINTERO, 1998.

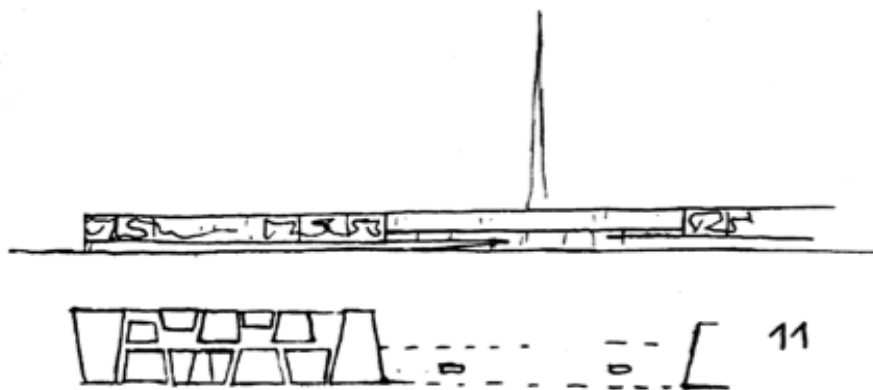


Fig. 11 - Croquis de Lúcio Costa do Setor de Diversões. Fonte: (COSTA L. , 1957)

Destas alterações, algumas tiveram resultados desfavoráveis ao setor e ao centro urbano como um todo. A redução da área útil sobre a plataforma rodoviária, que por um lado resultou em uma solução mais arejada e menos onerosa, por outro, apresentou uma considerável diminuição da praça pública. Já a eliminação do Setor de Diversões Centro criou uma descontinuidade entre os setores sul e norte. Além da falta da marquise que estabeleceria a ligação entre os setores, a falta do SD-C gerou um certo desconforto ao usuário, dificultando a permanência e, conseqüentemente, a fruição da paisagem.

Embora tenha havido a intenção de se consolidar a região central de Brasília nos primeiros anos de sua inauguração, a cidade ainda carecia de um volume de construções e de população que garantissem a vitalidade pretendida. Ainda havia poucas edificações próximas à rodoviária, onde deveriam concentrar as atividades comerciais e de entretenimento, como o Hotel Nacional e alguns edifícios do Setor Comercial. A necessidade de se consolidar o centro, como previsto, ainda que sem uma população suficiente para conferir a densidade e o caráter cosmopolita imaginados, orientaram a elaboração dos primeiros estudos para o Setor de Diversões Sul.

2.2 O CENTRO DE BRASÍLIA E O SETOR DE DIVERSÕES SUL

Como parte integrante da rodoviária e conseqüentemente do centro urbano da capital, o setor foi idealizado como um elemento articulador, fazendo a mediação entre o espaço não edificado da Plataforma e o núcleo urbano mais adensado. A sua concepção buscava na permeabilidade física o elemento chave para que este espaço estabelecesse uma franca conexão com seu entorno imediato. Projetado como algo agregador, esse espaço foi localizado junto à rodoviária como forma de garantir o amplo e livre acesso da população, como forma de se conferir a este centro a vitalidade urbana desejada.

(...) o centro de diversões da cidade (mistura em termos adequados de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées). Na face fronteira foram concentrados os cinemas e teatros, cujo gabarito se fez baixo e uniforme, constituindo assim o conjunto deles um corpo arquitetônico contínuo com galeria, amplas calçadas, terraços e cafés, servindo as respectivas fachadas em toda a altura de campo livre para a instalação de painéis luminosos de reclame. As várias casas de espetáculo estarão ligadas entre si por travessas no gênero tradicional da rua do Ouvidor, das vielas venezianas ou de galerias cobertas (arcades) e articuladas a pequenos pátios com bares e cafés, e "loggias" na parte dos fundos com vista para o parque, tudo no propósito de propiciar ambiente adequado ao convívio e à expansão. (COSTA, 1957)

Segundo o Relatório, o acesso ao setor seria feito através de galerias e arcadas e concentraria atividades voltadas ao comércio e ao entretenimento, como cinemas, teatros, bares, cafés e restaurantes. A sua concepção propunha o resgate das vivências cotidianas da tradição carioca de vida pública, associadas à sofisticação da vida urbana de grandes capitais reconhecidas por seu caráter cosmopolita.



Fig. 12 – Picadilly Circus, 1950.

Fonte: <http://backthen-magna.blogspot.com.br/2012/04/london-1959.html>



Fig. 13 – Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro – 1941 –Fonte:

<http://www.rioquepassou.com.br/>

Contudo, nos primeiros anos da inauguração de Brasília, este centro ainda carecia de uma população que conferisse a vitalidade pretendida para a região. A estratégia montada pela NOVACAP como forma de estimular a rápida ocupação da área foi a elaboração do projeto do Setor de Diversões Sul e a implementação de medidas que estimulassem a sua execução. A escolha da parcela sul em detrimento da norte deveu-se à maior ocupação da parte sul da cidade.

O primeiro estudo que se tem documentado é anterior à inauguração de Brasília e foi feito pelo arquiteto Glauco Campelo, em 1958¹⁸. O projeto

¹⁸ LEITÃO F. , 2003, p. 147.

apresentava-se como uma única edificação, composta por edifícios de 5 pavimentos na face leste e oeste e, no seu interior, galerias comerciais com mezanino. Sem subsolo, o acesso seria feito pela plataforma rodoviária e, por meio de galerias, estabeleceria conexão com o setor hoteleiro pela continuidade do terreno em aclave. O estudo feito por Campelo se aproximava de um anteprojeto de arquitetura; como não havia a intenção de se construir o SD-S, mas sim de estimular a sua construção, o projeto não foi executado e, posteriormente em 1962, Costa foi convidado a elaborar um novo estudo para o setor.

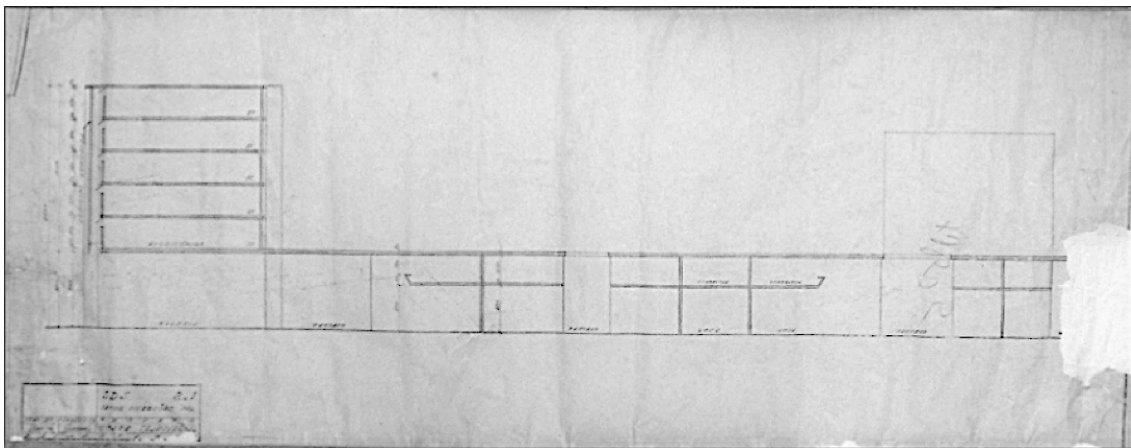


Fig. 14 – Corte transversal do projeto feito pelo Arquiteto Glauco Campelo. Fonte: (LEITÃO F. , 2003, p. 147)

O novo projeto do Setor de Diversões Sul foi elaborado por Costa em seu escritório no Rio de Janeiro e desenvolvido por sua filha, Maria Elisa¹⁹ (COSTA & LIMA, 2009, p. 49). A proposta, diferente da anterior, apresentava-se como um parcelamento urbano do solo composto por 18 lotes, que conformariam, pela composição, um quarteirão. Buscando manter a proporção da massa construída, foi proposta a construção edifícios altos no perímetro do setor. A

¹⁹ Embora a autoria do projeto tenha sido atribuída a arquiteta e filha de Lucio Costa, Maria Elisa Costa em (LEITÃO, 2003), entretanto, tanto na assinatura dos projetos, como nas cartas coletadas junto a Fundação Casa de Lucio Costa, a autoria do projeto é conferida ao arquiteto LC.

definição dos edifícios perimetrais com 5 pavimentos foi pensada buscando um incentivo à ocupação dessa região, por meio da oferta de salas comerciais.²⁰ A elevação dessas construções também possibilitaria o uso das fachadas como suporte para os letreiros luminosos sugeridos no relatório. A fachada principal, debruçada sobre a plataforma da rodoviária, marcaria o acesso ao conjunto e sinalizaria, por meio de “reclames luminosos”, as atividades que o setor abrigaria. Sob os letreiros, junto à calçada, instalar-se-iam os cafés, bares e restaurantes.

No interior do conjunto, construções mais baixas proporcionariam uma escala mais adequada ao pedestre e seriam destinadas aos teatros, cinemas e casas de espetáculos. O acesso ao interior do conjunto seria feito por passagens e pequenos largos “deliberadamente estreitos”²¹ e parcialmente cobertos, com lojas de ambos os lados. A composição variada das dimensões dos lotes proporcionaria uma maior diversidade de tipos de usos possíveis. O afastamento entre edifícios configuraria as galerias de comércio e o espaço público seria estabelecido pelo limite das fachadas dos prédios.



Fig. 15 – Croqui do SD-S feito por Lucio Costa em 1957.
Fonte: (COSTA, 1957)

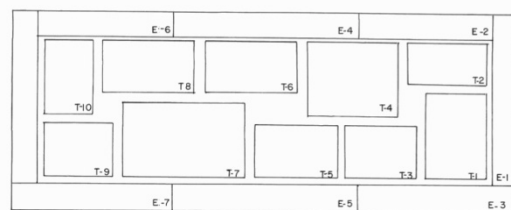


Fig. 16 – Projeto elaborado por Lucio Costa em 1962.
Fonte: Administração Regional de Brasília.

O croqui de 1957 mostra uma composição mais livre e aberta, com projeções não ortogonais, compondo um esquema de passagens mais diversificado. A

²⁰ (COSTA & LIMA, 2009, p. 57)

²¹ (COSTA & LIMA, 2009)

proposição dos lotes com forma trapezoidal sugere a sua própria destinação, como auditórios. O projeto apresentado em 1962, embora também tenha sido elaborado por Costa, apresenta uma composição mais rígida, composto por lotes retangulares, acessados por meio de passagens retilíneas e pequenos largos. A conformação do quarteirão seria mais efetiva, por meio da delimitação feita com os edifícios em altura no perímetro do setor.

Como um elemento de transição com os setores adjacentes, o SD-S estabelecerá esta conexão por meio de um terreno contínuo, o que proporcionaria uma permeabilidade física entre áreas próximas. A massa construída revelaria um volume intermediário entre a área não edificada da plataforma rodoviária com os setores comercial e hoteleiro. Os edifícios que fariam a interface entre o SD-S e a rodoviária, assim como entre o SD-S e o SH-S, seriam elevados sobre pilotis, ou seja, vazados em sua extensão. Esses pilotis poderiam ser ocupados apenas por cafés e restaurantes, uns térreos, outros suspensos.

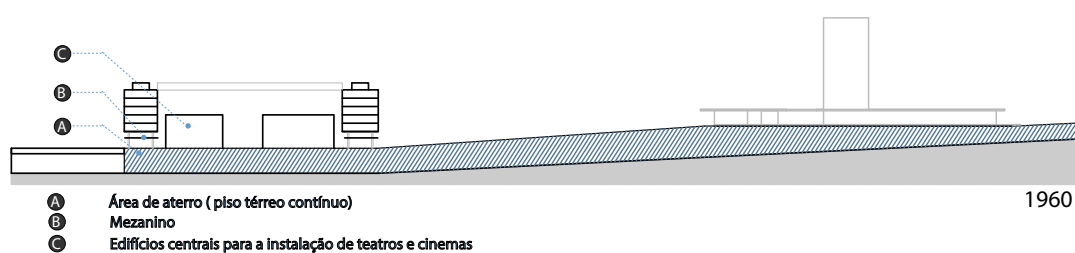


Fig. 17 – Corte esquemático do terreno entre o Setor Hoteleiro Sul e a Rodoviária. Autor: Rogério Rezende

A construção do Setor de Diversões Sul foi iniciada em 1962, com a execução dos espaços públicos entre os lotes. A construção das passagens foi a solução encontrada pela NOVACAP como forma de incentivo à rápida execução do setor (Fig.18). Durante a licitação dos lotes, nem todas as projeções haviam

sido compradas e outras foram adquiridas por uma única empresa, como no caso dos edifícios Venâncio II, III, IV, V e posteriormente o Venâncio VI.

Os projetos individuais de cada edifício seriam de responsabilidade de seus construtores, havendo apenas os gabaritos com definição dos lotes, das alturas e números de pavimentos. Segundo Antônio Venâncio²², um dos pioneiros na construção do SD-S, a NOVACAP não poupou esforços para a consolidação do setor, facilitando a aprovação e fazendo “vista grossa” durante a fiscalização das obras.

Por meio da análise de fotografias da época da construção do setor, durante a execução das passagens públicas, foi possível perceber a escavação de trincheiras e a execução de uma malha de pilares, que foram elevadas para dar sustentação às lajes dos passeios. A elevação dos aterros até o nível da plataforma rodoviária criou um solo instável, o que levou à necessidade de se criarem estruturas que atingissem o solo firme, cerca de 9 metros, até a cota do terreno da rodoviária.



Fig. 18 - Construção do Setor de Diversões Sul em 1963. Fonte: ArpDF

²² SOUZA, 1993.

Durante a construção das primeiras edificações houve, também, a necessidade de se criarem estruturas semelhantes à dos passeios. Possivelmente pelo elevado custo da construção das fundações, os empreiteiros solicitaram o aproveitamento dos subsolos. Foi então encaminhado ao escritório de Costa, no Rio de Janeiro, o pedido de aproveitamento dos subsolos.

(...) não vejo por que impedir o aproveitamento do subsolo das galerias. Sempre combati aqui esse critério e não desejo ser responsável pela adoção dele aí. Outro ponto que desejo...é o acesso à loja pela rua interna, ficando apenas duas faixas de ventilação. (Carta de Lúcio Costa a Nauro Jorge Esteves sobre a construção do SDS. Fonte: Acervo Casa Lúcio Costa . VI.A.01-03021)

O aproveitamento dos subsolos trouxe uma nova necessidade: a criação de um acesso de serviço na cota do piso inferior do setor. Foi então elaborado um projeto em 1962, com a inserção de rua de serviço, que conectaria o eixo monumental à via S2, com mão dupla e área para carga e descarga de mercadorias. Para adaptar à nova situação do subsolo, foi proposta a construção de galerias de serviço. Essas galerias constituíam-se de um único subsolo, que se estendia dos edifícios lindeiros na face leste (Plataforma de Rodoviária) ao acesso de serviço oeste, por meio de um rampeado em declive.

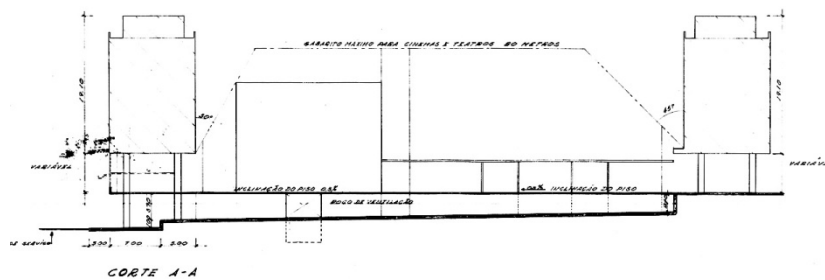


Fig. 19 - Projeto da Galeria de Serviço (Corte) – 26-10-1962 Fonte: Arquivo Administração de Brasília, reg. PR 34.1 .

Neste projeto também foram definidos o número de andares, mezanino, subsolo e altura máxima dos teatros e cinemas. O emoldramento do SD-S, composto de edifícios com 10 ou 12 metros de largura, teria suas extensões variáveis e apresentariam galeria com 5m (térreo mais mezanino), 5 pavimentos de salas comerciais, e terraço; totalizando 30,60m de altura. Os terraços ocupariam 33% da área da projeção e possuiriam altura máxima de 3,40m. As galerias comerciais teriam altura total de 5m, podendo variar até 7m, dependendo da existência ou não do mezanino. Embora o projeto previsse a construção de mezaninos, estes só foram feitos nos edifícios na face leste do SD-S, com exceção do Ed. Barocat. Os outros, construídos pela mesma empreiteira, transformaram-no em mais um andar de salas comerciais.

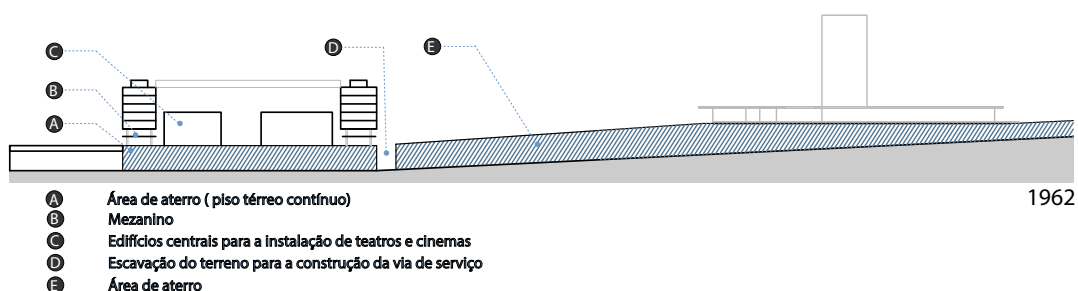


Fig. 20 – Corte esquemático do projeto do SD-S segundo o projeto de 1962. Fonte: Rogério Rezende

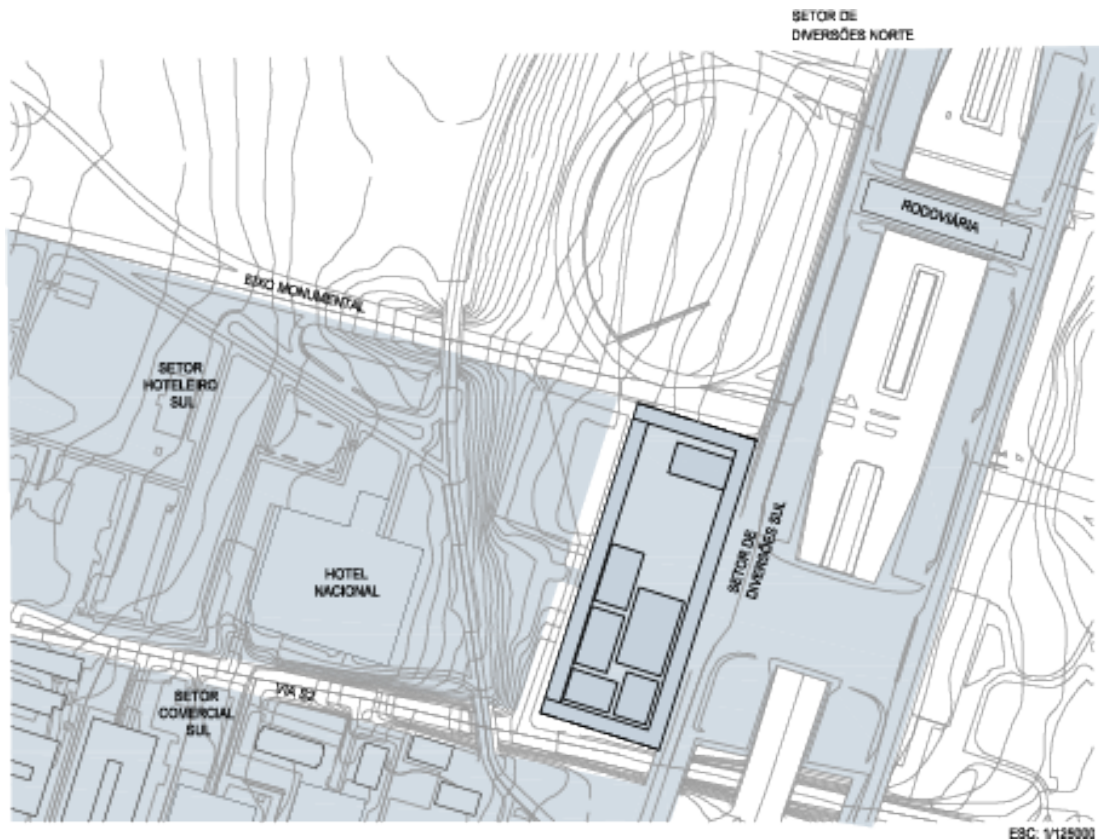


Fig. 21 – O gráfico ilustra a conformação do Setor de Diversões Sul na primeira metade da década de 1970.

Em 1967 foi elaborada uma versão do projeto que previa a construção de três níveis de subsolo, assim como fossos ingleses para a sua ventilação e iluminação. No projeto, esses espaços foram destinados a áreas de cocção e serviços dos restaurantes.²³ Na execução dos subsolos foram previstos os fossos para iluminação e ventilação que emergiriam no nível das calçadas do térreo e que seriam cobertas por pisos perfurados, não comprometendo, assim, a exaustão dos subsolos. Entretanto, estes não foram colocados, o que ocasionou o estreitamento e o comprometimento da circulação em vários pontos do setor. A falta de fiscalização e controle do que estava sendo construído possibilitou que outros edifícios infringissem algumas das diretrizes estabelecidas para o setor.

²³Ver anexo (CE 2_1) – Projeto original (10.03.1967) digitalizado pela Administração Regional de Brasília.

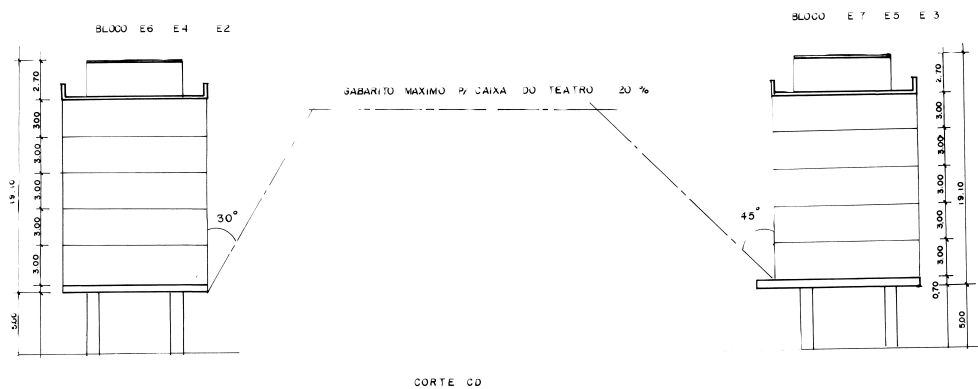


Fig. 22 –Gabarito dos edifícios perimetrais do SD-S– 10-03-1967 Fonte: Arquivo Administração de Brasília, reg. CE2_1.

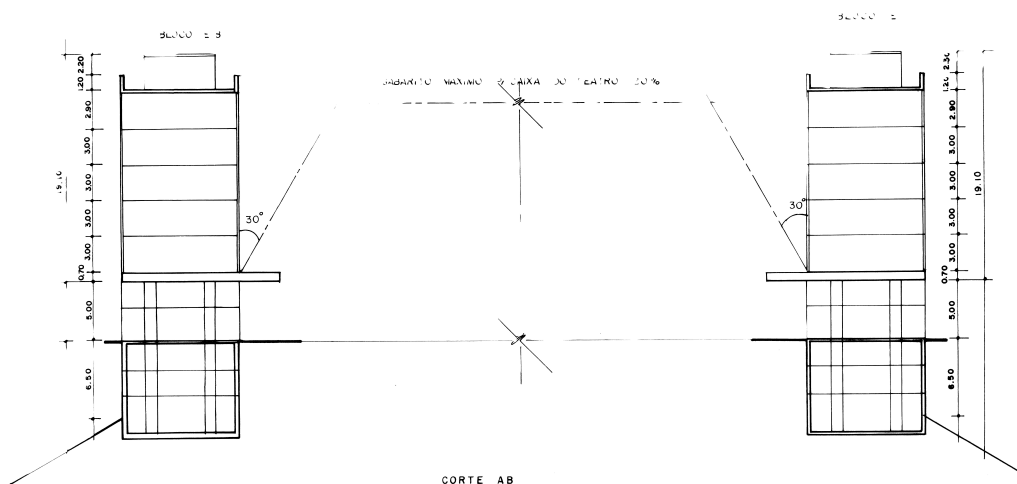


Fig. 23 Projeto da Galeria de Serviço (Corte) – 10-03-1967 Fonte: Arquivo Administração de Brasília, reg. CE2_1.

As sucessivas alterações de projeto durante as obras, não acompanhadas de soluções de projeto ou fiscalização das obras, resultaram em falhas de conexão entre os edifícios no subsolo, conformando assim a composição labiríntica que se percebe hoje.

O rebatimento das áreas públicas do térreo no subsolo geraram problemas de posse, uso e conseqüente responsabilidade sobre a manutenção desses

espaços. Os edifícios internos, mais baixos, seriam destinados à construção de cinemas, teatros e casas de show, com a altura máxima permitida de 15m. Contudo, a liberação do uso dos subsolos, possibilitou que estes fossem utilizados para a instalação dos cineteatros, liberando os 15 metros acima do térreo para a construção de salas comerciais. O fato pode ser observado nos edifícios Acropol, Teatro Dulcina de Moraes, Badya Helou, Baracat e Boulevard Center. Outra incongruência não corrigida se refere ao desnível do Ed. Venâncio VI, 50cm abaixo da cota de soleira estabelecida.

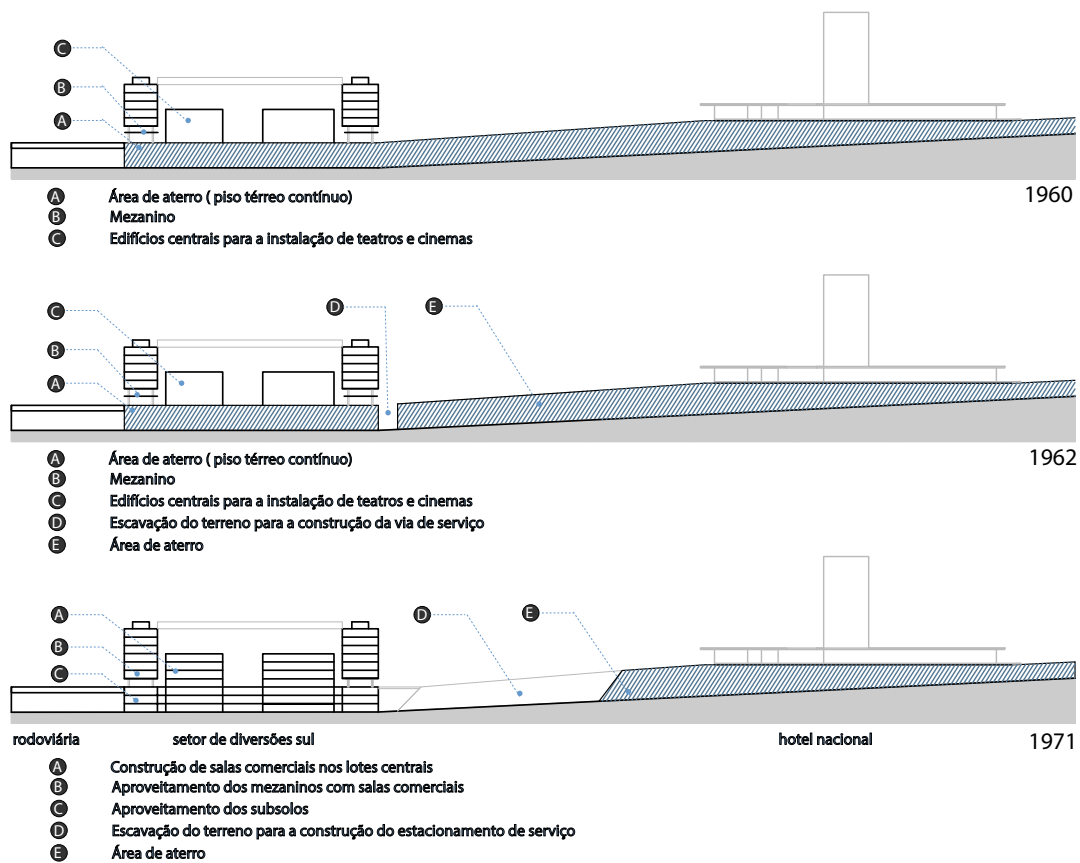


Fig. 24 Linha do tempo das transformações ocorridas no SD-S em três períodos. Fonte: Rogério Rezende

Uma análise gráfica e cronológica das principais alterações feitas ao longo do processo de construção revela o resultado das sucessivas transformações do setor. A primeira imagem ilustra o SD-S de acordo com as intenções projetuais,

sem subsolos, com mezaninos nos edifícios perimetrais e com os edifícios centrais voltados para a instalação dos teatros e cinemas. A segunda imagem ilustra os primeiros passos do processo de construção, com a decisão de se aproveitar o subsolo e a criação da via de serviço. A última imagem revela a conformação atual do setor, com os subsolos ocupados, salas comerciais nos edifícios centrais e mezaninos e o estacionamento de serviço.

Por meio da análise do projeto e construção do SD-S é possível perceber que a atual conformação do setor não é apenas resultado das decisões de projeto, mas de ações conjuntas entre os diversos agentes que atuaram e atuam na construção do espaço. Percebe-se que, para além das intenções de projeto, diversos agentes atuaram, sejam eles agentes públicos, privados ou mesmo o arquiteto. Torna-se inadequado, portanto, atribuir a atual conformação do setor a falhas de projeto, já que o próprio processo de construção revela uma trama de interesses. Embora nem sempre as decisões tomadas tenham sido favoráveis, o resultado alcançado é fruto tanto do interesse público como da ação particular.

CAPÍTULO 3

O SETOR DE DIVERSÕES SUL

Este capítulo analisa as narrativas de configuração do Setor de Diversões Sul, abordando de forma cronológica as sucessivas alterações pelas quais o setor passou, com o enfoque nas transformações físicas e sociais decorrentes das formas de apropriação nas últimas quatro décadas. Como metodologia para a elaboração das narrativas, foram feitas pesquisas a jornais da época, recorreu-se a depoimentos e a outras fontes documentais como fotografias.

3.1 CENTRO COSMOPOLITA EM CONFIGURAÇÃO

Em 1962, quando foram iniciadas as obras do Setor de Diversões Sul, a região central da cidade ainda configurava um grande vazio. As poucas construções existentes eram alguns edifícios do Setor Comercial Sul, Turing Club, Rodoviária e Hotel Nacional. O centro urbano cosmopolita imaginado por Costa ainda não havia se consolidado. Embora existisse um grande fluxo de pessoas e órgãos que se transferiam para a cidade, esta ainda carecia de opções de lazer que conferissem a vitalidade idealizada.

As poucas opções de entretenimento existentes à época, estavam concentradas, principalmente no Hotel Nacional que, além das funções inerentes a sua finalidade, abrigava restaurantes, café, bar, casa de chá, discoteca e a piscina; que eram utilizados, não apenas pelos hóspedes, mas pelos moradores da cidade. A Rodoviária, foi um das primeiras edificações públicas a possuir elevadores e escadas rolantes revestidos com mármore, e se tornou rapidamente um importante ponto turístico, moderno e sofisticado.

No final da década de sessenta, após a inauguração de parte do complexo de edifícios, o SD-S começou a abrigar os primeiros órgãos administrativos que se transferiam para a capital, como embaixadas e outras representações governamentais (NUNES, 2011, p. 27). A proximidade com o Hotel Nacional²⁴, um importante centro de atividades da época, favorecia o fluxo de pessoas entre os setores Hoteleiro e de Diversões., que passou a abrigar um comércio requintado para atender a demanda, tanto dos funcionários do SD-S, como dos setores hoteleiro e comercial.

²⁴ O Hotel Nacional foi inaugurado em 21 de abril de 1961, exatamente um ano após a inauguração de Brasília. O segundo hotel da cidade foi encomendado pelo então presidente Juscelino Kubitschek como um hotel de luxo, para suprir a demanda que o Hotel Brasília Palace não suportava. O projeto foi elaborado pelo arquiteto Nauro Jorge Esteves, que também projetou importantes edifícios da cidade como o Palácio do Buriti e o Setor de Diversões Norte (Conjunto Nacional).

Como o setor estabelecia a conexão entre os setores Hoteleiro e Comercial sul, por consequência, influenciava e era influenciado pelo fluxo de pessoas da região. No Setor Hoteleiro Sul haviam poucas edificações concluídas, sendo o Hotel Nacional, o mais próximo e mais importante hotel da região, construído para atender a demanda crescente de visitantes da cidade, cujo Hotel Brasília Palace não conseguia mais suprir. O Setor Comercial Sul havia concluído seus primeiros edifícios, nas quadras próximas ao SD-S.

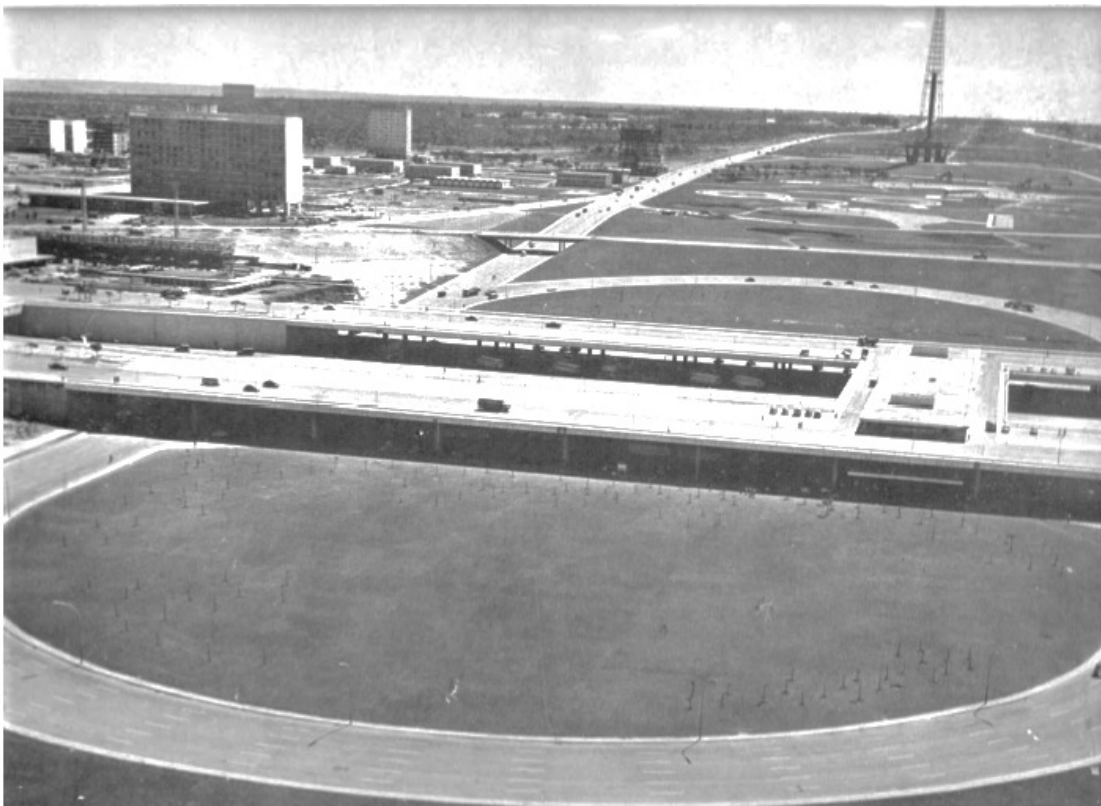


Fig. 25 Fotografia aérea do centro de Brasília em 1968. No canto esquerdo o Setor de Diversões em construção, e o Hotel Nacional ao Fundo. Fonte: Arp-DF

Para atender a “alta burocracia estatal” que trabalhava na região, um comércio requintado se instalou no térreo do setor, com cinemas de arte, cafés, livrarias, restaurantes e boutiques (NUNES, 2011, p. 27) que eram intensamente utilizados durante o dia.

O início das atividades do setor aconteceu entre os anos de 1966 e 1970, com a conclusão do seu primeiro edifício, o Cine Atlântida (Fonte: Jornal Correio Braziliense – 20/04/1966). O cinema contava com uma única sala com 1.160 lugares, equipada com os mais modernos equipamentos de exibição da época. Seguindo o Cine Atlântida, vieram os edifícios Venâncio II, III, IV, V e VI. Posteriormente foram concluídos os edifícios Baracat, Conic, Eldorado, Acropol, Venâncio Junior e Miguel Badya.

Os edifícios centrais do setor, concentravam os cinemas e teatros. Os edifícios perimetrais abrigavam escritórios de profissionais liberais, representações, órgãos governamentais e embaixadas. Dentre as embaixadas, estavam as representações diplomáticas da Argentina, Costa do Marfim, Canadá e Índia.



Fig. 26 – Construção do Cine Atlântida. Fonte: Banco de Imagens da Unesco. Data n.c.

Em 1972 foi inaugurado no Ed. Acropol o Cine Superama – especializado na exibição de filmes de arte (Informativo . Setor de Diversões Sul-Conic 03/1995). Posteriormente foram inauguradas outras quatro salas de cinema, sendo duas no Ed. Miguel Badya - o Miguel Badya e o Badya Helou o Cine Teatro Venâncio Junior e o Cine Bristol, no Ed. Conic. Havia também o restaurante Panorama, localizado na cobertura do Ed. Venâncio VI, construído para dar suporte à embaixada do Canadá. O setor também concentrou as mais importantes livrarias da cidade, como A Casa do Livro (Ed. Venâncio VI), Galilei e a Livraria Presença, que permaneceram no setor durante os anos seguintes. (SOUZA, 1993)

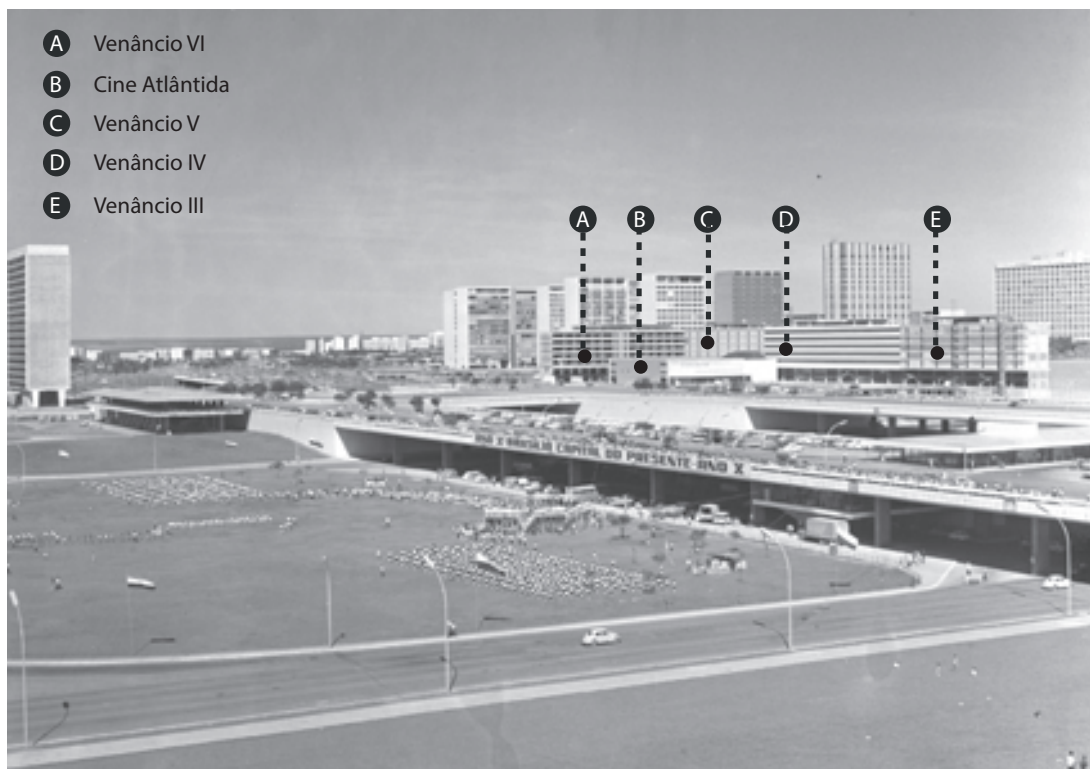


Fig. 27 Fotografia aérea do centro de Brasília em 1970. No canto esquerdo o Setor de Diversões com alguns edifícios concluídos. Fonte: Arp-DF

Contudo, com a construção do setor de embaixadas e outros edifícios administrativos, as representações situadas no SD-S se transferiram para suas

sedes definitivas, o que resultou no início de um processo de esvaziamento do setor, devido à diminuição considerável do número de trabalhadores e frequentadores da região (NUNES, 2011, p. 7).

3.2 CONIC – DEGRADAÇÃO X DIVERSIDADE SOCIAL

Até o final da década de 1960, a importância da área central dentro do Plano Piloto, como um elemento concentrador de atividades comerciais e de entretenimento, impulsionou o desenvolvimento do Setor de Diversões Sul. Contudo, a partir da década de 1970, a ampliação das áreas urbanizadas do Distrito Federal veio acompanhada do surgimento de outros centros de atividades, que acabavam por minar a centralidade urbana pretendida para a área central.

A consolidação de outros centros de atividades, como o comércio local das superquadras da asa sul, o desenvolvimento da avenida W3 como eixo comercial, a inauguração do Centro Comercial Gilberto Salomão (1967) no Lago Sul e a inauguração do Setor de Diversões Norte²⁵ (Conjunto Nacional de Brasília – CNB) em 1977 também contribuíram para o enfraquecimento do comércio do SD-S. A queda do valor dos aluguéis somada à proibição da venda de bebidas alcoólicas na rodoviária²⁶ propiciou a instalação de muitos bares no Conic, transferindo também seus frequentadores para o novo endereço²⁷.

Com a construção das embaixadas e órgãos administrativos para suas sedes oficiais, houve um gradativo esvaziamento do setor. O comércio mais

²⁵Diferentemente do Conic, o CNB foi vendido como um único lote, e construído pela construtora Ecisa²⁵. O projeto foi desenvolvido pelo arquiteto Nauro Esteves, autor de outras importantes obras na cidade – (Palácio do Buriti, Superior Tribunal Militar, Hotel Nacional, Superior Tribunal Eleitoral, entre outros). Com a conclusão da obra em 3 etapas, em 1971, 1974 e 1977, o setor passou a abrigar o maior centro comercial da cidade.

²⁶Fonte: Correio Braziliense 12/03/1995

²⁷Jornal de Brasília, 04/06/1989

requintado, direcionado ao público destes órgãos, encerrou suas atividades ou, em alguns casos, devido à mudança do perfil dos frequentadores, levou a um redirecionamento do seu público alvo.

Durante a década de 1970, enquanto o térreo do Conic abrigava um comércio que dava suporte aos trabalhadores da região, nos seus subsolos concentravam atividades voltadas ao entretenimento adulto que iniciavam com o cair da noite. A abertura de tais estabelecimentos passou a atrair um grupo de pessoas, tidos como libertinos, que passariam a compor um importante reduto boêmio e sexual da cidade²⁸.

A subutilização das lojas no subsolo do setor, associada à sua proximidade com os setores hoteleiro e comercial sul, tradicionais pontos de prostituição, favoreceram a instalação de bares, boates e prostíbulos no Conic. Os prostíbulos eram locais de trabalho e moradia de prostitutas. Eis alguns nomes destas boates: Bataklan, Panther Night, Boate Dance Girl no Ed. Venâncio V; Skorpiu's, La Boheme e Sunset no Ed. Venâncio Junior; Boate Buraco no Ed. Venâncio VI; Casa Blanca, Le Bateau no Ed. Acropol.

Estes estabelecimentos apresentavam uma certa estratificação social quanto à clientela. Algumas boates, mais caras, eram frequentadas por um grupo composto por funcionários públicos, profissionais liberais e hóspedes dos hotéis próximos (Casa Blanca e Le Bateau). Outras eram direcionadas a um público mais simples, de trabalhadores da região. A primeira boate voltada para o público gay da cidade foi inaugurada no Conic na década de 1970, no subsolo do edifício Acropol, a New Aquarius²⁹. Havia também duas saunas

²⁸ (TEIXEIRA, 2013)

²⁹Disponível em <<http://www.paroutudo.com/colunas/thales/060805.htm>> . Acessado em 10/01/2014

voltadas para o público homossexual, a Sauna Calígula (Ed. Acropol), Sauna Thermas (Ed. Venâncio Junior) e a Batan Kara (Ed. Venâncio V) ³⁰.

À época, estabelecimentos que funcionavam como restaurantes populares durante o dia se transformavam em bares à noite - Bar dos Encontros (Ed. Acropol), Subway Rock (Ed. Acropol), Comida Caseira 24h (Ed. Venâncio VI), Casa das Sopas (Ed. Acropol), Bar Beco do Cotovelo (Ed. Acropol) e o Restaurante Porão. Existiam também os bares de sinuca Snooker Bola Verde e o Clube do Taco, Sinuca Sunset (Ed. Venâncio V) e o Boliche Strike (Ed. Baracat). Esses estabelecimentos eram frequentados por variados grupos sociais: profissionais liberais, estudantes, servidores públicos, moradores da cidade, turistas, trabalhadores da região, etc. A concentração de atividades de cunho boêmio e sexual na parcela sul do setor levaram à configuração de um território específico, tanto pelas formas de uso, como pelo perfil dos seus frequentadores, que nesta dissertação foi denominado "Largo da Boemia".

³⁰ (SOUZA, 1993)(TEIXEIRA, 2013)

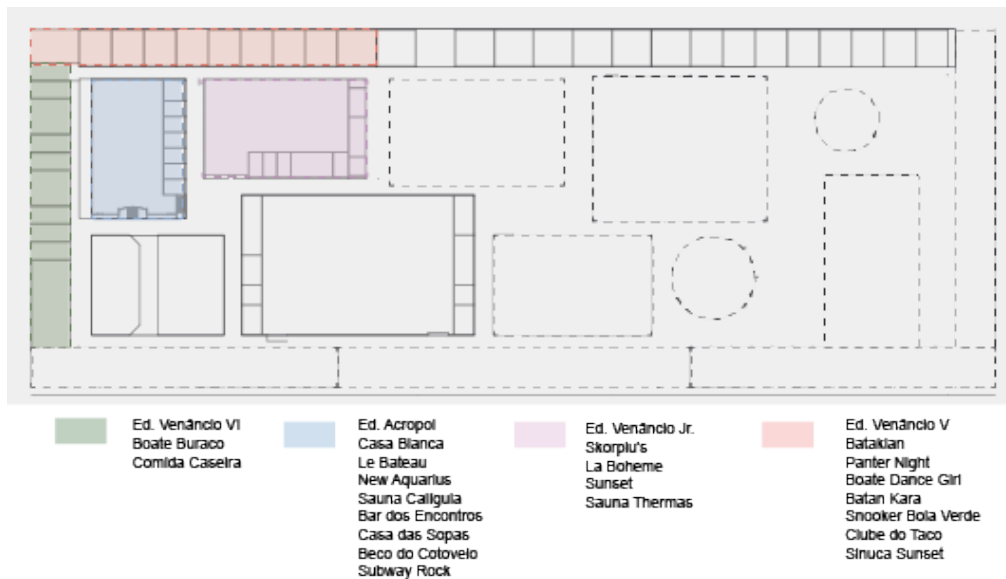


Fig. 28 – Gráfico com as atividades abrigadas nos primeiros edifícios do SD-S durante a década de 1970. Fonte: Rogério Rezende

Em 1971, os estacionamentos sobre a plataforma rodoviária não eram mais suficientes para abrigar o fluxo de pessoas que utilizavam o SD-S. Para atender aos interesses dos usuários e comerciantes, foi sugerida a criação um estacionamento junto à via de serviço. Representando os interesses do grupo dos comerciantes, o empresário Antônio Venâncio da Silva - então proprietário de 6 dos 12 edifícios que compunham o setor, fez a solicitação direta a Lucio Costa. Segundo entrevista feita pela arquiteta Gabriela Tenório em 1993, foi relatada na conversa com Costa o pedido de construção do estacionamento de serviço, assim como a eliminação do mezanino para a criação das salas comerciais.



Fig. 29 Fotografia aérea do centro de Brasília em 1972. A direita o Setor de Diversões com alguns edifícios concluídos. Fonte: Arp-DF 1972

Com o consentimento do arquiteto, as alterações sugeridas deram origem ao projeto do estacionamento, em abril de 1971 (Fig.30). Entretanto, como forma de evitar uma total ocupação da área junto à via com estacionamentos, o que resultaria em uma desconexão entre o SD-S e o SH-S, Costa propôs a construção de uma praça de ligação entre o SD-S e o Hotel Nacional. O projeto foi elaborado por ele em maio de 1971 (Fig.31), integrando os dois setores, impossibilitando assim a ampliação do estacionamento para além da área predefinida.

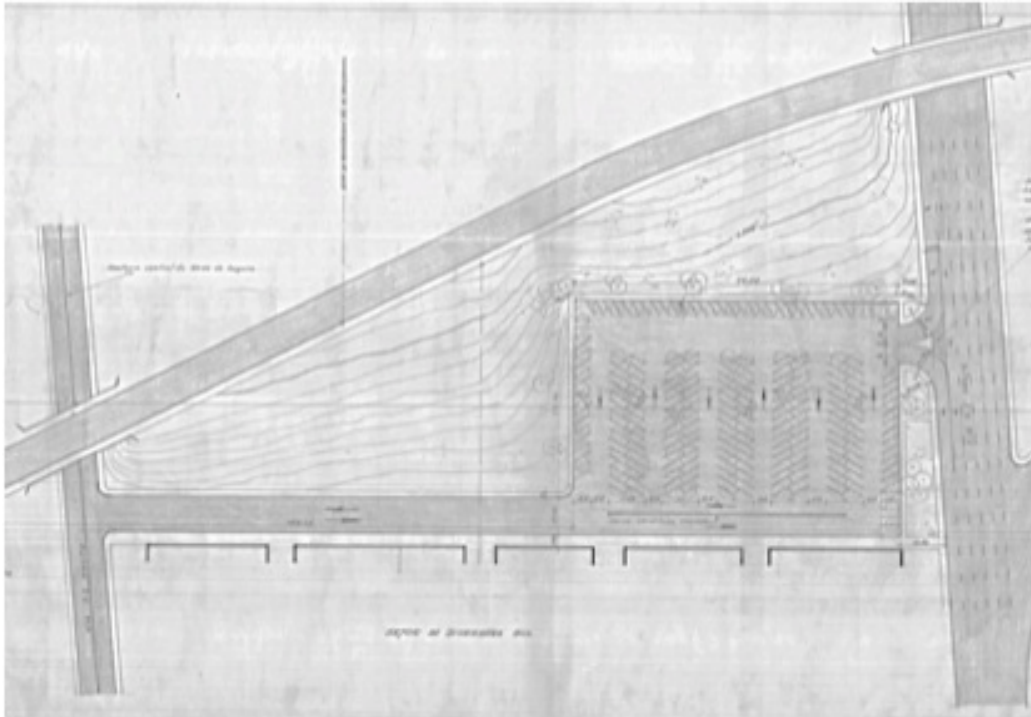


Fig. 30 Projeto de 19-04-1971 (Estacionamento de Serviço) Fonte: Arquivo Administração de Brasília, reg. PR 39.3. Esse estacionamento ocuparia uma área de 100m x 60m, entre a alça do eixo W e o SD-S. No espaço remanescente, seria construída uma praça ligando o SH-S e a conexão desta com o SD-S.

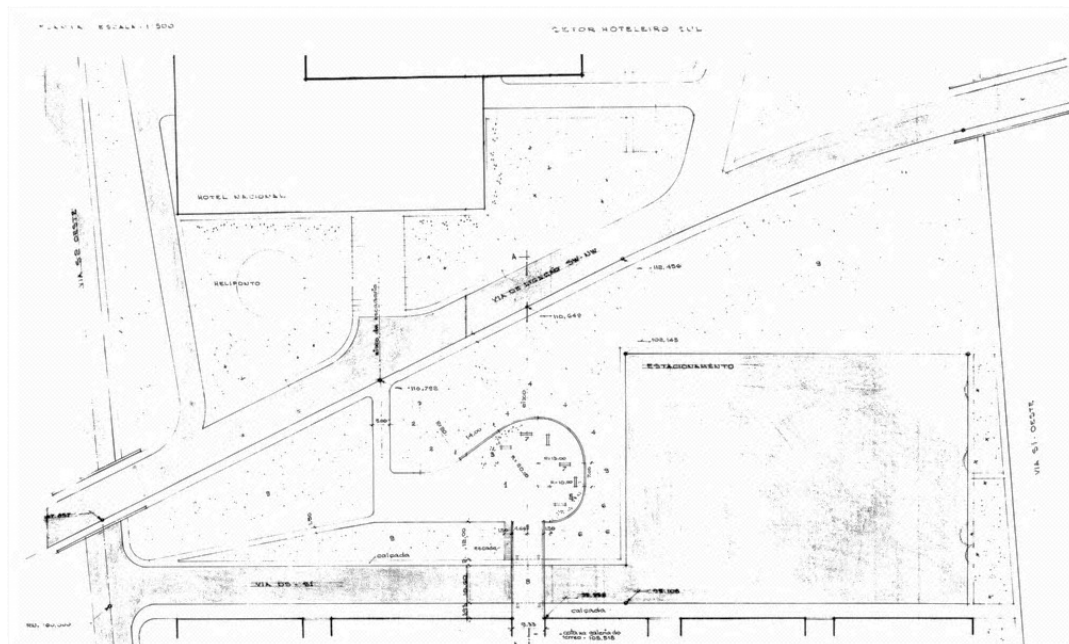


Fig. 31 Projeto de 05-05-1971 - Estacionamento, praça e passarela de ligação entre o Setor Hoteleiro e o Setor de Diversões. Fonte: Arquivo Administração de Brasília, reg. PR 40.1

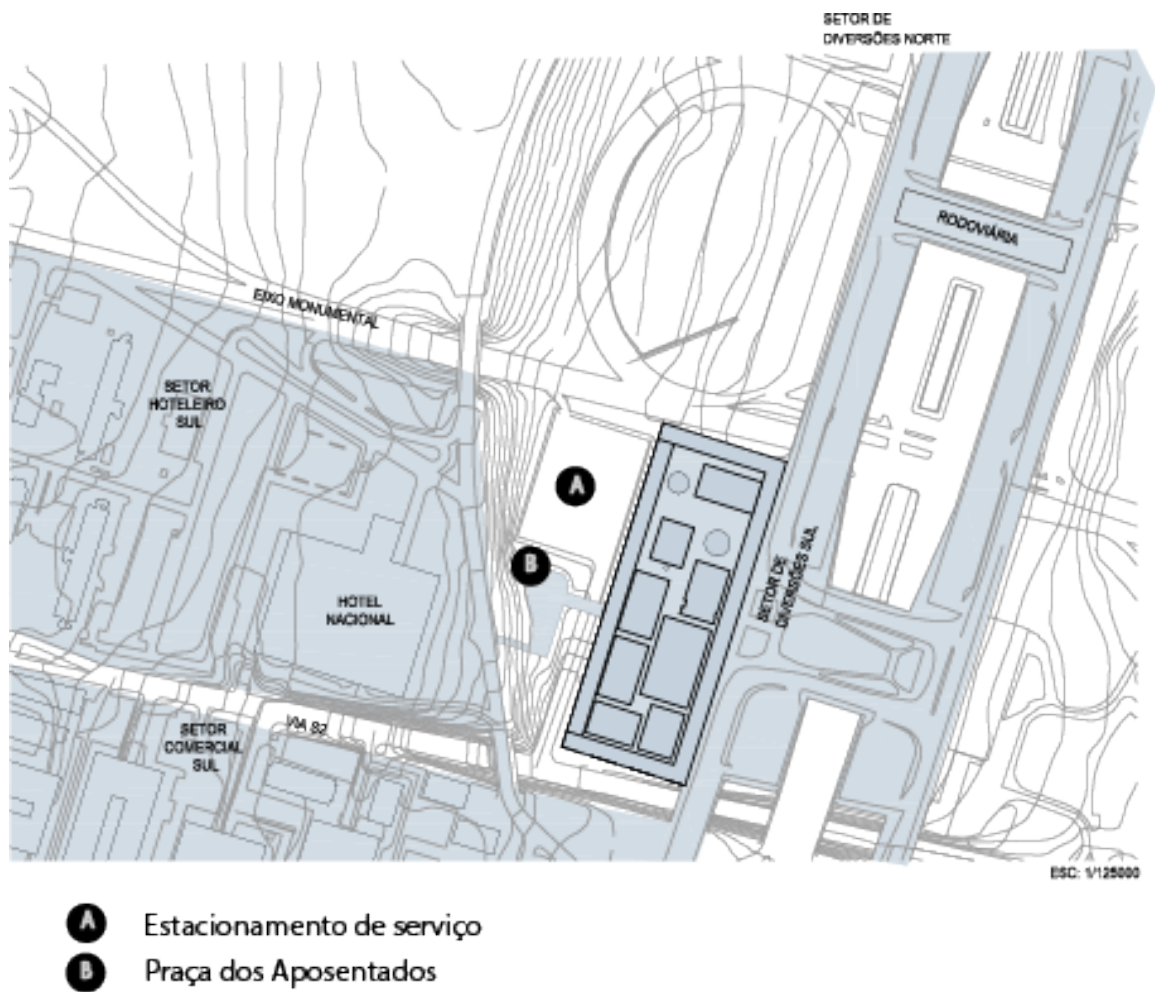


Fig. 32 – Gráfico com as alterações feitas no SD-S durante a década de 1970. Fonte: Rogério Rezende

O esvaziamento da região central de Brasília foi uma das preocupações apresentadas em 1974, no Primeiro Seminário de Problemas Urbanos de Brasília³¹. No encontro, profissionais apresentaram estudos sobre os problemas da cidade nos pouco mais de 14 anos de inaugurada. Dentre os participantes estava Costa que apresentou algumas considerações sobre a necessidade de se reafixar o centro urbano.

³¹ COSTA L., *I Seminário de Problemas Urbanos de Brasília*, 1974.

(...) dois aspectos que acho importantíssimos para a vida futura da cidade (...) a questão da criação do centro da cidade, esse centro que já está surgindo ao longo da plataforma. É fundamental que ele se conclua na forma e sentido, tal como foi concebido inicialmente. Fiquei muito feliz quando percebi que depois de 13 ou 14 anos, surgiram os três primeiros anúncios luminosos, ali nas fachadas daqueles prédios do centro comercial, que foram planejados para receberem esse gênero de manifestação comercial. E isso contribuirá para atrair , como mariposas, a população para aquele foco, porque tal como está, não anima.(...) Se nós não tomarmos as providências necessárias, as coisas tenderão a se agravar ali e todos pensarão que se está criando outros focos de atração " (FEDERAL, 1974, p. 78)

No seminário muitas críticas relacionadas ao esvaziamento do Setor de Diversões Sul foram colocadas em discussão. Foram pontuados problemas passíveis de serem recuperados como forma de promover a vitalidade urbana desejada para a região. Além das discrepâncias entre projeto e o espaço construído, foram denunciados os usos incompatíveis com o projeto de 1962, como à inexistência de bares e restaurantes voltados para a plataforma e a falta de tratamento paisagístico nas áreas públicas e praças, além da não implantação dos letreiros luminosos.

Havia, naturalmente, a previsão daquelas duas praças de pedestres, aquelas duas praças verdes para quebrar a dureza, e planos de contorno de tráfego. Enfim, houve vários estudos nesse sentido. E agora é o momento de a nova Administração e de o Seminário considerarem esse aspecto e corrigir o que está errado ali (FEDERAL, 1974, p. 21).

Como resultado do seminário, foram desenvolvidos projetos que buscavam requalificar o SD-S, por meio da construção de equipamentos que atraíssem público para o setor. Foram construídos um restaurante popular e um quiosque dentro do Conic, nas projeções que ainda não haviam sido licitadas – lotes T2 e T3, assim como a construção do Ed. Darcy Ribeiro no lote T4, que durante alguns anos funcionou como um restaurante japonês e posteriormente foi doado à Fundação Brasileira de Teatro (FBT) para a realização de oficinas ligadas à Faculdade Dulcina de Moraes.

Buscando reduzir a velocidade dos automóveis e dar mais segurança ao pedestre, foi proposta a criação de duas praças em frente aos Setores de Diversão Sul e Norte, assim como o desvio das pistas do eixo local. O projeto das praças foi desenvolvido pela arquiteta Maria Elisa Costa, tendo sido implantadas em 1977. De fato, a inclusão das praças no conjunto da rodoviária, associada ao desvio do eixo W, favoreceram o pedestre, proporcionando uma maior segurança, pela diminuição da velocidade dos automóveis, assim como pela separação efetiva entre a circulação de pedestres e automóveis. A implantação das praças, embora com um tratamento paisagístico com poucas áreas sombreadas, trouxe mais qualidade ao espaço da rodoviária, rompendo a aridez do concreto com a inserção dessas duas áreas ajardinadas. Esses espaços vêm sendo amplamente utilizados, não apenas pelos trabalhadores da região, mas como um lugar de permanência agradável e convidativo às demais pessoas que circulam pela região.

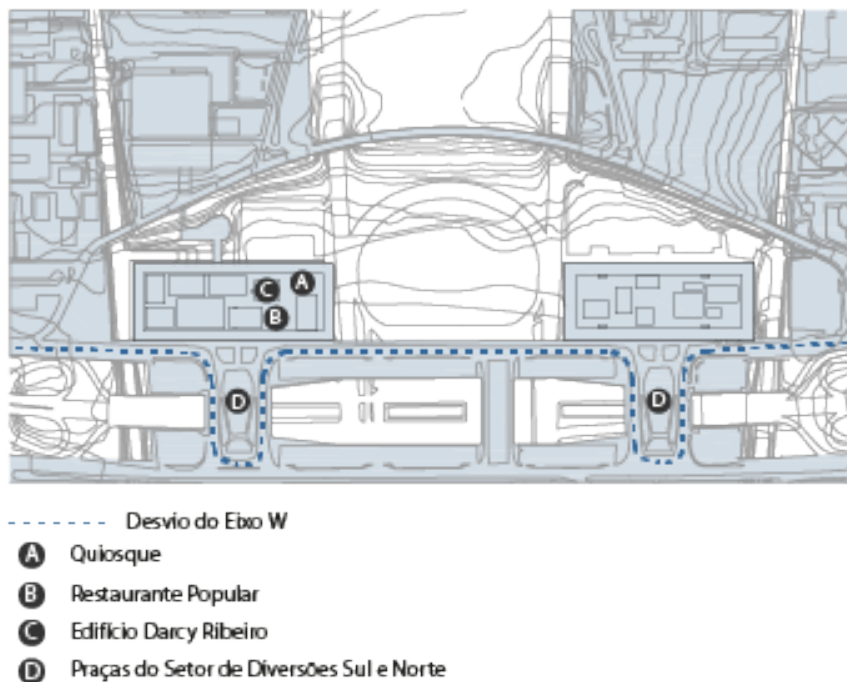


Fig. 33 – Gráfico com as alterações feitas no centro de Brasília como resultado do I Seminário de Problemas Urbanos (1974). Fonte: Rogério Rezende

Durante a década de oitenta, o comércio ainda não havia se recuperado do esvaziamento do setor. As medidas implementadas pela NOVACAP a partir do seminário de 1974 não foram suficientes para garantir a vitalidade que outrora fora o símbolo do SD-S³².

Com o processo de abertura política, houve a liberação para a criação de novos partidos políticos a partir de 1979³³. Nos anos seguintes, Brasília passa a ser o destino dessas novas agremiações. O esvaziamento do comércio levou a uma queda no valor dos alugueis e atraiu para a o setor organizações sindicais e representações partidárias, de direita e esquerda, como: PT (Partido dos Trabalhadores), CUT (Central Única dos Trabalhadores), PSC (Partido Social Cristão), PC do B (Partido Comunista do Brasil), PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e até mesmo o PDS (Partido Social Democrático). Esse

³²“Em Centros comerciais lutam contra a crise” – Jornal de Brasília 04/11/1984

³³(FAUSTO, 2010, p. 280)

grupo se estabeleceu, principalmente, nos edifícios Venâncio III, IV, V e VI, devido aos baixos aluguéis e também ao incentivo do próprio Antônio Venâncio que, devido às suas pretensões políticas, oferecia a renovação dos aluguéis em troca do apoio político³⁴.



Fig. 34 – Sede da CUT (Central Única dos Trabalhadores) – Ed. Venâncio V



Fig. 35 – Sede do Partido dos Trabalhadores-(PT) Ed. Venâncio V

A Associação dos Lojistas, como forma de atrair esses novos inquilinos, implantou a “Tribuna Livre” na Praça do Chapéu, onde era oferecido a infraestrutura - equipamentos de som e luz, para que qualquer segmento da sociedade pudesse se manifestar.³⁵ A construção de um espaço de manifestação democrática no setor, transformou áreas ociosas em palcos de debate político. O Conic era um território de discussão política numa época em que as opiniões contrárias ao governo vigente não eram bem vistas³⁶. Sindicalistas e associados a partidos políticos de esquerda, como o Partido dos Trabalhadores e CUT organizavam suas assembleias nas estruturas colocadas à disposição pela prefeitura do Conic. A presença destes grupos levou os frequentadores, ligados aos partidos de direita, a deixarem de visitar o Conic e até mesmo o estacionamento de serviço passa a ser conhecido como “O Estacionamento da CUT”.

³⁴ (SOUZA, 1993) Fonte: Jornal Correio Braziliense – 21/01/1986

³⁵Fonte: Correio Braziliense 21/01/1986

³⁶idem.

3.3 CONIC RESSIGNIFICADO

O processo de esvaziamento do setor veio acompanhado de uma desvalorização imobiliária. A má fama, somada à baixa procura por imóveis no setor fez com que o preço dos aluguéis caíssem. Neste momento o Conic passa a ser ocupado por outras atividades, que a princípio não haviam sido previstas nas normas de uso e ocupação do setor.

A abertura de múltiplas salas de exibição nos shoppings da cidade, somada aos altos preços praticados pela Embracine, reduziu o número de frequentadores dos cinemas de rua de todo o país, assim como com o Conic. As salas que não encerraram suas atividades passaram a exibir pornochanchadas e, posteriormente, filmes pornográficos. Outras foram alugadas por igrejas evangélicas, como o Cine Miguel Badya e o Badya Helou pela Universal do Reino de Deus, o cineteatro Venâncio Júnior pela Assembleia de Deus e o Bristol pela Igreja Renascer, que passaram a atrair um novo grupo de frequentadores evangélicos. A escolha do setor para abrigar igrejas evangélicas se deu, principalmente, por uma questão de oportunidade, já que as igrejas ainda não possuíam sedes e o Conic apresentava grandes salas de cinema inutilizadas que facilmente poderiam ser convertidas em templos. A estrutura física dessas salas composta por plateia e palco possibilitou que a instalação das igrejas, sem a necessidade de construção ou de grandes reformas para a adaptação. Por outro lado, os religiosos acreditavam que o novo endereço não era ao acaso. "Nossa pregação nos locais obscenos como este (Cine Ritz), tem obtido bons resultados"- Pastor José Valdercy. (Jornal do Brasil, 1989).

Em 1980 foi inaugurada a Faculdade de Artes e Teatro Dulcina de Moraes, logo depois o Café Belas Artes, no mesmo edifício (Jornal de Brasília, 18/09/1982). O fluxo de estudantes e frequentadores dos dois locais favoreceu o aparecimento de um grupo de artistas para o local. Em 1983, quando foi anexado à faculdade o Ed. Darcy Ribeiro, este passou a abrigar parte dos cursos noturnos da faculdade, o que trouxe uma maior circulação de pessoas no setor.

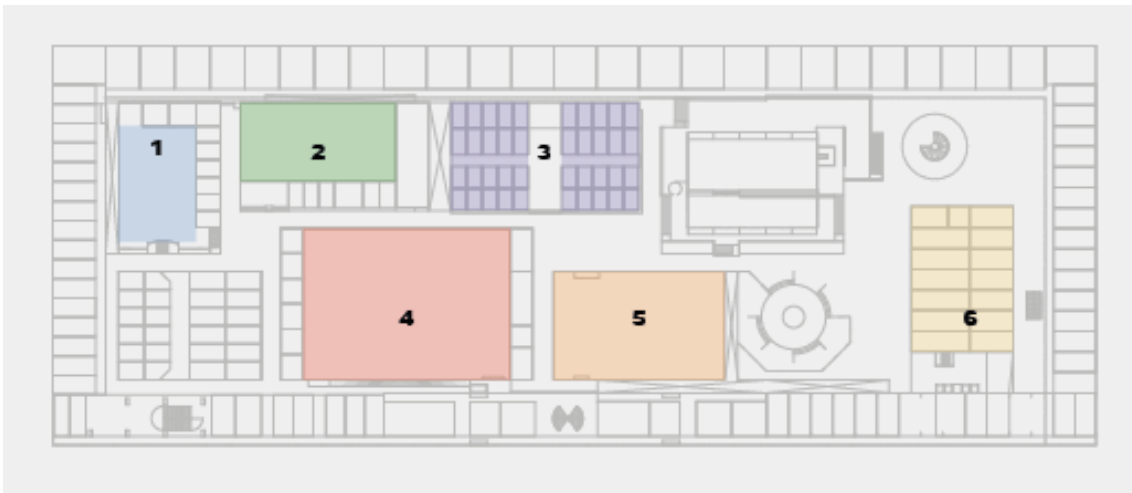


Fig. 36– (1) Cine Superama Karim – Ed. Acropol, (2) Cineteatro Venâncio Junior – Ed. Venâncio Junior, (3) Cine Karim - Miguel Badya e Badya Helou – Ed. Miguel Badya, (4) Cine Atlântida – Cine Atlântida, (5) Teatro Dulcina de Moraes – Fundação Brasileira de Teatro , (6) Cine Bristol – Ed. Conic.

Um exemplo importante de ser ressaltado foi o papel do artista Ary Pararraios³⁷, que de 1978 a 1984 desenvolveu um movimento chamado Jegue Elétrico. Conhecido nacionalmente, o projeto consistia em uma loja de discos e produtos naturais, que foi responsável por trazer para Brasília as novidades da produção artística e cultural independente. Também foram promovidas apresentações artísticas e performáticas diárias, ao ar livre, em frente à loja e nos corredores do Conic³⁸. O projeto atraiu para o setor uma grande

³⁷Foi um dos Pioneiro do teatro de rua de Brasília, o grupo criado por Ary Para-Raios baseou seus trabalhos na mistura de experimentalismo artístico e compromisso social. Entre os espetáculos produzidos pelo grupo estão "O Bicho Homem e Outros Bichos", "Na Rua com Romeu e Julieta" e "Folia Real".

³⁸Fonte: Informativo Ativo – Setor de Diversões Sul . Ano II, 1997 – número 07

quantidade de artistas que passaram a preencher os espaços públicos com performances e eventos artísticos.

O desenvolvimento dos setores centrais (comercial, hoteleiro, de autarquias e bancário) aumentou a oferta de trabalho e serviços na região, atraindo cada vez mais trabalhadores. Localizada no ed. Venâncio V, uma clínica oferecia consultas oftalmológicas gratuitas, atuando como uma extensão do hospital do INAMPS³⁹. Como consequência, surgiram dezenas de óticas com preços populares, que ainda hoje permanecem no Conic.

Embora muito se discuta sobre o esvaziamento do setor durante a década de oitenta, os bares, boates e festas que o Conic abrigou foram uma alternativa de diversão para os jovens da cidade, das mais diversas tribos. Roqueiros utilizavam os bares e sinucas do setor para promover seus encontros e shows. Conhecidos nomes da música da "era de ouro do rock nacional"⁴⁰, como as bandas Plebe Rude, Aborto Elétrico, Capital Inicial e Legião Urbana, no início da década de 80, passaram pelos "inferninhos" do Conic. Um outro ponto de encontro de músicos e roqueiros, além da Musimed - loja de equipamentos musicais e partituras, foi a Loja Berlim Discos, localizada no Ed. Miguel Badya.

Sua composição morfológica, fragmentada em lotes independentes que criavam becos e passagens estreitas, assim como o labirinto das galerias de serviço, favoreceu atividades como a prostituição, consumo e comércio de drogas. As galerias, então abandonadas, estavam repletas de lixo e entulhos, o

³⁹Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social. O INAMPS foi criado pelo regime militar em 1974 pelo desmembramento do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), que hoje é o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS); era uma autarquia filiada ao Ministério da Previdência e Assistência Social (hoje Ministério da Previdência Social), e tinha a finalidade de prestar atendimento médico aos que contribuíam com a previdência social, ou seja, aos empregados de carteira assinada. O INAMPS dispunha de estabelecimentos próprios, mas a maior parte do atendimento era realizado pela iniciativa privada; os convênios estabeleciam a remuneração por procedimento, consolidando a lógica de cuidar da doença e não da saúde. Fonte:

<http://sistemaunicodesaude.weebly.com/histoacuteria.html>

⁴⁰Rock Brasília - Era de Ouro é um documentário brasileiro de 2011, dirigido por Vladimir Carvalho que conta história do Rock de Brasília.

que não inibiu a sua ocupação por moradores de rua. Jornais noticiavam o Conic como “Boca do lixo”, que “tornou-se um dos maiores antros de marginais, prostitutas, homossexuais e traficantes do Plano Piloto”.⁴¹A realidade do Conic, reforçada pelos noticiários, contribuíram para construção da má fama do setor.

A década de 90 foi marcada por inúmeras tentativas de requalificação do Conic. A Associação dos Lojistas, em conjunto com o Governo do Distrito Federal, iniciaram uma série de medidas buscando reverter o esvaziamento do setor e redução da criminalidade na zona central do Plano Piloto.



Fig. 37 Fonte: Jornal de Brasília 05/04/1983

A desvalorização imobiliária, somada ao aumento da criminalidade, reforçou o estigma de lugar perigoso, afastando consumidores do Conic. Com o intuito

⁴¹(Rocha, 1979)

de promover ações de requalificação, os condôminos organizados, constituíram uma prefeitura⁴². Nas deliberações sobre os problemas que afetavam o setor, acreditava-se que a sua decadência seria causada pelo estado de degradação física, falta de manutenção, ou mesmo por determinados estabelecimentos e seus frequentadores que prejudicavam a sua imagem.

Um das primeiras tarefas propostas pela prefeitura foi a limpeza das áreas públicas, tanto do térreo como dos subsolos, com o objetivo de afastar moradores de rua e mendigos da região. Para garantir uma maior segurança junto os estacionamentos, boates e bares, e para diminuir a criminalidade, foi instalada uma delegacia no Ed. Darcy Ribeiro. Outra medida implementada foi a criação de um jornal que buscava desconstruir a imagem negativa do setor por meio da publicidade positiva, além da criação de uma agenda de eventos.

A crença de que o espaço seria pouco atrativo, se comparado com os shopping centers que surgiam na cidade, ou mesmo com o SD-N, orientou intervenções superficiais de reforma. Foram instalados, de forma independente e aleatória, por cada condomínio, revestimentos nobres (mármore ou granito) e escadas rolantes (nos anos anteriores).

Como não houve um retorno proporcional às medidas implementadas, iniciou-se um processo de moralização dos bares e casas noturnas, pois acreditava-se que o afastamento da população era devido aos estabelecimentos de baixo meretrício.

Entretanto, enquanto o comércio se esforçava em conseguir aumentar a clientela, as opções de entretenimento oferecidas pelas boates, bares, sinucas e boliche continuavam a atrair público. Uma ação conjunta entre a Prefeitura do

⁴² (NUNES, 2011, p. 13)

Conic, Administração Regional de Brasília e o GDF buscou promover uma intensificação na fiscalização dos estabelecimentos tentando de várias formas, encontrar brechas que justificassem seu fechamento. A Secretaria de Segurança Pública efetuou batidas policiais frequentes, objetivando encontrar evidências de prostituição, tráfico e uso de drogas.

Ao mesmo tempo, o Corpo de Bombeiros fiscalizava se os estabelecimentos estavam de acordo com as normas de segurança. A Administração Regional de Brasília passou a dificultar a concessão e a renovação de alvarás de funcionamento dos estabelecimentos que encobriam o tráfico e prostituição na região. Estes estabelecimentos estavam localizados principalmente na parcela sul do Conic, nos edifícios Acropol, Baracat, Venâncio Junior, Venâncio V e Venâncio VI.

As opiniões eram divergentes. Enquanto grupos moralistas como evangélicos e profissionais liberais defendiam o fechamento destes estabelecimentos, boêmios e proprietários, jovens e artistas defendiam a sua permanência. Já a prefeitura apoiava a continuidade das boates, clubes e bares, mas não apoiavam o fechamento destes estabelecimentos, assim como das igrejas evangélicas, que também apresentavam incompatibilidade de uso de acordo com a legislação vigente. Buscando uma forma de apaziguar a situação, a prefeitura não se posicionava contra nenhum grupo e alegava uma suposta convivência “pacífica” entre as diferentes atividades do setor.

Entretanto, o diretor da Administração Regional de Brasília - Walter Ney Peninha, acreditava que sem fechar as boates onde houvesse evidências de prostituição, a instalação de boates de “alto nível” seria impossível.



Fig. 38 - Fonte: Jornal de Brasília
21/06/1989

Operação Arrastão no "Conic" gera polêmica

Ao final da primeira semana da Operação Arrastão — desencadeada segunda-feira passada, visando moralizar o Setor de Diversões Sul (Conic) — a Secretaria de Segurança Pública ainda não fez um balanço dos seus resultados. O delegado Norberto Soares Neto, que comandava a blitzsábado à noite, disse que o setor estava tranquilo e não houve nenhuma prisão em flagrante.

Por falta de motivos que justificassem a presença da polícia no local, o delegado retirou da área por volta das 23h00, os 15 agentes que o acompanhavam na operação. O delegado de Menores, Gilson Santiago, confirmou a posição de Nor-

berto, de que as pessoas se divertiam tranquilas no setor e que não havia presença de menores.

Representantes do Movimento de Defesa dos Direitos Humanos, Conselho Indigenista Missionário, estudantes da Faculdade Dulcina e dos partidos políticos com sede no Conic (PT, PCB, PSB, PSDB e PDT) amanhã reúnem-se para discutir os efeitos da Operação Arrastão junto à comunidade que frequenta o Setor de Diversões Sul. Eles são contra as prisões para averiguação, proibidas pela nova Constituição; as revistas indiscriminadas dos transeuntes, como também ao tráfico de drogas que dizem existir no setor.

Fig. 39 – Fonte: Jornal de Brasília 04/06/1989

Em 1995, o projeto *Frente Brasília Popular* pretendia a revitalização e o embelezamento do SD-S. A ação conjunta entre a Associação dos Lojistas com o então governador Cristovam Buarque buscava transformar o setor em uma versão do projeto Rua 24 horas⁴³, implantado em Curitiba. Em 15/02/1995, aconteceu no Teatro Dulcina uma assembleia com membros da secretaria de cultura, representados pela então secretária Maria Duarte, e a associação dos lojistas. A pauta buscava levantar as necessidades dos comerciantes, assim como “apurar as reais vocações e aptidões do SD-S”. Foram designadas, a partir da assembleia, frentes de trabalho: os artistas se encarregariam da elaboração de um projeto cultural, o GDF, prefeitura e representações sindicais ficariam responsáveis pela administração e o desenvolvimento dos projetos de requalificação do espaço seria feito pelos arquitetos da NOVACAP.

⁴³A Proposta do então prefeito de Curitiba, Jaime Lerner, constituía-se um ponto comercial e turístico situado no centro da cidade, capital do estado brasileiro do Paraná, projetada para ser um centro comercial aberto em tempo integral, 24h por dia.

A frente de cultura defendia que era “preciso conseguir reformar e humanizar o SD-S, sem transformá-lo em mais um hipermercado elitizado, Liberty Mall ou Park Shopping” e que seria preciso que as reformas fossem benéficas à maior parte dos usuários. O não desenvolvimento dos projetos pela NOVACAP não permitiu o andamento dos projetos de requalificação. Foi então encomendado um estudo ao Centro de Planejamento Oscar Niemeyer (CEPLAN) em 1995, à Faculdade de Arquitetura da UnB, que também não seguiu adiante.

Em decadência, o Teatro e a Faculdade Dulcina de Moraes estavam subutilizados. Uma ação conjunta entre a administração da FBT e o governo do Distrito Federal buscava a requalificação por meio de reformas do espaço físico do teatro. Reformas foram feitas na sala principal e criou-se uma nova, chamada Porão, que também poderia ser acessada pelo estacionamento de serviço. O projeto propunha não apenas a reforma dos espaços físicos, mas também a promoção de eventos ligados ao teatro, à história e às artes plásticas.



Fig. 40 - Foto do dia posterior ao fechamento do Cine Atlântida e o comunicado da compra pela Igreja Universal. Fonte: Jornal de Brasília 15-08-1995



Fig. 41 – Cine Atlântida de Portas Fechadas. Fonte: Jornal de Brasília 15-08-1995

Em 1995, o Cine Atlântida, que pertencia ao Grupo Severiano Ribeiro, foi comprado pela Igreja Universal do Reino de Deus. O evento teve grande repercussão e mobilizou importantes nomes do cinema, como Wladimir de Carvalho, Manfredo Caldas, Lyonel Lucini e André Luiz Oliveira. A polêmica envolvia questões relacionadas aos usos permitidos no setor, assim como se o culto religioso se caracterizava ou não como diversão. A entrada definitiva das igrejas evangélicas coincidiu com o fechamento de alguns dos bares e boates do setor, o que acentuou os conflitos entre grupos divergentes.

“Aqui é o Setor de Diversões Sul, e desde quando religião é diversão? ” – Raimundo Nonato Rabelo, proprietário do Cine Ritz. (Jornal de Brasília, 1995)

“Este lugar é ideal para semearmos o nosso trabalho” – L.A , Igreja Universal do Reino de Deus. (Jornal de Brasília, 1995)

“Deus colocou a gente aqui para evangelizar e dar um caminho para as prostitutas, bêbados e mendigos que vivem aqui (...) A gente faz vigília de sexta para sábado, e quando saímos as seis da manhã, ainda tem um monte de homossexual, travestis e prostitutas nas boates lá de baixo” – Fátima, Igreja Universal do Reino de Deus. (Jornal de Brasília, 1995)

“Isso aqui só implodindo e construindo outro encima” – Cláudio Reis, agente de viagens no Ed. Venâncio III. (Jornal de Brasília, 1995)

Ao final da década, somavam-se cinco igrejas neopentecostais instaladas do setor sendo que, destas, três funcionam onde antes haviam cinemas. Das seis salas de exibição, duas estavam fechadas e uma ainda resistia como cinema pornô com exibição de shows de sexo ao vivo. No térreo do setor, dois estabelecimentos exibiam filmes pornográficos em cabines individuais, sendo que um deles funcionava dentro de um sex shop. Estes estabelecimentos concentravam grande número de frequentadores, principalmente ao fim do dia, em geral, trabalhadores da região.

A redução dos índices de criminalidade foi alcançada com a instalação da delegacia de polícia e pelas rondas feitas na região central. O fechamento de parte dos bares que ainda funcionava no setor resultou em uma diminuição considerável do número de frequentadores.

A desvalorização do Conic manteve os aluguéis baixos, atraindo jovens empreendedores que tinham como público alvo os jovens. Surgiram lojas de moda alternativa e street wear, que comercializavam camisetas de bandas, acessórios e jogos. Esse período deu início à reocupação do setor por uma parcela jovem da população, que passava a utilizar o Conic como lugar de encontro e compras. A atmosfera de abandono aos poucos foi se revertendo, surgindo os primeiros eventos organizados pela comunidade, em conjunto com a Prefeitura e lojistas. Entretanto, o início do processo de moralização do setor não pode ser atribuído apenas à chegada das igrejas, mas aos esforços contínuos, principalmente ligados ao GDF.

Nos últimos dez anos, mudanças significativas na gestão do Conic vêm favorecendo a sua apropriação por diversos grupos sociais. O processo de reconfiguração do Conic, por meio de ações de revalorização do setor, tem promovido uma ressignificação deste espaço, assim como vêm atraindo um crescente número de usuários a cada dia.

Ações conjuntas entre a prefeitura e a Associação dos Lojistas passaram a promover e a incentivar eventos culturais e de valorização da história do setor. A implementação de uma agenda de eventos culturais do Conic teve um papel importante na retomada dos espaços ociosos do setor. Uma das medidas adotadas foi o convite ao proprietário da extinta “Livraria Presença”, Sr. Ivan Presença, a instalar provisoriamente uma feira de livros usados, sobre a marquise do Ed. Darcy Ribeiro. Neste contexto, o papel da prefeita do Conic, a arquiteta Flávia Portela, foi fundamental na articulação entre interesses de frequentadores e comerciantes.

O papel do comércio para o processo de ressignificação do setor é um aspecto importante a ser ressaltado. A implantação de um comércio especializado contribuiu para atrair diferentes grupos sociais para o Conic.

A instalação de um comércio de sprays, por meio cursos e workshops de grafite, estimulou um processo de valorização deste tipo de arte urbana. Alguns condomínios, mediados pela prefeitura, passaram a ceder empenas dos edifícios para a confecção de painéis grafitados. As fachadas, então desgastadas pelo tempo e falta de manutenção, passaram a abrigar os mais variados tipos de arte gráfica tipicamente urbanas. Assim como as lojas de grafite, a abertura de um comércio especializado em produtos voltados à prática do skate levou o setor a se tornar um ponto de encontro para os jovens praticantes do esporte. Como forma de incentivo à prática do skatismo, os comerciantes passaram a promover eventos desportivos e socialização entre seus consumidores.

O aumento no número de evangélicos no setor, por sua vez, em função das igrejas que se instalaram, revelou-se um potencial mercado consumidor. O comércio redirecionou seus produtos para o novo perfil dos usuários. Papelarias, livrarias, lojas de roupas e discos passaram a incorporar nas suas

fachadas palavras que faziam alusão direta ao meio religioso – “Moda Evangélica”, “Livraria Missão e Vida”, “Maranata & vida – moda evangélica”, “Rocha Eterna – livraria evangélica”, etc.

A efetivação do SD-S como rota de passagem dos pedestres que circulam entre a Estação Galeria dos Estados e a Rodoviária resultou numa apropriação feita por um comércio popular que se volta para a plataforma. A utilização de autofalantes, decorações chamativas e a oferta de brindes oferece produtos e serviços que vão da concessão de crédito ao comércio de eletrônicos.

Recentemente, uma tentativa de resgate da memória do projeto do SD-S resultou na ocupação das fachadas, que deveriam receber letreiros luminosos, por publicidade institucional estampada em lona. Embora os letreiros devessem sinalizar as atividades que o setor abriga, a alternativa trouxe um maior movimento para a fachada do setor, além de representar um ganho para os condomínios com o aluguel das superfícies. A substituição dos neons propostos por Costa, pela lona estampada, em parte se deveu ao baixo custo do material e manutenção, assim como pela série de apagões que ocorreram em Brasília nos últimos anos.

Em 2009, os últimos estabelecimentos voltados à prostituição e ao comércio de drogas que ainda resistiam ao processo de moralização do Conic foram fechados. Segundo os noticiários, os motivos que levaram à interdição de tais estabelecimentos estavam relacionados à exibição de cópias pirata de filmes, exploração sexual e prostituição⁴⁴. A queda do número dos índices de criminalidade no setor resultou no fechamento da delegacia que funcionava no Ed. Darcy Ribeiro. Posteriormente, o mesmo edifício foi ocupado pela

⁴⁴Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/policia-fecha-cinema-em-brasilia-por-suspeita-de-prostituicao-3205837>.

Associação dos Artesãos do Distrito Federal. A partir de então, feiras de artesanato acontecem regularmente no setor toda semana.

“Expurgados” os males do Conic, o setor ainda projeta a sombra do seu passado “marginal” e “transgressor”. O estigma que se arrasta desde o processo de “moralização” do setor pode, como bem analisou Brasilmar Ferreira Nunes⁴⁵, lançar “um olhar de fora sobre o edifício”. Contudo, relativamente livre dos problemas gerados pelo abandono e a falta de segurança, o setor vem se firmando como um dos locais mais socialmente diversificados de Brasília.

⁴⁵ NUNES, 2011, p. 21.

CAPÍTULO 4

CENTRALIDADE E CONVIVÊNCIAS: PRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS NO CONIC

Este capítulo busca identificar, na espacialidade do SD-S, suas formas atuais de apropriação. Para a elaboração do levantamento foram feitos recortes espaciais, possibilitando assim, concentrar a análise em áreas específicas. O primeiro recorte compreende a parcela da plataforma que estabelece uma ligação direta com o Setor de Diversões Sul. Para a sistematização das outras áreas, foram traçadas linhas que dividiriam o setor em parcelas equivalentes, tendo, assim, as parcelas 1, 2 e 3 que, embora delimitadas pelas linhas de corte, não representam uma delimitação real deste espaço.

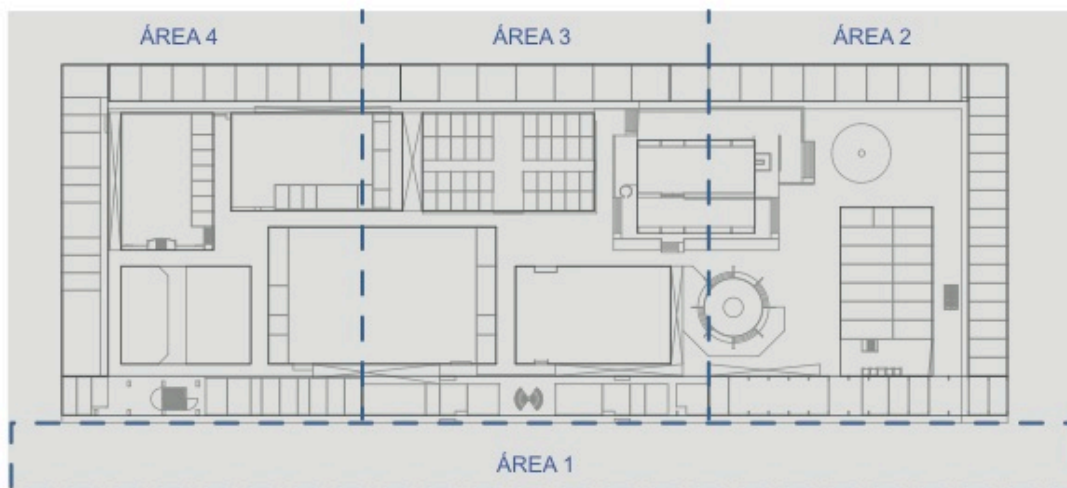


Fig. 42 – O gráfico indica a divisão das áreas analisadas.

O método utilizado fez uso da observação *in loco*, utilizando da análise morfológica e da espacialização das atividades desenvolvidas em cada trecho do Conic. Buscou-se compreender como esse espaço possibilita as atividades que ele abriga e como a forma arquitetônica interfere nas ações dos seus usuários.

A importância deste capítulo está em entender como as atividades desenvolvidas no setor podem ser resultado da forma arquitetônica, para que mais adiante se possa relacionar as formas de apropriação com as intenções de projeto. O estudo das práticas sociais desenvolvidas é a estratégia para entender os efeitos da forma arquitetônica. Entretanto, deve-se considerar que determinadas atividades podem não ser apenas resultados de uma determinada morfologia.

A pesquisa partiu do inventário das atividades que o setor abriga, mapeando formas de uso dos espaços comerciais e das práticas sociais que nele acontecem. A espacialização destas atividades forneceu dados que foram analisados *a posteriori*, com o intuito de estabelecer relações entre o espaço

construído e suas apropriações. Para a elaboração dos mapas houve a necessidade de se analisar espacialidades específicas. Percebeu-se que determinadas áreas apresentavam um certo padrão de predileção por certos agrupamentos de pessoas, com características específicas nas formas de apropriação, como skatistas, sindicalistas, evangélicos, boêmios, gays, etc.

Por meio de observações no local, em dias e horários diferentes, foram levantadas as atividades desempenhadas por cada grupo e onde elas aconteciam. Essas informações foram utilizadas como base para a confecção de mapas de uso que, por sua vez, possibilitaram a espacialização das atividades no setor. O cruzamento dos dados da primeira e segunda etapas possibilitou a análise e compreensão de algumas das razões para que determinados espaços sejam preteridos por certos grupos e por outros não, assim como as transformações no espaço promovidas por cada agente.

A estratégia para delimitar as formas de apropriação partiu da análise das atividades que acontecem no âmbito público, ou seja, nos espaços que se configuram entre os edifícios. Buscou-se também relacionar estas práticas com as atividades comerciais do setor. A partir da confecção dos mapas, foram analisadas características da configuração do espaço com as atividades que ele abriga.

Para a elaboração das análises percebeu-se a necessidade de uma metodologia para se identificar esses atores sociais e as suas formas de uso do espaço. O caráter interdisciplinar da pesquisa exigiu uma imersão no universo, por meio de leituras referenciais das ciências sociais (antropologia urbana, sociologia e estudos culturais) para a definição da metodologia adequada para a identificação destes atores sociais.⁴⁶

⁴⁶ DURKHEIM, 2007; HALL, 1999; MAFFESOLI, 1997; NUNES, 2011; VELHO, 1975 e VELHO, 2013.

O trabalho de pesquisa de campo foi feito não apenas de um levantamento baseado na observação, mas também como uma reflexão e investigação dos “porquês” que levaram a formas de apropriações específicas para cada grupo social. A espacialização das atividades desempenhadas no Conic foi possível por meio da análise sistemática do processo de projeto e construção, apresentado nos capítulos 2 e 3.

Para a elaboração das análises foi utilizada a identificação, não do indivíduo, mas dos grupos, organizados ou não, além da compreensão acerca da sua manifestação nesse espaço. Em função das diversas tribos que utilizam o setor, foi necessária uma seleção. Destacaram-se as mais representativas nas formas de ocupação e na influência que exercem sobre o Conic. Delimitados os grupos, foram identificadas e analisadas as formas das apropriações de acordo com as áreas selecionadas.

4.1 O CALÇADÃO DO CONIC



Fig. 43 – Calçada da Plataforma Rodoviária. Foto: Rogério Rezende

Sobre a plataforma rodoviária, uma extensa calçada configura a rota de passagem de milhares de pessoas ao longo do dia. Com seis metros de largura, a calçada liga o Setor de Diversões Norte ao Sul. Sobre o vão da plataforma, entre o Conjunto Nacional e o Conic, o vazio da plataforma possibilita a contemplação: de um lado, a Torre de TV e, do outro, a Esplanada dos Ministérios. Em frente aos dois setores simétricos, duas praças vão de encontro aos passeios, conformando espaços de permanência.

Diariamente, um grande fluxo de pedestres percorre o trajeto que vai da rodoviária passando pelo Conic, em direção aos setores Comercial e Hoteleiro

Sul, assim como entre a rodoviária e os setores norte. A intensidade desse fluxo favoreceu a ocorrência de um tipo específico de comércio popular. Esse comércio, comum a outros centros urbanos, é fortalecido tanto pela proximidade com a rodoviária como pelo número de funcionários na região central de Brasília.

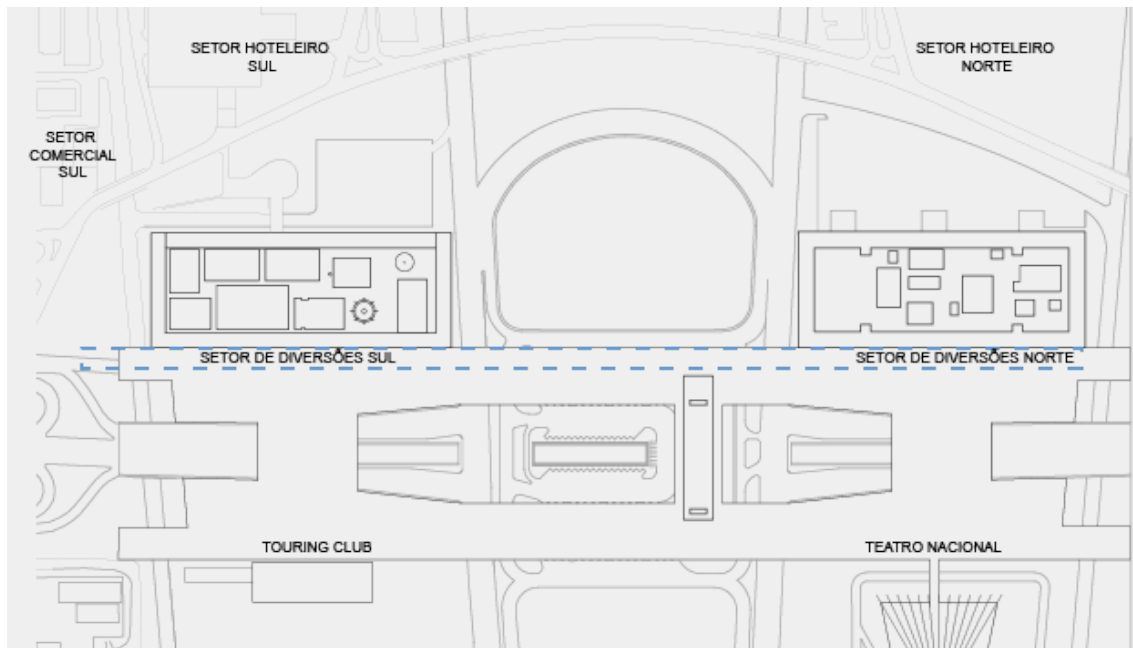


Fig. 44 – O mapa indica o mais intenso fluxo de pessoas, entre a rodoviária do Plano Piloto (retângulo maior) e a estação Galeria dos Estados (retângulo Menor). Na extensão entre os dois polos, há um comércio ambulante nos horários de maior movimentação. Na fachada do SD-S que se volta para a plataforma, percebe-se o funcionamento de um comércio mais popular.

O maior movimento acontece durante os dias úteis e aos sábados de manhã, que coincide com horário de trabalho regular, ou seja, de 9 às 19h. Depois desse período há uma redução progressiva do fluxo de pessoas até as 22h.

Embora a plataforma se apresente como um grande vazio, os ambulantes definem territórios, que se formam e se desfazem, por diversos fatores, como: condições do tempo, hora ou mesmo por medo da fiscalização que retém suas mercadorias. Os territórios definem áreas de comércio e circulação de

pedestres, seja pelas esteiras e caixas dispostas sobre a calçada ou mesmo pela dimensão dos seus corpos no espaço. A quantidade de camelôs e panfleteiros, somada à intensidade do fluxo de pessoas em certas horas do dia por vezes comprometem a circulação, mesmo tendo a calçada seis metros de largura.

Os produtos oferecidos pelos ambulantes são dos mais diversos gêneros - frutas, lanches, roupas, calçados, acessórios, artesanato, souvenirs, etc. - e são expostos sobre caixas ou esteiras, espalhados pela calçada. O tipo de mercadoria, por sua vez, varia de acordo com o horário. Pela manhã, até as 10h, é recorrente a presença de vendedores de produtos para "café da manhã", quando as lanchonetes e cafés ainda não iniciaram suas atividades. Após as 10h, esses comerciantes dão lugar a vendedores de produtos diversos - objetos decorativos, utilidades domésticas, acessórios, roupas, artesanato, etc.

Os valores dos produtos dificilmente extrapolam R\$ 10,00, o que confirma o "caráter popular" desse comércio. Por não serem regularizados, os camelôs, por vezes, são surpreendidos com o recolhimento das mercadorias pela fiscalização local, ou são dispersos pelos mesmos.



Fig. 45- Artesão na calçada enfrente ao Ed. Baracat. 2012.
Foto: Rogério Rezende



Fig. 46- Panfleteiros enfrente ao Ed. Boulevard Center. 2012. Foto: Rogério Rezende

Ao longo do dia, panfleteiros abordam os passantes divulgando os serviços ofertados pelo comércio do Conic (em sua maioria), como autoescolas, clínicas

odontológicas, oftalmológicas, medicina do trabalho, compra e venda de ouro, financeiras, etc. Para a sua identificação, são utilizados uniformes, o qual informa o nome e telefone da empresa para qual trabalham, como forma de conferir maior credibilidade aos clientes "cooptados". Existe também um mercado paralelo de produtos de origem desconhecida, que são ofertados por preços abaixo do valor de mercado.



Fig. 47- Comércio de lanches na calçada enfrente ao Ed. Boulevard Center. 2012. Foto: Rogério Rezende



Fig. 48- Camelô na calçada enfrente ao Ed. Baracat. 2012. Foto: Rogério Rezende

Sob a fachada que se debruça sobre a plataforma, o comércio regular foi apropriado por magazines "populares". Utilizando autofalantes, decorações chamativas e a oferta de brindes, ofertam-se produtos e serviços que vão da concessão de crédito ao comércio de eletrônicos.

A presença dos camelôs também estimulou a implantação de um comércio atacadista, que por sua vez abastece seu próprio comércio. Localizado no subsolo do SD-S, nas lojas de atacado são comercializados doces e outros produtos industrializados, além de existir um ponto de distribuição de sorvetes. Nas imediações do setor e em menor quantidade são encontrados carrinhos onde são vendidos lanches rápidos e sucos naturais, de produção artesanal.

No interior do Conic, nos arredores dos bares e restaurantes, vendedores ofertam os mais variados tipos de objetos importados (chaveiros, brinquedos, acessórios e objetos luminosos). Outra forma de comércio que se estabelece, principalmente em torno dos bares, é o de crianças que comercializam balas e chicletes, e que fazem uso da coerção emocional como forma de efetuar suas vendas.

O estabelecimento de elementos que reforçam o conceito de centralidade, associado a questões morfológicas da área, favorecem o surgimento de atividades que estão intimamente associadas à configuração dos centros urbanos. A conformação de uma rota de passagem entre grandes polos geradores de tráfego (metrô e rodoviária) favoreceu com que esse espaço se apresentasse como uma potencial área de trocas comerciais. A escassez de tempo para os trabalhadores da região proporcionou com que certas atividades fossem realizadas ao longo do percurso casa-trabalho. Neste aspecto, o surgimento de um comércio no calçadão do Conic, seja formal ou informal, vem de encontro às necessidades dos próprios usuários. Essa dinâmica urbana possui uma lógica própria, não necessariamente associada à configuração arquitetônica, mas a uma esfera macro, no caso, de um centro urbano.

4.2 PRAÇA DO CHAPÉU



Fig. 49 – Praça do Chapéu. Foto: Airton Costa Júnior

A área 1 está compreendida entre os edifícios Venâncio II, Venâncio III, Venâncio IV, Boulevard Center e a Fundação Brasileira de Teatro e é definida pelos espaços não ou parcialmente edificadas, correspondentes aos lotes T2, T3 e T4. Estes espaços coincidem com os espaços mais qualificados com relação à amplitude, a equipamentos urbanos e a áreas sombreadas. Devido à extensa área pública, é a preterida para a realização de eventos, sejam eles planejados ou espontâneos.

Ao percorrer a escura galeria comercial do Edifício Boulevard Center, o pedestre se depara com um grande pátio, delimitado pela fachada dos edifícios Venâncio II e III. Este amplo espaço, parcialmente construído, é o “respiro” do Conic. Em meio a estreitos corredores e pequenos largos, a configuração de uma grande praça não passa despercebida ao pedestre. No meio deste, está localizada a Praça do Chapéu, que recebeu este nome em função da construção não acabada de um quiosque no final da década de 1970 e proporcionou a conformação de uma área sombreadada, utilizada para os mais diversos fins.



Fig. 50 – Conic: manchas de apropriação na área 2.

Durante a semana, este espaço funciona como um abrigo contra o sol e a chuva e acolhe uma feira de artesanato, organizada pela Associação dos Artesãos, cuja sede se localiza no edifício Darcy Ribeiro. Aos finais de semana, no primeiro sábado de cada mês, é utilizada por praticantes de break dance, em um evento que reúne jovens vindos de cidades do entorno de Brasília. Por vezes, ocasionalmente, também funciona como uma extensão do Bar do Thainá

- bar localizado no edifício Boulevard Center, onde são dispostas mesas nos dias de chuva.

Ao final da tarde, o barulho dos skates é ouvido de longe. O som funciona como um orientador quanto à localização dos skatistas no Conic. A identificação deste grupo é facilitada pelo objeto comum aos praticantes, o skate. Mas além deste, é possível identificar um padrão estético comum ao grupo. Ainda que os integrantes dessa tribo apresentem uma aparente homogeneidade, cada skatista, ao seu modo, expressa sua individualidade dentro de um estilo, o skatewear.

Embora a camiseta, bermudas ou calças largas sejam a marca do grupo, assim como os tênis de solado reto, é possível perceber certas particularidades de cada indivíduo. Por meio de camisetas, informam aos outros membros do grupo suas preferências, interesses musicais, de estilo etc. Os adereços também são importantes na caracterização: colares, pulseiras, relógios e bonés conferem personalidade ao indivíduo dentro do grupo.

Existe também um código verbal e de sinais, o que permite a eles se expressarem entre si, e dificilmente são compreendidos por membros externos ao grupo. Tais características possibilitaram que se pudesse identificar e, conseqüentemente, analisar o grupo e suas formas de uso do espaço separadamente.

Embora a codificação do grupo sugerisse um certo isolamento com relação às pessoas externas, percebeu-se que, de fato, o grupo era bem mais permeável. Em algumas visitas foram percebidas tentativas de frequentadores do setor de estabelecer o contato com jovens. Ao contrário das expectativas, essas pessoas externas ao grupo eram acolhidas pelos skatistas. Mesmo que não compartilhassem dos mesmos códigos estéticos e comportamentais, não se

sentiam excluídos da prática. Pelo contrário, sentiam-se atraídos pelas manobras; alguns arriscavam a se equilibrar sobre o skate, uma tarefa aparentemente simples, mas que se revelava bem mais complexa.



Fig. 51 – Apropriação dos skatistas no Ed. Darcy Ribeiro. Foto: Rogério Rezende 2012

Percebeu-se que existem lugares preteridos para a prática do esporte, embora quase toda a área pública do setor seja utilizada. A observação desses espaços mais utilizados possibilitou a construção de um mapa, onde se identificou, por área, os agrupamentos e como as atividades eram desenvolvidas.

Em volta do Ed. Darcy Ribeiro, um jardim a mais de um metro abaixo do nível da Praça do Chapéu é utilizado para manobras mais arriscadas, nas quais o skatista pratica os saltos mais ousados. Os bancos de concreto que deveriam funcionar como uma barreira de proteção à queda são ignorados, sendo utilizados como obstáculos a serem ultrapassados (Fig. 36). A rampa e a escada de acesso ao jardim também são utilizadas para esse tipo de manobra que, pelo desnível considerável, apresentam um certo risco de quedas.



Fig. 52 - Skatistas utilizando o fosso do Ed. Darcy Ribeiro para manobras com skate. 2012. Foto: Rogério Rezende

Como incentivo às práticas do grupo, a prefeitura, associada aos lojistas, promove um evento no primeiro sábado de cada mês, no qual acontece o encontro de B-boys e a disputa de break dance. O evento acontece também na Praça do Chapéu, onde se distribuem tatames improvisados com madeirite, que reorganizam o espaço, orientando a localização de cada grupo. Nos agrupamentos, a cada momento um dos membros vai ao centro mostrar suas habilidades na dança, ao som dos B-boys.

Embora não haja distinção de gênero para a participação, a maioria dos participantes são rapazes, cuja idade aparenta menos de trinta anos. O evento dura toda a tarde e adentra a noite. Muitos curiosos somam-se aos frequentadores do botequim próximo à praça. Descendo a escadaria entre a Casa do Artesão e a Praça do Chapéu, DJs mixam vários sons.

Os espaços livres entre a Praça do Chapéu e o ed. Boulevard Center são compartilhados tanto pelos breakers e skatistas como pelos frequentadores dos dois bares localizados no edifício. Os restaurantes, assim como os bares, iniciam seu funcionamento ao público às 11h e, sobre as áreas públicas, espalham mesas e cadeiras. O público é o mais variado e vai se transformando ao cair da tarde e início da noite. Às sextas-feiras e sábados o movimento nos bares é mais intenso e os estabelecimentos estendem seu funcionamento até as 23h, sendo o público mais variado – jovens, velhos, homossexuais, travestis, trabalhadores da região. Há, nessas ocasiões, TVs exibindo shows da moda: os gêneros musicais passam pelo sertanejo, pagode e samba.



Fig. 53 Bar do Thainá, Ed. Boulevard Center. 2012.
Rogério Rezende



Fig. 54 Bar do Thainá, Ed. Boulevard Center. 2012.
Rogério Rezende

Nos eventos mensais de break, o som dos B-boys é aproveitado pelos bares, e a clientela animada, por vezes se arriscam a dançar, compartilhando breakers e boêmios do mesmo espaço e experiência. Configura-se, assim, um ambiente animado, amistoso e seguro. Os restaurantes têm um movimento regular durante os dias da semana, mas ao cair da tarde começam a funcionar como bares. À noite o movimento no Conic que deve-se a estes estabelecimentos e só existe movimentação nas suas proximidades.



Fig. 55 Encontro de B-Boys no Conic.
Foto: Rogério Rezende



Fig. 56 Encontro de jovens sob a marquise do Ed. Darcy
Ribeiro. 2012 . Foto: Rogério Rezende

Outro espaço a ser analisado é o Ed. Darcy Ribeiro, construído para abrigar o anexo da FTB. Sua composição morfológica, com uma ampla varanda sobre pilotis rodeada por jardins, resultou em um espaço amplamente utilizado.

Nas visitas ao Conic foram identificadas neste edifício as mais variadas atividades, como pessoas dançando, dormindo, descansando, fumando, lendo, comendo, ou mesmo usando drogas. É também sob a marquise desse edifício que fica a Banca Cultural do Sr. Ivan – um sebo de livros usados. Na parte do edifício onde anteriormente existia um espelho d'água e um jardim – que não existe mais devido às infiltrações no subsolo – skatistas dividem espaço com pessoas que descansam nos bancos sob a sombra. Na parte dos fundos desse edifício, onde ainda existe um jardim e um painel grafitado, foi percebida sua utilização por usuários de droga e moradores de rua que, devido à sua localização, torna o lugar menos visível.

Ocasionalmente sob a marquise do Darcy Ribeiro acontecem saraus, peças de teatro, shows, disputas de dança e óperas. É um espaço agradável devido à grande área sombreada; é também o único lugar qualificado com um jardim, ainda descuidado. Também foi percebido nesse espaço o uso pelos

encarregados da manutenção (garis) na pausa para o descanso, dormindo sob a marquise ou fazendo suas refeições.

O Espaço Arildo Dória⁴⁷ está localizado no Ed. Venâncio III e é um espaço contemplativo de onde se pode observar o Setor Hoteleiro (Norte e Sul) e o fundo da Torre de TV. É um lugar bastante utilizado, geralmente por pessoas em busca de um momento para tragar um cigarro, tirar um cochilo, namorar, falar ao celular ou apenas observar a vista (Fig. 57).



Fig. 57 Espaço Arildo Dória. 2013. Foto: Rogério Rezende

As possibilidades de atividades que os espaços podem proporcionar, dependem da visão do indivíduo ou grupo e como este se relaciona com o espaço construído ao seu redor.

⁴⁷Arildo Doria era militante do PCB e estudante de Letras Neolatinas na Faculdade de Filosofia, que depois viria a ser a Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro - atualmente, UERJ.

Pode se avaliar que a reduzida densidade de área construída do trecho 2, se comparada a outras, possibilitou a conformação de uma praça interna ampla e arejada. Em contraposição a outros trechos do setor, que se apresentam como corredores estreitos, com uma configuração por vezes labiríntica, a amplitude da área 2 favoreceu não apenas o potencial maior de atividades a serem desenvolvidas, mas também permitiu a visualização das atividades desempenhadas. Neste aspecto, essa conformação espacial foi bastante benéfica para determinadas práticas, já que expõe, aos olhos de todos, as atividades que o setor abriga.

4.3 O LARGO DO TEATRO DULCINA



Fig. 58 – Largo do Teatro Dulcina – Foto: Airton Costa Junior, 2013.

A terceira área configura um largo, sendo delimitada pelos edifícios Miguel Badya, Dulcina de Mores e Cine Atlântida. Devido às suas dimensões reduzidas, é um espaço mais utilizado como passagem, ocorrendo, ocasionalmente, outras atividades.

É nesse trecho do Conic, entretanto, onde se pode perceber uma forma apropriação associada a um grupo específico, o dos grafiteiros e pichadores. Difícil não se atentar à quantidade de grafites e pichações nas paredes desgastadas do setor. A pichação, assim como o grafite, são intervenções no espaço que estão associadas a formas de expressão de determinadas tribos urbanas. Enquanto a maioria destas tribos pode ser identificada por meio dos códigos compartilhados e, principalmente, pela estética dos seus integrantes, uma certa particularidade envolve a tribo dos pichadores e grafiteiros, a não identificação do indivíduo, mas das marcas que eles deixam no espaço.



Fig. 59 Conic: manchas de apropriação na área 3.

A consciência do fato orientou a abordagem do tema, que se apoiou nas transformações promovidas por essa tribo no Conic. Durante as visitas e observações em campo, foram identificadas três formas de grafismos distintos: a pichação, o grafite e o estêncil, este em menor quantidade. Os três tipos diferentes de pintura têm um ponto em comum: a utilização de sprays para seu

feito e que, de acordo com a técnica e ideologia, recebem cada um uma terminologia própria.

O grafite é o mais bem aceito pela sociedade por ser mais figurativo, colorido e atrativo. Atualmente essa forma de expressão vem se destacando no cenário artístico e seus autores têm sido reconhecidos como artistas, como exemplo de Keith Haring nos Estados Unidos, ou mesmo Os Gêmeos no Brasil. As pichações, por sua vez, estão associadas a assinaturas ou mensagens de determinados grupos, geralmente feitas de uma só cor e dificilmente são decifráveis por quem não faz parte desse grupo. A codificação de alguns grafismos impede que outras pessoas compreendam o seu significado, ficando restrito aos membros do grupo, ou de quem pratica a pichação. Em uma espécie de disputa pelo domínio da cidade, vence quem tiver mais pichações em locais de destaque. As paredes pichadas não são socialmente aceitas, à margem da legalidade, sendo a sua prática caracterizada como dano ao patrimônio público.

O estêncil é um tipo de decalque que utiliza um molde perfurado, por meio do qual é possível se reproduzir o mesmo desenho ou frases diversas vezes. As mensagens estampadas nos estêncis possuem, em geral, uma conotação política, crítica ou irônica. Atualmente a prática do estêncil vem ganhando adeptos e até admiradores devido ao reconhecimento do trabalho do anônimo Banksy, na Inglaterra.

Cada uma dessas modalidades de pintura apresenta formas diferentes de utilização das superfícies e dependendo da forma como é confeccionada, ou da sua intenção, orientam sua localização espacial. No caso do grafite, por ser mais trabalhoso e demandar mais tempo, geralmente é feito mediante a autorização do proprietário do edifício e às vezes até patrocinado pelo mesmo, em função da recente valorização desse tipo de trabalho. Nos últimos anos, o

uso das fachadas do Conic para a confecção de murais grafitados tem sido estimulado pela prefeitura local, tanto pelo patrocínio do material como pela concessão das superfícies para seu feitiço. Mensalmente, são promovidos eventos que buscam a valorização do grafite, por meio de oficinas e workshops sobre o tema.

A pichação, devido ao seu papel subversivo, busca na excentricidade da sua localização uma forma de chamar a atenção, como pontos altos e de difícil acesso. A localização das estampas tipo estêncil, em função da rapidez com que são feitos, é escolhida geralmente na configuração de passagens e com altura dentro do campo visual do pedestre.



Fig. 60- Estêncil feito na fachada do Ed. Miguel Badya – 2012 Foto: Rogério Rezende



Fig. 61- Pichações e grafite feitos na fachada do Cine Atlântida – 2012 Foto: Rogério Rezende

As paredes decoradas com grafites, pichações ou estêncis vão além de marcos estéticos: são representações coletivas carregadas de significados, valores e visões de mundo associadas a essas tribos. As formas de apropriação estabelecem domínios, territórios que se desdobram além dos limites físicos do setor. Em decorrência da convergência das populações de outras partes do Distrito Federal para o centro de Brasília, essa região vem se adaptando ao perfil desses usuários. Como consequência, essa arquitetura passa a incorporar

elementos representativos da cultura dessas tribos. Um exemplo desse processo é a assimilação e a valorização do grafite como arte e forma de expressão. Os espaços mais utilizados para o grafite são as empenas cegas dos edifícios, espaços com poucas ou sem aberturas. Essas grandes superfícies, no geral, foram cedidas para esse tipo de pintura mural, como o Ed. Darcy Ribeiro e a Faculdade Dulcina de Moraes.



Fig. 62- Painel grafitado no Ed. Darcy Ribeiro, feito pelo grafiteiro italiano Mr. Klevra e o brasileiro Guga Baygon em 2012. Foto: Rogério Rezende



Fig. 63 Confeção de painel grafitado. Conic – Foto: Rogério Rezende



Fig. 64– Grafites na fachada do Teatro Dulcina de Moraes. Foto: Airton Costa Junior. 2014

Os pichadores, "à margem da legalidade", atuam em horários de menor movimento e buscam superfícies excêntricas para sua implantação. A mais utilizada das formas de pintura é encontrada em praticamente todos os edifícios, o que confere ao Conic uma atmosfera "decadente", de grandes centros urbanos. Os estêncis estão localizados em lugares visíveis, usualmente em locais de passagem e posicionados nas paredes no campo visual dos passantes. Devido à rapidez com que são feitos, os horários de maior movimento não impedem a sua execução.

Uma outra tribo que é percebida no Conic é a dos jogadores de RPG (Role-Playing Game). O RPG é um jogo baseado na interpretação de papéis, no qual os participantes constroem uma história e nela se aventuram, por meio de narrativas orais de suas atividades num mundo imaginário.

No espaço entre o Ed. Darcy Ribeiro e o Ed. Miguel Badya, em frente à loja Kingdom Comics, o espaço é ocupado pela tribo. Em um evento promovido regularmente pela loja, sobre a marquise do edifício Venâncio IV, são dispostas mesas onde os jogos são praticados. O evento acontece regularmente aos sábados. Por ser um dos principais comércios de RPG em Brasília, a loja atrai consumidores de diversas partes da cidade e de diferentes classes sociais, tornando o Conic em um lugar de referência para os praticantes do jogo.



Fig. 65 Evento promovido pela loja Kingdom Comics para jogadores de RPG . 2012. Foto: Rogério Rezende

Assim como a área 1, a área 2 é também utilizada por skatistas. Como as áreas públicas dessa região apresentam um piso liso e sem desníveis, o espaço é utilizado pelos mais jovens ou menos experientes. Por ser um local de passagem, a velocidade e o nível de complexidade das manobras é reduzido. Nesse espaço percebeu-se que acontece uma interação maior entre os praticantes e os transeuntes. Por vezes notou-se o interesse demonstrado pelos frequentadores do setor e até mesmo dos lojistas, que saem de dentro dos comércios para assistir as praticas ou mesmo para participar.

A configuração de um estreito corredor entre o Cine Atlântida e os edifícios Miguel Badya e Venâncio Junior também é utilizado pelos skatistas, devido à conexão que estabelece com outro largo ao sul do setor. Nesse largo, além de um espaço amplo para a prática do skate, ele possui uma loja voltada para venda de artigos relacionados ao esporte, a qual disponibiliza uma mini pista

de skate. Segundo os usuários, aquela é um modelo reduzido de uma pista existente no Guará⁴⁸, utilizada por praticantes de skate de dedo.

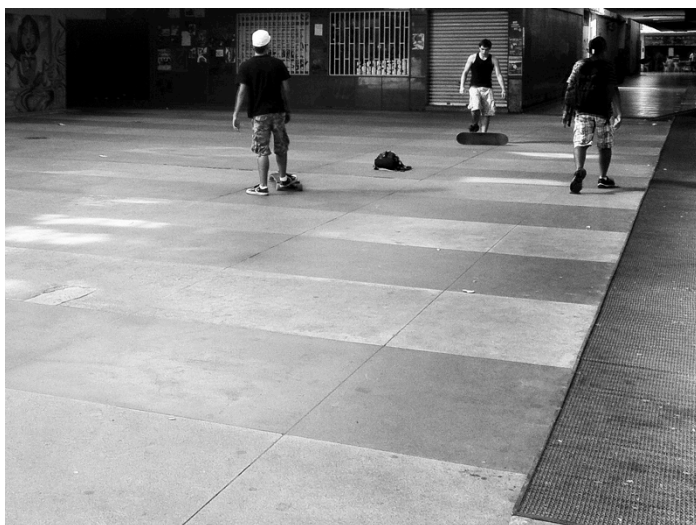


Fig. 66 – Apropriação do Largo do Teatro Dulcina pelos Skatistas Foto: Rogério Rezende



Fig. 67- Apropriação dos corredores do Conic pelos Skatistas. Foto: Rogério Rezende

Embora em grande parte do setor seja possível perceber a presença dos skatistas, um único edifício tornou proibida tal prática. Não apenas essa prática, como algumas outras. O Ed. Eldorado, por exemplo, condomínio mais valorizado do setor, assim como o mais bem cuidado é, conseqüentemente, o mais vigiado. Ao ouvir o som das tábuas e rolamentos, os porteiros já saem de suas guaritas, de prontidão a inibir que os jovens circulem por ali.

Ocasionalmente aos sábados os lojistas patrocinam eventos que promovem o encontro de skatistas, onde é instalada uma estrutura de madeirite que reproduz uma pista de skate. Ao som de DJs, em clima de festa, skatistas ocupam a frente da loja, entre a calçada e a Praça Zumbi dos Palmares. A existência desse comércio especializado é fundamental para permanência do grupo no setor. Os encontros que são patrocinados, ou mesmo os que ocorrem no dia a dia, em grande parte se devem a eles.

⁴⁸ O Guará é uma das cidades satélites do Distrito Federal, localizada ao sul do Plano Piloto.

Embora skatistas sejam percebidos em outros lugares da cidade, o Conic tem se mostrado um dos lugares preferidos pelos jovens. De certa forma, sua semelhança com centros urbanos convencionais, com edifícios altos e desgastados pelo tempo, favorece a identificação com esse caráter urbano, o qual é inerente à prática do esporte. O comércio especializado, assim como os eventos que são promovidos ou que decorrem do cotidiano, possibilitam a interação entre os membros da tribo. A proximidade com a rodoviária permite que jovens de diversas partes do DF se encontrem no Conic. O resultado desse encontro se mostra muito benéfico, pois permite o reconhecimento do diferente dentro da mesma tribo, assim como a troca de experiências e conhecimentos.

A configuração área 3 apresenta-se como uma média entre as áreas 3 e 4, mais fechada que a área 2, e mais ampla que a área 4. Devido a essa morfologia, apresenta formas de apropriação específicas. Nesta área, onde as empenas cegas constituem a maior parte das superfícies verticais, é onde são encontradas a maior parte dos grafites, estêncis e pichações, não apenas pelas características espaciais que favorecem a confecção deste tipo de pintura, mas devido à menor circulação de pessoas que, por sua vez, se relaciona a menor quantidade de comércio que se volta para o espaço público do setor. A relativa calma deste trecho favorece também o uso das áreas livres por leitores da Livraria Cultural e pelos jogadores de RPG já que, em função de um menor fluxo de pessoas, é possível a obstrução dos locais de passagem com mesas e bancos.

4.4 O LARGO DA BOEMIA



Fig. 68 – Largo da Boemia - Foto: Airton Costa Junior

A área 4 abrange a parcela sul do Conic – Ed. Venâncio VI, Baracat, Cine Atlântida, Acropol e Venâncio Junior. Esta região é caracterizada por corredores estreitos e mal iluminados. Um pequeno largo é configurado pelo afastamento dos edifícios Acropol, Venâncio Junior, Cine Atlântida e Baracat. Mais boêmio, neste lugar, historicamente, concentravam-se as atividades mais libertinas do setor, das quais ainda mantém algumas reminiscências.

Os edifícios que delimitam os limites sul do setor (Venâncio V e VI), principalmente os edifícios Venâncio V e VI, foram ocupados por partidos políticos. Por consequência, no comércio próximo a estes edifícios pode se perceber uma certa especialização. Papelarias, lojas de carimbo, manutenção de computadores, gráficas e fotocopiadoras, ocupam a maior parte dos espaços comerciais nesta região. É comum encontrar nos corredores deste trecho, pessoas fumando, falando ao celular, conversando ou discutindo questões políticas.

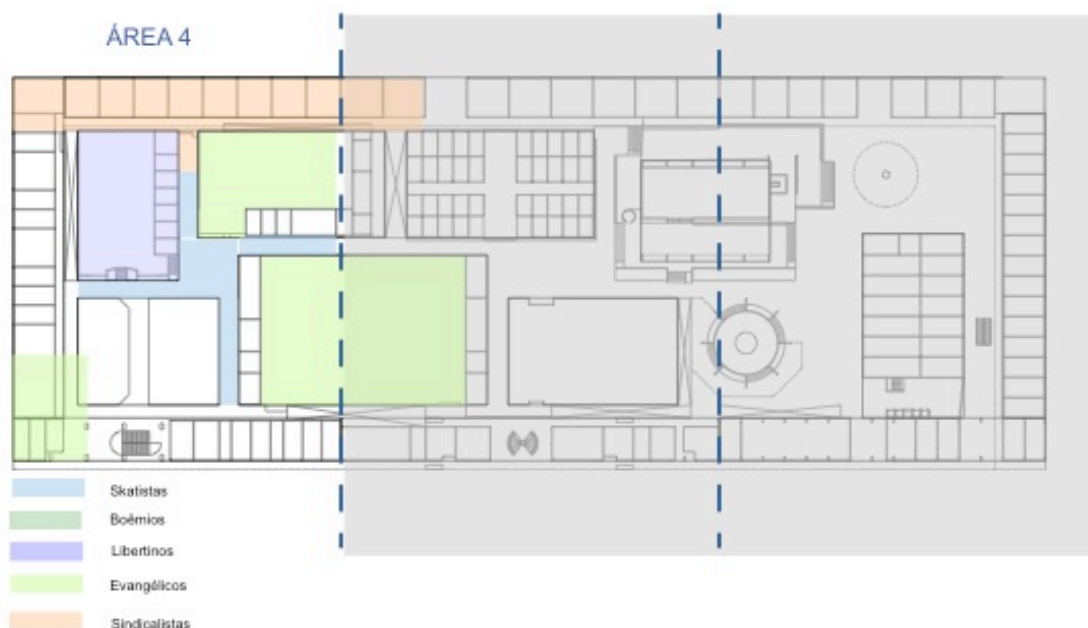


Fig. 69 - Conic: manchas de apropriação na área 4. Elaboração: Aurtor

Outra forma de apropriação percebida diz respeito às atividades "libertinas" que, por sua vez, relacionam-se também com o comércio do local. O termo libertino foi utilizado para classificação desse grupo que utiliza o setor em busca do prazer sexual, independente da orientação sexual que apresentam. Tal escolha se deve ao caráter inclusivo que o Conic representou em Brasília ao longo de sua história e que ajudou a construir a imagem de diversidade sexual da qual o setor é símbolo. Atualmente grande parte dos estabelecimentos,

como cabines de exibição de filmes eróticos, cinemas pornográficos, bares, boates e prostíbulos foram fechados.

As opções de entretenimento adulto estão restritas a um espaço de festas, uma sauna gay e alguns botequins. Os bares que ainda funcionam estão localizados no andar térreo e encerram suas atividades às 23 horas. Ocasionalmente, acontecem festas no Conic, às sextas e sábados, no Espaço Galeria, um espaço de eventos localizado no Ed. Acropol. Existe no mesmo edifício uma sauna gay ainda em funcionamento, menor e mais discreta do que a que funcionava no mesmo local anos atrás.



Fig. 70- Folder de uma das festas que acontecem no Espaço Galeria, no Ed. Acropol.



Fig. 71- Folder de uma das festas que acontecem no Espaço Galeria, no Ed. Acropol.

O histórico das apropriações de cunho sexual do setor ao longo dos anos contribuiu para a construção de uma imagem de espaço libertino. Ao mesmo tempo em que provoca uma certa repulsa aos mais conservadores, representa para outros um território transgressivo, por vezes desejável. Um exemplo disso tem sido um resgate da memória do Conic subversivo, por meio de festas e peças de teatro que exploram a atmosfera *underground* das galerias de serviço, criando novas possibilidades para esse espaço, hoje abandonado.

Desde o final da década de 1980, um crescente número de igrejas vem se instalando no Conic. O grupo aqui denominado evangélico corresponde à

parcela dos frequentadores do setor que o fazem para a prática religiosa, seja pregação, panfletagem, compra e venda de artigos religiosos. Uma das características desse grupo é o "conservadorismo", expresso na maneira de agir, já que são menos tolerantes com relação a outros grupos que não compartilham dos mesmos preceitos religiosos.

Assim como outras tribos, compartilham de crenças e valores, códigos de conduta particulares. Nesse contexto, a moda, assim como as formas de comunicação (cumprimentos, interjeições, expressões, etc.), apresentam um papel de distinção e identificação entre os membros do grupo. De forma geral, homens e mulheres apresentam certos princípios ao se vestirem, estando sempre cobertos braços e pernas.

Embora os templos religiosos não tenham sido previstos para o Setor de Diversões, o número de igrejas tem crescido nos últimos anos, após um afrouxamento na legislação, que permitiu a existência de templos religiosos no setor. As primeiras igrejas que se instalaram no Conic datam de meados da década de 1980, quando houve um rápido crescimento do movimento neopentecostal no Brasil. Hoje, das sete igrejas que funcionam no Conic, três estão estabelecidas onde antes funcionavam salas de cinema, dentre elas: Cine Venâncio Jr - Assembleia de Deus; Cine Atlântida - Universal do Reino de Deus; Cine Bristol – Renascer em Cristo.



Fig. 72- Comércio de artigos religiosos no Ed. Baracat. 2012. Foto: Rogério Rezende



Fig. 73- Comércio de artigos religiosos no Ed. Baracat. 2012. Foto: Rogério Rezende



Fig. 74- Comércio de artigos religiosos no Ed. Miguel Badya. 2012. Foto: Rogério Rezende



Fig. 75- Comércio de artigos religiosos no Ed. Acropol. 2012. Foto: Rogério Rezende

Embora os cultos aconteçam dentro dos templos, sua influência extrapola os limites físicos das igrejas. Com o aumento do fluxo de pessoas nos dias e horários em que há celebração de culto, conseqüentemente houve também uma maior movimentação no setor, que há poucos anos não existia. Esse aumento estimulou a abertura de um comércio orientado para esse público; onde de vestuário à papelaria, tudo é comercializado sob o nome evangélico. Até mesmo o nome dos estabelecimentos recebe influência do segmento evangélico.

Devido à grande movimentação de pessoas que passam pelo Conic em direção aos setores comercial e hoteleiro, é comum vê-los professando sua fé

nas calçadas. São distribuídos panfletos com horários dos cultos, mensagens bíblicas e convites para conhecer as igrejas. Os lugares mais utilizados correspondem aos mais movimentados, assim como em frente aos templos, conforme indicado no mapa (Fig.69).

Embora a maioria das igrejas sediadas no Conic sejam neopentecostais, existem outros grupos religiosos, por vezes "rivais", devido à incompatibilidade de suas crenças, tais como a Federação de Umbanda e Candomblé, e a Comunidade Athos, uma igreja evangélica inclusiva, voltada ao público GLBT. A convivência nessa diversidade nem sempre é pacífica, existindo pontos de atrito entre grupos, em geral pela intolerância dos evangélicos em relação a frequentadores de outros estabelecimentos (Espaço Galeria, Teatro Dulcina de Moraes e alguns bares) que, por sua vez, revidam com provocações.

Do contato entre este grupo com os demais, viu-se surgir novas conformações sociais, como um movimento de skatistas evangélicos, a Comunidade Athos e grafiteiros que utilizam de referências religiosas nos seus trabalhos.



Fig. 76 – Mapa de zoneamento das apropriações feitas pelos religiosos do SD-S. Fonte: Rogério Rezende

A última área analisada conforma a parcela mais densamente ocupada. A configuração labiríntica das áreas públicas dificultam o acesso à visualização das práticas neste trecho do setor. As inflexões de percurso, somadas à atividade comercial específica, restringem o fluxo de pessoas nesta área. Estes fatores favoreceram apropriações associadas aos grupos boêmios e libertinos já que, tradicionalmente, estas atividades ocupam áreas mais isoladas das cidades. A queda do valor dos aluguéis, em decorrência deste tipo de atividade, resultou em uma apropriação feita por grupos políticos e representações de classe. A configuração dos corredores estreitos, assim como a ocupação e o acesso ao subsolo do Conic favoreceram a implantação de atividades de cunho boêmio e libertino, como boates e prostíbulos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que diz respeito à centralidade de Brasília, pode afirmar que o projeto de Lucio Costa não apresenta-se apenas como a materialização literal das premissas defendidas pelo Movimento Moderno. Como discutido no Capítulo 1, embora os Movimento apontasse para uma reorganização racional da cidade e pela dissolução dos centros urbanos originalmente densos, o projeto de Costa apresenta uma certa particularidade. No caso de Brasília, a descentralidade defendida pela Carta de Atenas deu lugar a uma concepção urbana cruciforme, cujo ponto de convergência dos eixos ordenadores do tecido urbano coincidiu com a implantação do seu centro. Este centro, diferente da proposta modernista, retomou elementos tradicionais da composição urbana das cidades, como a densidade e a variedade das edificações e usos, assim como da facilidade de acesso.

Por ser uma cidade administrativa, Brasília convergiria para si, uma população vinda de todas as regiões do país. A densidade das edificações, somada a proximidade com a Rodoviária do Plano Piloto, favoreceria a intensificação do fluxo de pessoas na região. Assim, a vitalidade urbana pretendida, seria

alcançada pela diversidade social da população. Neste sentido, a inserção de um Setor de Diversões junto a praça pública, atuaria como um elemento catalizador, que potencializaria a presença dessa população junto ao centro da cidade.

A idealização do Setor de Diversões Sul está inserida no contexto de modernização, discutido no Capítulo 1. Sua concepção pretendia, pela oferta de espaços de qualidade e acessíveis a todos, a construção de uma sociedade igualitária, mas em um sentido mais amplo, o da convivência entre os diferentes.

Por outro lado, a criação de uma cidade organizada na forma de setores, assim como o excesso de espaçamento entre os edifícios e a homogeneidade da sua arquitetura, foi apontada pela crítica como os geradores de uma cidade fria e sem vida e que, por desconsiderar os seus habitantes, seria incapaz de ser apropriada. Contudo, mais de cinquenta anos de sua inauguração, a cidade apresenta uma conformação físico/espacial que difere se deste ponto de vista.

Neste sentido a centralidade de Brasília atua como uma área que, por convergir para si uma população vinda dos mais diversos pontos do Distrito Federal, torna-se representativa desta conformação físico/social e assume uma importância de caráter regional. Para compreender a conformação deste centro, torna-se necessária a compreensão da ideia de centralidade defendida pelo autor do Plano Piloto, assim como a concepção do SD-S como um espaço que proporcionaria a convivência em coletivo.

Como parte integrante deste centro, o SD-S foi projetado para abrigar sofisticados equipamentos de lazer e entretenimento tipicamente urbanos, contudo, como discutido na dissertação, este espaço foi reconfigurado ao longo dos anos. Este processo de transformações, por sua vez, acompanhou o

próprio desenvolvimento urbano da capital. Embora o centro de Brasília tenha sido projetado com características locais, a expansão do núcleo original, com a criação de outras áreas urbanizadas, fez com que esta área adquirisse características regionais. O surgimento das cidades satélites, principalmente ao sul do Distrito Federal, configura hoje uma grande região metropolitana. O modelo urbano desenvolvido nos primeiros anos da construção da capital transferiu a população de trabalhadores da construção para regiões periféricas, dando forma, como consequência, ao padrão de segregação espacial urbano que perpetuou-se no DF.

Enquanto Brasília foi construída como a excelência do seu traçado urbano, baseado nas premissas do Movimento Moderno, as cidades satélites, embora planejadas, careciam da mesma qualidade. A concentração dos empregos formais, a oferta de serviços públicos essenciais, ou mesmo a ampla quantidade de opções culturais e de lazer no Plano Piloto fizeram com que este centro adquirisse uma importância regional.

A conformação de uma metrópole poli-nucleada que tenderia a gerar um enfraquecimento do seu núcleo urbano original, pelo vínculo de dependência, proporcionou o seu fortalecimento. Hoje, a centralidade de Brasília, mais que o centro do Plano Piloto, apresenta-se como o centro de complexo urbano, composto por 31 regiões administrativas, mais entorno, contabilizando uma população de mais de 3 milhões de habitantes. Essa centralidade, reforçada pela convergência do sistema viário e dos meios de transporte coletivos, possibilitou com que diariamente um grande fluxo de pessoas se deslocasse da periferia ao centro da cidade. A conformação social diversificada desta região favoreceu com que esse espaço projetado para ser um lugar agregador e cosmopolita apresentasse hoje uma outra conformação.

Como discutido no capítulo 2, o Setor de Diversões foi idealizado por Costa como um espaço agregador e cosmopolita que conferiria a este centro a vitalidade urbana almejada. Contudo, nos primeiros anos após a inauguração da cidade, a população reduzida, assim como a falta de edificações na área central, impossibilitavam com que esta região alcançasse a urbanidade pretendida. Foram então implementadas medidas para a rápida execução do SD-S, como discutido no capítulo 2 e 3, como forma de atrair um maior fluxo de pessoas e estimular a ocupação da área central.

Das definições de projeto ao espaço que se construía, percebe-se a atuação de diversos agentes configuradores do espaço. Nesse sentido, o papel desempenhado pela NOVACAP como articuladora entre interesses públicos e privados tendeu a favorecer a ação particular dos construtores. As alterações de projeto ocorridas durante o processo de construção do setor levaram a discrepâncias entre o espaço projetado e o construído. Outras alterações, como, por exemplo, o aproveitamento dos subsolos, que por um lado se mostrou vantajoso para os construtores, por outro, a solução projetual adotada criou problemas de conexão entre edifícios assim como conflitos sobre a propriedade e responsabilidade pelos espaços criados. Em decorrência da construção da via de acesso aos subsolos e, posteriormente, a escavação para construção do estacionamento de serviço resultou em um isolamento do Conic em relação aos setores adjacentes, comprometendo a permeabilidade nesta região central.

Nos primeiros anos da cidade inaugurada, a transferência de órgãos públicos e representações diplomáticas para a capital estimulou o surgimento de atividades comerciais voltadas a este público. Nesse contexto, a oferta de salas comerciais no SD-S favoreceu a sua ocupação por estes órgãos. Devido à condição socioeconômica destes primeiros habitantes, um sofisticado comércio

de apoio surgiu no setor para atender a esta demanda. Contudo, na medida em que cidade se consolida ao longo dos anos, esses primeiros habitantes começaram a se transferir para outras áreas, ocasionando um esvaziamento do setor e, conseqüentemente, a falência do comércio.

Neste momento, as decisões de projeto que resultaram na construção do estacionamento de serviço ocasionaram o isolamento do setor em relação ao SH-S. Contudo, este mesmo isolamento favoreceu que este espaço seguisse uma lógica própria. O que poderia ter levado a uma completa decadência do Setor de Diversões Sul proporcionou o surgimento de outras formas de uso que não haviam sido previstas. Fatores como a conformação labiríntica composta por corredores estreitos, dificuldade de acesso e visualização, proporcionaram o estabelecimento de formas de sociabilidades específicas, como: a ocupação do setor por atividades, como boates, prostíbulos e cinemas de conteúdo adulto e posteriormente pelo comércio de drogas. Contudo estas apropriações tiveram um resultado negativo para o setor, configurando um estigma de lugar mal frequentado.

Nos anos seguintes, a desvalorização imobiliária, somada ao contexto político brasileiro, favoreceu a sua ocupação por sindicatos, sedes de partidos políticos e associações de classe, conformando um espaço por muitos considerado subversivo.

Por meio do estudo do histórico das ocupações do setor, visto no capítulo 3, constatou-se que enquanto a centralidade de Brasília estava voltada para região central, as atividades desenvolvidas no Conic atendiam às suas funções originais. Contudo, o surgimento de outros centros de atividades e o conseqüente enfraquecimento desta centralidade levaram a um esvaziamento do setor. Embora durante a década de 1970 tenham se tentado implementar medidas de reafixação deste centro junto à rodoviária, elas não foram

suficientes, já que a expansão da cidade tinha gerado outros pontos de atração.

Entretanto, nas últimas duas décadas, houve uma tomada deste centro pela população. As facilidades de locomoção com a criação do metrô intensificaram a circulação de pessoas na região central. A transferência dos órgãos das áreas centrais para outras mais periféricas favoreceu a ocupação do centro por atividades comerciais e de serviços. Para atender a esse público, um comércio de caráter mais popular passa a se implantar na região.

A falta de equipamentos públicos urbanos somado ao crescimento da violência nas cidades satélites faz com que parte dessa população passe a frequentar mais as áreas públicas do Plano Piloto. Na medida em que os *shopping centers* passam a figurar como opção de lazer para as classes média e média alta do DF, os espaços públicos centrais passam a abrigar formas alternativas de lazer. A presença destes grupos fez surgir no Conic um comércio direcionado a esse público, como lojas de moda alternativa, artigos esportivos, musicais, entre outros. Ao mesmo tempo, o próprio setor passou a promover eventos para atrair esse público e buscou consolidar essa nova configuração. O Conic hoje apresenta uma realidade que se distingue do caráter cosmopolita que ele deveria abrigar. A presença de diversos grupos sociais, ou tribos urbanas como proposto por Maffesoli, promoveu uma ressignificação do setor. Hoje o Conic é visto por parte da população como um diversificado centro comercial, ponto de encontro das mais variadas tribos urbanas.

Pode-se concluir que o espaço arquitetônico, considerado demasiado homogêneo e monótono para ser apropriado, passou, nos tempos atuais, a ser ressignificado pelos próprios usuários e pelas práticas que ele abriga. A configuração dos espaços coletivos abertos e igualitários permitiram, por sua vez, a copresença entre diversos grupos, que compartilham do mesmo espaço.

Deste compartilhamento surgem conflitos de interesses, cujo mediador da ação é o próprio espaço.

As narrativas de configuração propostas por Ricoeur, possibilitaram a análise destas diversas narrativas que se sobrepõem na construção deste espaço, a materialização de questões abstratas são percebidas no espaço cotidiano, que por sua vez atuam na construção identitária de cada grupo. As narrativas e práticas vivenciais nestes espaços não estão apenas na memória, como demonstrado no decorrer do texto, mas se materializam na construção deste espaço que passa a incorporar à sua materialidade elementos identitários que atuam diretamente na configuração espacial do setor.

Nesse sentido, pode-se concluir que a configuração espacial do Conic não pode ser determinada apenas por questões projetuais ou construtivas. As narrativas de configuração que se sobrepuseram ao longo do tempo proporcionaram uma contínua reconfiguração do setor, sendo as questões socioespaciais fundamentais no seu processo de construção, não apenas como materialidade, mas também de imagem e significado.

De certa forma, embora o lugar sofisticado e cosmopolita idealizado por Costa não tenha se efetivado tal como fora idealizado, ele proporcionou a conformação de uma realidade que mais se aproxima à diversidade social de outros centros urbanos. Reconstruindo em sua materialidade a própria configuração dos centros urbanos tradicionais, reproduzindo experiências cotidianas nas cidades brasileiras, como a praça, igreja, comércio, feiras, eventos culturais, etc., percebe-se a configuração, não de um espaço idealizado, mas de um espaço "real", fruto da apropriação legítima da população. Na medida em que nega a ideia de um espaço sofisticado, aproxima-se do caráter agregador do centro urbano proposto.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIG. 1 - VISTA AÉREA DA PLATAFORMA RODOVIÁRIA, 2013. FOTO: EDUARDO SOARES.	2
FIG. 2 – RUA DE LONDRES, SÉC XIX - FONTE: ILUSTRAÇÕES DO PINTOR FRANCÊS GUSTAVE DORÉ (1832-1883)	15
FIG. 3 - RUA DE LONDRES, SÉC XIX - FONTE: ILUSTRAÇÕES DO PINTOR FRANCÊS GUSTAVE DORÉ (1832-1883)	15
FIG. 4 - FOTOGRAFIA DE 1902, RETRATA UMA DAS GALERIAS COMERCIAIS DE PARIS –.....	18
FIG. 5 - RUA DO OUVIDOR EM 1890. FOTOGRAFIA: MARK FERREZ.....	18
FIG. 6 - PROJETO DE LUCIO COSTA PARA O CONCURSO DO PLANO PILOTO DA NOVA CAPITAL DO BRASIL. FONTE: COSTA (1991)	33
FIG. 7 - CROQUIS DE LÚCIO COSTA. O PRIMEIRO A APRESENTA PLANO GERAL DE BRASÍLIA.	34
FIG. 8 - SETOR CULTURAL E DE DIVERSÕES.	34
FIG. 9 – O CENTRO URBANO DE BRASÍLIA FONTE: (LEITÃO, F. , 2009).....	37
FIG. 10 – GRÁFICO COM AS ALTERAÇÕES FEITAS NA ÁREA CENTRAL DE BRASÍLIA. FONTE: ROGÉRIO REZENDE	38
FIG. 11 - CROQUIS DE LÚCIO COSTA DO SETOR DE DIVERSÕES. FONTE: (COSTA L. , 1957) ...	39
FIG. 12 – PICADILLY CIRCUS, 1950.....	41
FIG. 13 – RUA DO OUVIDOR, RIO DE JANEIRO – 1941 –FONTE: HTTP://WWW.RIOQUEPASSOU.COM.BR/	41

FIG. 14 – CORTE TRANSVERSAL DO PROJETO FEITO PELO ARQUITETO GLAUCO CAMPELO. FONTE: (LEITÃO F. , 2003, P. 147).....	42
FIG. 15 – CROQUI DO SD-S FEITO POR LUCIO COSTA EM 1957. FONTE: (COSTA L. , 1957) ...	43
FIG. 16 – PROJETO ELABORADO POR LUCIO COSTA EM 1962. FONTE: ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DE BRASÍLIA.	43
FIG. 17 - CORTE ESQUEMÁTICO DO TERRENO ENTRE O SETOR HOTELEIRO SUL E A RODOVIÁRIA. AUTOR: ROGÉRIO REZENDE	44
FIG. 18 - CONSTRUÇÃO DO SETOR DE DIVERSÕES SUL EM 1963. FONTE: ARPDF	45
FIG. 19 - PROJETO DA GALERIA DE SERVIÇO (CORTE) – 26-10-1962 FONTE: ARQUIVO ADMINISTRAÇÃO DE BRASÍLIA, REG. PR 34.1	47
FIG. 20 – O GRÁFICO ILUSTRA A CONFORMAÇÃO DO SETOR DE DIVERSÕES SUL NA PRIMEIRA METADE DA DÉCADA DE 1970.....	48
FIG. 21 – CORTE ESQUEMÁTICO DO PROJETO DO SD-S SEGUNDO O PROJETO DE 1962. FONTE: ROGÉRIO REZENDE	48
FIG. 22 –GABARITO DOS EDIFÍCIOS PERIMETRAIS DO SD-S– 10-03-1967 FONTE: ARQUIVO ADMINISTRAÇÃO DE BRASÍLIA, REG. CE2_1.	49
FIG. 23 PROJETO DA GALERIA DE SERVIÇO (CORTE) – 10-03-1967 FONTE: ARQUIVO ADMINISTRAÇÃO DE BRASÍLIA, REG. CE2_1.	49
FIG. 24 LINHA DO TEMPO DAS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NO SD-S EM TRÊS PERÍODOS. FONTE: ROGÉRIO REZENDE	50
FIG. 25 FOTOGRAFIA AÉREA DO CENTRO DE BRASÍLIA EM 1968. NO CANTO ESQUERDO O SETOR DE DIVERSÕES EM CONSTRUÇÃO, E O HOTEL NACIONAL AO FUNDO FONTE: ARP-DF ...	54
FIG. 26 – CONSTRUÇÃO DO CINE ATLÂNTIDA. FONTE: BANCO DE IMAGENS DA UNESCO. DATA N.C.	55
FIG. 27 FOTOGRAFIA AÉREA DO CENTRO DE BRASÍLIA EM 1970. NO CANTO ESQUERDO O SETOR DE DIVERSÕES COM ALGUNS EDIFÍCIOS CONCLUÍDOS. FONTE: ARP-DF	56
FIG. 28 – GRÁFICO COM AS ATIVIDADES ABRIGADAS NOS PRIMEIROS EDIFÍCIOS DO SD-S DURANTE A DÉCADA DE 1970. FONTE: ROGÉRIO REZENDE	60
FIG. 29 FOTOGRAFIA AÉREA DO CENTRO DE BRASÍLIA EM 1972. A DIREITA O SETOR DE DIVERSÕES COM ALGUNS EDIFÍCIOS CONCLUÍDOS. FONTE: ARP-DF 1972	61

FIG. 30	PROJETO DE 19-04-1971 (ESTACIONAMENTO DE SERVIÇO)FONTE: ARQUIVO ADMINISTRAÇÃO DE BRASÍLIA, REG. PR 39.3. ESSE ESTACIONAMENTO OCUPARIA UMA ÁREA DE 100M X 60M, ENTRE A ALÇA DO EIXO W E O SD-S. NO ESPAÇO REMANESCENTE, SERIA CONSTRUÍDA UMA PRAÇA LIGANDO O SH-S E A CONEXÃO DESTA COM O SD-S. ...	62
FIG. 31	PROJETO DE 05-05-1971 - ESTACIONAMENTO, PRAÇA E PASSARELA DE LIGAÇÃO ENTRE O SETOR HOTELEIRO E O SETOR DE DIVERSÕES. FONTE: ARQUIVO ADMINISTRAÇÃO DE BRASÍLIA, REG. PR 40.1	63
FIG. 32	– GRÁFICO COM AS ALTERAÇÕES FEITAS NO SD-S DURANTE A DÉCADA DE 1970. FONTE: ROGÉRIO REZENDE	63
FIG. 33	– GRÁFICO COM AS ALTERAÇÕES FEITAS NO CENTRO DE BRASÍLIA COMO RESULTADO DO I SEMINÁRIO DE PROBLEMAS URBANOS (1974). FONTE: ROGÉRIO REZENDE	66
FIG. 35	– SEDE DO PARTIDO DOS TRABALHADORES-(PT)	67
FIG. 36	– (1) CINE SUPERAMA KARIM – ED. ACROPOL, (2) CINETEATRO VENÂNCIO JUNIOR – ED. VENÂNCIO JUNIOR, (3) CINE KARIM - MIGUEL BADYA E BADYA HELOU – ED. MIGUEL BADYA, (4) CINE ATLÂNTIDA – CINE ATLÂNTIDA, (5) TEATRO DULCINA DE MORAES – FUNDAÇÃO BRASILEIRA DE TEATRO , (6) CINE BRISTOL – ED. CONIC.	69
FIG. 37	FONTE: JORNAL DE BRASÍLIA 05/04/1983	71
FIG. 38	- FONTE: JORNAL DE BRASÍLIA 21/06/1989	74
FIG. 39	– FONTE: JORNAL DE BRASÍLIA 04/06/1989	74
FIG. 40	- FOTO DO DIA POSTERIOR AO FECHAMENTO DO CINE ATLÂNTIDA E O COMUNICADO DA COMPRA PELA IGREJA UNIVERSAL. FONTE: JORNAL DE BRASÍLIA 15-08-1995	75
FIG. 41	– CINE ATLÂNTIDA DE PORTAS FECHADAS. FONTE: JORNAL DE BRASÍLIA 15-08-1995	75
FIG. 42	– O GRÁFICO INDICA A DIVISÃO DAS ÁREAS ANALISADAS.....	82
FIG. 43	– CALÇADA DA PLATAFORMA RODOVIÁRIA. FOTO: ROGÉRIO REZENDE.....	85
FIG. 44	– O MAPA INDICA O MAIS INTENSO FLUXO DE PESSOAS, ENTRE A RODOVIÁRIA DO PLANO PILOTO (RETÂNGULO MAIOR) E A ESTAÇÃO GALERIA DOS ESTADOS (RETÂNGULO MENOR). NA EXTENSÃO ENTRE OS DOIS POLOS, HÁ UM COMÉRCIO AMBULANTE NOS HORÁRIOS DE MAIOR MOVIMENTAÇÃO. NA FACHADA DO SD-S QUE SE VOLTA PARA A PLATAFORMA, PERCEBE-SE O FUNCIONAMENTO DE UM COMÉRCIO MAIS POPULAR.	86

FIG. 45- ARTESÃO NA CALÇADA ENFRETE AO ED. BARACAT. 2012. FOTO: ROGÉRIO REZENDE	87
FIG. 46- PANFLETEIROS ENFRETE AO ED. BOULEVARD CENTER. 2012. FOTO: ROGÉRIO REZENDE	87
FIG. 47- COMÉRCIO DE LANCHES NA CALÇADA ENFRETE AO ED. BOULEVARD CENTER. 2012. FOTO: ROGÉRIO REZENDE.....	88
FIG. 48- CAMELÔ NA CALÇADA ENFRETE AO ED. BARACAT. 2012. FOTO: ROGÉRIO REZENDE	88
FIG. 49 – PRAÇA DO CHAPÉU. FOTO: AIRTON COSTA JÚNIOR.....	90
FIG. 50 – CONIC: MANCHAS DE APROPRIAÇÃO NA ÁREA 2.....	91
FIG. 51 – APROPRIAÇÃO DOS SKATISTAS NO ED. DARCY RIBEIRO. FOTO: ROGÉRIO REZENDE 2012.....	93
FIG. 52 - SKATISTAS UTILIZANDO O FOSSO DO ED. DARCY RIBEIRO PARA MANOBRAS COM SKATE.	94
FIG. 53 BAR DO THAINÁ, ED. BOULEVARD CENTER. 2012. ROGÉRIO REZENDE.....	95
FIG. 54 BAR DO THAINÁ, ED. BOULEVARD CENTER. 2012. ROGÉRIO REZENDE	95
FIG. 55 ENCONTRO DE B-BOYS NO CONIC. FOTO: ROGÉRIO REZENDE	96
FIG. 56 ENCONTRO DE JOVENS SOB A MARQUISE DO ED. DARCY RIBEIRO. 2012 . FOTO: ROGÉRIO REZENDE	96
FIG. 57 ESPAÇO ARILDO DÓRIA. 2013. FOTO: ROGÉRIO REZENDE.....	97
FIG. 58 – LARGO DO TEATRO DULCINA – FOTO: AIRTON COSTA JUNIOR, 2013.	99
FIG. 59 CONIC: MANCHAS DE APROPRIAÇÃO NA ÁREA 3.....	100
FIG. 60- ESTÊNCEL FEITO NA FACHADA DO ED. MIGUEL BADYA – 2012 FOTO: ROGÉRIO REZENDE	102
FIG. 61- PICHACÕES E GRAFITE FEITOS NA FACHADA DO CINE ATLÂNTIDA – 2012 FOTO: ROGÉRIO REZENDE	102
FIG. 62- PAINEL GRAFITADO NO ED. DARCY RIBEIRO, FEITO PELO GRAFITEIRO ITALIANO MR. KLEVRA E O BRASILEIRO.....	103
FIG. 63 CONFECÇÃO DE PAINEL GRAFITADO. CONIC – FOTO: ROGÉRIO REZENDE	103

FIG. 64– GRAFITES NA FACHADA DO TEATRO DULCINA DE MORAES. FOTO: AIRTON COSTA JUNIOR. 2014	104
FIG. 65 EVENTO PROMOVIDO PELA LOJA KINGDOM COMICS PARA JOGADORES DE RPG . 2012. FOTO: ROGÉRIO REZENDE	105
FIG. 66 – APROPRIAÇÃO DO LARGO DO TEATRO DULCINA PELOS SKATISTAS FOTO: ROGÉRIO REZENDE	106
FIG. 67- APROPRIAÇÃO DOS CORREDORES DO CONIC PELOS SKATISTAS. FOTO: ROGÉRIO REZENDE	106
FIG. 68 – LARGO DA BOEMIA - FOTO: AIRTON COSTA JUNIOR.....	108
FIG. 69 - CONIC: MANCHAS DE APROPRIAÇÃO NA ÁREA 4. ELABORAÇÃO: AURTOR	109
FIG. 70- FOLDER DE UMA DAS FESTAS QUE ACONTECEM NO ESPAÇO GALERIA, NO ED. ACROPOL.	110
FIG. 71- FOLDER DE UMA DAS FESTAS QUE ACONTECEM NO ESPAÇO GALERIA, NO ED. ACROPOL.	110
FIG. 72- COMÉRCIO DE ARTIGOS RELIGIOSOS NO ED. BARACAT. 2012. FOTO: ROGÉRIO REZENDE	112
FIG. 73- COMÉRCIO DE ARTIGOS RELIGIOSOS NO ED. BARACAT. 2012. FOTO: ROGÉRIO REZENDE	112
FIG. 74- COMÉRCIO DE ARTIGOS RELIGIOSOS NO ED. MIGUEL BADYA. 2012. FOTO: ROGÉRIO REZENDE	112
FIG. 75- COMÉRCIO DE ARTIGOS RELIGIOSOS NO ED. ACROPOL. 2012. FOTO: ROGÉRIO REZENDE	112
FIG. 76 – MAPA DE ZONEAMENTO DAS APROPRIAÇÕES FEITAS PELOS RELIGIOSOS DO SD-S. FONTE: ROGÉRIO REZENDE	113

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, H. (1958). *A condição humana*. São Paulo: Companhia das letras.
- BAUDELAIRE, C. (1997). *Sobre a modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- BENÉVOLO, L. (1987). *As origens da urbanística moderna* (2ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- BENEVOLO, L. (1989). *História da Arquitetura Moderna* (2ª edição ed.). São Paulo: Perspectiva.
- BENEVOLO, L. (1983). *História da cidade*. São Paulo: Perspectiva S.A.
- BENJAMIN, W. (1985). *Paris, capital do século XXI*. (K. F.R., Trad.) São Paulo: Ática.
- BERMAN, M. (1986). *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. São Paulo: Companhia da letras.
- BRANDÃO, C. (2000). Linguagem e arquitetura: o problema do conceito. *Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo*, I (1).
- CARPINTERO, A. C. (1998). *Brasília: Prática e teoria urbanística no Brasil, 1956-1998*. São Paulo.
- CERTEAU, M. (1998). *A Invenção do Cotidiano* (3 Edição ed.). Petrópolis: Vozes.
- CHOAY, F. (2003). *O Urbanismo: utopia e realidades de uma antologia*. São Paulo: Perspectiva.

- COLQUHOUM, A. (2004). *Modernidade e Tradição Clássica - ensaios sobre arquitetura*. São Paulo: Cosac & Naify.
- COSTA, L. (1974). *I Seminário de Problemas Urbanos de Brasília*. Brasília: Comissão do Distrito Federal do Senado Federal.
- COSTA, L. (1995). *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes.
- COSTA, L. (1957). *Relatório do Plano Piloto de Brasília*. In F. LEITÃO, *Brasília, 1960-2010*. Brasília.
- COSTA, M., & LIMA, A. (2009). *Brasília 57-85 do plano piloto ao Plano Piloto*. In F. Leitão, *Brasília 1960-2010* (pp. 45-67). Brasília.
- CORBUSIER, L. (1993). *Carta de Atenas* (1 Edição (1941) ed.). (R. Scherer, Trad.) São Paulo: HUCITEC, EDUSP.
- DURKHEIM, E. (2007). *As regras do método sociológico*. In: M. Fontes (Ed.). São Paulo.
- FAUSTO, B. (2010). *História concisa do Brasil*. São Paulo: edUSP.
- FERREIRA, M. (2007). *A invenção da superquadra: o conceito de Unidade de Vizinhança em Brasília*. Brasília: Iphan.
- FRÚGULI, H. (2000). *Centralidade em São Paulo*. São Paulo, SP.
- FRAMPTON, K. (2008). *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes.
- GDF-Minc-IPHAN. (1985). *Síntese de Trabalho: Grupo de Trabalho para Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de Brasília*. (GDF/Minc, Ed.) Brasília.

GIEDION, S. (1968). *Espacio, tiempo y arquitectura* (4ª edição ed.). Barcelona: Hoepli.

GORELIK, A. (2005). *Das vanguardas a Brasília: Cultura Urbana e Arquitetura na América Latina*. (M. A. Pereira, Trad.) Belo Horizonte: Editora UFMG.

GOROVITZ, M. (1985). *Brasilia uma questão de escala*. São Paulo: Projeto.

HALL, S. (1999). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DPeA.

HARVEY, D. (2011). *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola.

HEYNEN, H. (1999). *Architecture and Modernity: a critique*. Massachusetts.

HEIDEGGER, M. (2010). *Construir, habitar e pensar*. In: M. Heidegger, *Ensaio e Conferências* (G. F. Leão, Trad., 6ª ed., pp. 125-141). Petrópolis: Vozes.

HOLANDA, F. (2010). *Brasília - cidade moderna, cidade eterna*. Brasília: FAU UnB.

HOLANDA, F. (2002). *O espaço de exceção*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.

HOLSTON, J. (1993). *A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia* (2 ed.). (M. Coelho, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.

JUCA, J. (1995). *Espaco e sociabilizacao : O desenho representado: a rua no contexto urbano e sua importancia espaco-social*. Brasília.

JACOBS, J. (2011). *Morte e vida de grandes cidades americanas*. São Paulo: Martins Fontes.

LYOTARD, J. (1988). *O pós-moderno* (3a Edição ed.). Rio de Janeiro: José Olimpo.

LEFEBVRE, H. (1991). *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes.

LEITÃO, F. . (2009). *Brasília 1960 2010*. Brasília: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente.

LEITÃO, F. e. (2010). *A infância do Plano Piloto : Brasília 1957 - 1964*. In: A. PAVIANI, *Brasília 50 anos da capital a metrópole*. (pp. 97-135). Brasília: Editora UnB.

LEITÃO, F. (2003). *Do risco à cidade: plantas urbanísticas de Brasília: 1957-1964*. Brasília, DF: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UnB.

NUNES, B. F. (2011). *A "sociologia" de um espaço urbano: Conic no Plano Piloto de Brasília.*, (p. 15). Brasília.

MUMFORD, E. (2002). *The CIAM discourse on Urbanism, 1928-1960*. London: MIT Press.

MUMFORD, L. (1961). *A cultura das cidades*. Belo Horizonte: Itatiaia.

MAFFESOLI, M. (1997). *O tempo das tribos urbanas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

MAGNANI, J. (2012). *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em atropologia urbana*. São Paulo: Terceiro Nome.

MEYER, R. P. (2001). *Os centros das metrópoles*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.

MENEGUELLO, C. (nov. de 2005). *O coração da cidade: observações sobre a preservação dos centros históricos*. *Revista Eletrônica do Iphan*

MILHOMENS, A. (2013). *Dissertação de Mestrado: Circular por Brasília: O percorrer do pedestre na cidade moderna*. Brasília: Universidade de Brasília- UnB.

P.L., M. (2011). *O espaço degenerado: ensaio sobre o lugar do travesti na cidade modernista*. Brasília: Departamento de Sociologia, UnB.

PAVIANI, A. (2010). *A metrópole terciária: evolução urbana socioespacial*. In: *Brasília 50 anos: da capital a metrópole* (pp. 227-251). Brasília: UnB.

PAVIANI, A. (2012). *Brasília, capital (ainda) polinucleada*. In: A. Xavier, & J. Katinsky, *Brasília: Antologia crítica*. São Paulo: Cosac Naif.

PAVIANI, A. (1985). *Brasília, Ideologia e Realidade. Espaço Urbano em Questão*. São Paulo: Projeto.

PAVIANI, A. (1989). *Brasília: A Metrópole em Crise. Ensaio sobre Urbanização*. Brasília: Universidade de Brasília.

POE, E. (1999). *Os melhores contos de Edgar Allan Poe*. São Paulo: Globo.

SABOIA, L. (2009). *Brasília and the modernist void: the central bus station and the struggle for cultural recognition*. Leuven La Neuve: Université Catholique de Louvain.

SABÓIA, L. (2011). *Brasília: discurso ou narrativa? Questões sobre preservação e identidade cultural*. 9º Seminário Docomomo Brasil .

SABOIA, L. (2010). *O vazio moderno e o reconhecimento de paisagens culturais: o caso da rodoviária em Brasília*. Colóquio Ibero-Americano

Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto. Belo Horizonte: MACPS/UFMG, UPM/Madrid, IPHAN, IEDS.

SENNETT, R. (1988). *O declínio do homem público*. São Paulo: Companhia das Letras.

SERPA, A. (2007). *O espaço público na cidade contemporânea*. Salvador: Contexto.

SOUZA, G. (1993). *Conic: Recuperação e integração com o centro urbano de Brasília*. Brasília: Projeto de Diplomação: Faculdade de Arquitetura - UnB.

ROSSI, A. (2001). *A Arquitetura da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes.

TAFURI, M. (1988). *Teorias e História da Arquitectura* (2ª edição ed.). (À. Brito, & L. Leitão, Trans.) Lisboa: Presença.

TEIXEIRA, M. (2013). *Presença Incômoda: corpos dissidentes na cidade modernista*. Brasília: Dissertação de Mestrado. Departamento de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Brasília UnB.

XAVIER, ALBERTO E KATINSKY, JULIO. (2012). *Brasília - Antologia Crítica*. São Paulo.

ZEVI, B. (1970). *História da Arquitectura Moderna*. (V. Martinho, Trad.) Lisboa: Arcádia.

ZEVI, B. (1996). *Saber ver a arquitetura* (5 edição ed.). (G. M. Maria Isabel Gaspar, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.

VELHO, G. (2013). *Um antropólogo na Cidade - Ensaios de antropologia Urbana*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.

VELHO, G. (1975). *A utopia urbana*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

VENTURI, R., BROWN, D., & IZENOUR, S. (2003). *Aprendendo com Las Vegas*. São Paulo.

VENTURI, R. (2004). *Complexidade e contradição em arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes.